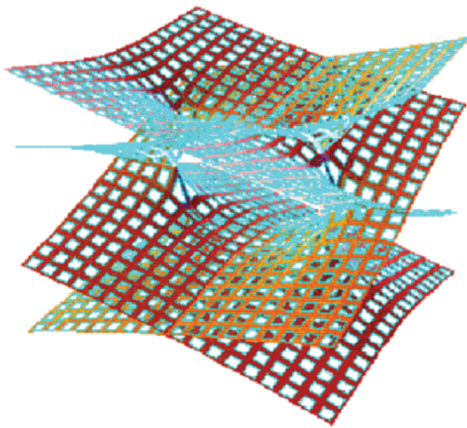


WUNSCH 26

BOLETIM INTERNACIONAL

DA ESCOLA DE PSICOANÁLISE DOS FÓRUMS DO CAMPO
LACANIANO

Março 2026



WUNSCH

Número 26, março 2026

**« REINVENTAR A PSICANÁLISE:
UMA ESCOLA PARA ATIVAR, ATRAVÉS
DA REPETIÇÃO, O NOVO »**

**JORNADA INTERAMERICANA DE
ESCOLA**

4 julho de 2025, Buenos Aires

**« O PASSE: EXPERIÊNCIA E
TESTEMUNHOS »**

**JORNADA DE ESCOLA DA
IV CONVENÇÃO EUROPEIA DA EPFCL**

12 de julho de 2025, Veneza

EDITORIAL

*Dyhalma N. Ávila-López
Secretária do CIG 2025-2026 para as Américas
Porto Rico*

Com o mesmo entusiasmo e alegria com que, ao publicar o último número do nosso Boletim Internacional, os colegas do CIG anterior comemoravam o primeiro quarto de século do «desejo de Escola» na comunidade da EPFCL, os membros do atual CIG 2025-2026 temos o prazer de partilhar com vocês este número 26 da Wunsch, que marca o início do que bem poderia vir a ser um segundo quarto de século de aposta em sustentar a proposta elaborada e reelaborada, lançada e relançada por Lacan¹ a partir do seu ousado ata/ato de fundação de 1964. Nesta edição, encontrarão os interessantes trabalhos apresentados no ano passado, durante as nossas duas principais atividades da Escola, após o Encontro que acompanha os Encontros Internacionais: as Jornadas realizadas, também a cada dois anos, no âmbito do Simpósio Interamericano e da Convenção Europeia. Os textos apresentados na Jornada Interamericana foram chamados a orientar-se por uma pergunta em torno desta consigna que Lacan² nos deixou, no final do seu ensino: «reinventar a psicanálise». A pergunta, que também é um convite, é a seguinte: como fazer para, no trabalho da Escola, «ativar, com a repetição, o

¹Lacan, J. Ato de fundação, In: In: Outros Escritos, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2003, p.235-247

² Lacan, J., “Intervenção sobre a transmissão”, Acheronta, no 17, julho de 2003, <https://www.acheronta.org/lacan/9congresefp.htm>.

novo ?». Por sua vez, os textos da Jornada Europeia foram convidados a abordar o assunto primordial que anima esse trabalho da Escola, o dispositivo do passe, a partir de dois significantes que captam a essência do que está em jogo na enigmática invenção de Lacan: «experiência» e «testemunhos».

Boa leitura a todos!

REINVENTARE A PSICANÁLISE :
UMA ESCOLA PARA ATIVAR,
ATRAVÉS DA REPETIÇÃO, O NOVO

JORNADA INTERAMERICANA DE
ESCOLA

4 DE JULHO DE 2025, BUENOS AIRES

ABERTURA

Dybalma N.Ávila-López
Secretária do CIG 2025-2026 para as Américas
Porto Rico

Bom dia a todos e todas, e muito obrigado por nos acompanharem nesta manhã, em que damos início aos trabalhos concernentes a celebração do *6º Simpósio Interamericano da Internacional dos Fóruns do Campo Lacaniano*, com esta Jornada da Escola, para a qual, como sabem, escolhemos o título: *REINVENTAR A PSICANÁLISE: Uma escola para ativar, através da repetição, o novo*.

Por uma contingência, que parece evocar algo da questão da “repetição” e do “novo”, cabe-me pronunciar estas palavras de *abertura* da Jornada, assim como me coube pronunciar as que *encerraram* o último Simpósio, que tivemos o grande prazer de organizar, há dois anos, a partir do Fórum de Porto Rico. Menciono esse fato fortuito como pretexto para destacar o que sua estrita literalidade sugere. Pode-se dizer que aponta para o que está subjacente, no mais básico, ao que nos levaria a participar de um espaço como este: uma mudança de posição. Uma mudança que implica fazer um certo “encerramento” de uma primeira etapa em nosso percurso e passar de participar principalmente de espaços ligados à comunidade mais ampla dos Fóruns para uma próxima etapa de “abertura” a uma maior participação em espaços chamados “de Escola”, que – nas palavras de Colette Soler, durante um seminário do Colégio Clínico do nosso Fórum, em 2023 – pertenceriam a um âmbito integrado, em princípio, por analistas e não mais por analisantes.

Ao contrário do que acontece com as Jornadas da Escola das *Convenções Europeias*, cuja organização está a cargo dos membros cessantes do Colégio Internacional da Garantia, deste lado do Atlântico, quem assume a tarefa são os membros entrantes do CIG, que somos, durante este mandato: pela *Zona América Latina Norte*, Dyhalma Ávila, do *Fórum de Porto Rico*; pela *América Latina Sul*, Gabriel Lombardi, do Polo Buenos Aires do *Fórum Argentino* e Gabriela Zorzutti do *Fórum do Colorado*; e pelo *Brasil*, Ida Freitas do *Fórum de Salvador* e Adriana Grosman do *Fórum de São Paulo*. Assumimos essa tarefa com muito entusiasmo e, desde o início, tivemos como objetivo organizar um espaço de trabalho que conseguisse “animar a Escola”.

Orientados por esse desejo, na primeira reunião do que, com um toque de humor, batizamos de CIG-A – sigla de CIG-Americano, que, em ressonância, nos convidava a manter um trabalho que prosSIGA – esboçamos, segundo minhas anotações, esta proposta geral tripartite:

- 1) Convocar vários *membros fundadores* dos Fóruns e da Escola para falar sobre a história, a partir da perspectiva do “que eles criaram a partir da repetição”, e fazê-lo de uma maneira que, para os mais jovens, não fosse “críptica”, mas “convidativa”;
- 2) Convidar os atuais *AE* das Américas a abordar os “problemas cruciais da psicanálise”, especificamente em relação às dificuldades que implica sustentar o testemunho durante um período de três anos, e a uma pergunta que poderia ser um pouco incômoda: o que faz o AE, “além de testemunhar”, como parte de sua função de transmissão da causa analítica; e

- 3) Solicitar a alguns outros colegas – *AME* e *passadores*, por exemplo – que compartilhem uma elaboração em torno da questão da autorização do analista, partindo de uma pergunta muito pontual: a que nos referimos quando dizemos que tal autorização requer uma “destituição subjetiva”.

Independentemente desses eixos temáticos, ficou acordado que o essencial seria pensar as três mesas como espaços de conversa e debate, que suscitasse um “trabalho vivo” da Escola, em torno das questões levantadas.

Nas reuniões seguintes, continuamos a debater a ideia de “a repetição, nova”, até chegarmos ao título definitivo. Também concordamos em concluir com uma mesa plenária de debate, concebida como um “encerramento que abre”, e para a qual decidimos convidar, para animá-la, membros da nossa *Comissão Local de Garantia*, a CLGAL. Da mesma forma, finalmente chegamos ao programa definitivo, depois de “reinventá-lo” um pouco em função do “novo” que surgiu no processo, como a feliz possibilidade de convidar dois AE da Europa que, como membros do atual CIG, viajariam a Buenos Aires para participar de cartéis do passe, nos dias anteriores à Jornada.

Também como parte do processo de organização, era necessário acompanhar a divulgação do Programa com algumas palavras de apresentação. Estas foram orientadas pelas que Lacan dirigiu à Escola Freudiana de Paris em 1978, por ocasião, não de uma abertura, mas de um encerramento: o de seu nono Congresso, que girou em torno do tema “*A transmissão*”. Embora muitos, talvez, já tenham lido tanto essa exposição de Lacan quanto nossa *Apresentação*, me pareceu oportuno – por assim dizer, evocando Freud – “recordar, repetir e elaborar” algo do que foi apresentado ali.

De acordo com Lacan, essa “reinvenção da psicanálise” que, após quase meio século, o título da nossa Jornada evoca, não é uma questão que o psicanalista possa considerar como opcional ou discricionária. Não é algo que possamos simplesmente escolher fazer ou não. Pelo contrário, é algo a que todos seremos “forçados”. A razão? Esse fato, qualificado por Lacan¹ como extremamente “fastidioso”, e que continuamos constatando, uma e outra vez, a cada novo esforço para realizar um trabalho da Escola: o “intransmissível” da experiência da psicanálise. A afirmação de Lacan sobre o caráter inerentemente difícil e, portanto, molesto, de nossa tarefa se enquadra em uma questão específica: aquela relativa a que a transmissão seria possível alcançar por meio de um testemunho sobre a maneira pela qual “se torna analista”. Em outras palavras, aquilo que faria com que, depois de ter estado na posição de analisante, se passasse para a de analista. A essa pergunta, como sabemos, Lacan já havia tentado responder, uma década antes, ao instituir, com sua *Proposição*² de 1967, o enigmático dispositivo do passe, que em nossa Escola trabalhamos tão arduamente para continuar sustentando e esclarecendo. Em relação a este ponto, faço uma breve pausa para lembrar que, alguns anos mais tarde, no *Comunicado do Júri de aprovação a todos os membros da Escola*, Lacan³ diria, referindo-se ao passe: “atualmente não sabemos nem o que é”. Será que hoje sabemos melhor...?

Voltando ao exposto em 1978, o que Lacan considera fastidioso tem duas vertentes: por um lado, está a *intransmissibilidade* da psicanálise em si mesma; por outro, o efeito dessa

¹ J. Lacan, “Intervención sobre la transmisión”, *Acheronta*, n.º 17, julio de 2003, <https://www.acheronta.org/lacan/9congresefp.htm>.

² J. Lacan, “Proposición del 9 de octubre de 1967 sobre el psicoanalista de la Escuela”, en *Otros escritos*, Buenos Aires, Paidós, 2016, pp. 261-277.

³ J. Lacan, “Comunicado del Jurado de Confirmación a todos los miembros de la Escuela (1969)”, *Wunsch* n.º11, pp. 71-73, <https://www.champlacanian.net/public/docu/3/wunsch11.pdf>.

intransmissibilidade. E esse efeito, sublinhará Lacan, é necessário; é um efeito que “é preciso”. De que efeito se trata? Daquela reinvenção que cada analista será obrigado a empreender. Lacan acrescenta, aliás, que é precisamente isso que já o levou a declarar-se “decepcionado” com o dispositivo que ele mesmo instituiu. Talvez seja esse outro assunto que se poderia discutir nestes espaços: os “decepcionados com o passe” ... em nossa Escola.

Agora bem: o que, exatamente, é que, para Lacan, cada um precisa reinventar? O que deve ser reinventado, segundo sua indicação, é o seguinte: “a maneira como a psicanálise pode durar”. E esse desafio é algo que todo analista terá que assumir, é claro, a partir do “que tenha conseguido retirar do fato de ter sido um tempo psicanalisante”. Somente a partir daí, a partir da própria experiência, poderá se efetuar a inevitável reinvenção de que fala Lacan.

Algo adicional, que ressoou particularmente no que Lacan expõe ali, é seu comentário a respeito de que essas são questões às quais ele tentou dar “um pouco mais de corpo”, recorrendo a diversas escrituras – como, por exemplo, a do Outro barrado pelo Significante. Dizíamos na *Apresentação* da Jornada – e vale a pena repetir aqui – que, tomando essa expressão de Lacan, podemos apontar para o que nos propusemos como finalidade ao organizá-la: *estimular, animar e avivar*, dando mais “corpo” ao nosso trabalho de Escola em torno *disso* que Lacan nos convoca a reinventar. Também dizíamos que, embora – como nos foi advertido, e verificamos em nossa experiência – lidar com o *intransmissível* da psicanálise não possa deixar de nos resultar fastidioso, continua e continuará sendo necessário que estejamos dispostos a assumi-lo. Mas a aposta, certamente, não poderia ser a de fazê-lo a partir do fastidioso. É fazê-lo a partir do entusiasmo, o que buscamos impulsionar com esta Jornada, ao propor, como essência do que está em jogo, “ativar, na repetição, o novo”. A proposta me evoca esta imagem: o vaivém das ondas do mar, que “repetem” seu movimento, mas nunca poderiam fazê-lo exatamente da mesma forma, nem chegar exatamente ao mesmo ponto. Um movimento que se *re-nova* e se *re-lança* a cada repetição.

Vamos, então, dar início aos nossos trabalhos, que consistirão em duas mesas durante a manhã: *Tempos do AE, depois de testemunhar: o que?*, onde uma das AEs das Américas estará acompanhada por nossas convidadas da França, e *Do que falamos como falamos de destituição subjetiva?* com representação das Zonas ALS e Brasil; seguidas à tarde por outras duas mesas: *A repetição, o novo* e a Plenária-Debate, onde nossas três Zonas estarão representadas.

Apostamos que esta seja uma *nova* oportunidade para um por um, mas não sem os outros, *re-novar* o desejo de *ativar* nossa Escola – hoje em particular a partir de seus laços interamericanos –, algo que exige que não fiquemos na mera *repetição*, mas continuemos encontrando aquilo que é *novo*, que nos permita continuar “fazendo caminho” e não simplesmente “andar”. Tenho bem presente que não é novidade recorrer à repetição dessas palavras de Machado, que tantas vezes ouvimos. No entanto, permito-me fazê-lo, pois foi a outra coisa que – assim como a imagem das ondas do mar – me veio à mente enquanto escrevia, e talvez elas sejam “novas” ao serem evocadas neste contexto. Poderíamos muito bem dizer que, se concordarmos com Lacan, é justamente esse o caminho que temos de percorrer: aquele que podemos traçar com nosso próprio fazer, um fazer com o qual teremos de continuar “reinventando a psicanálise”, cada vez.

Agradeço por nos acompanharem nessa aposta.

Tradução: Dyhalma N. Ávila-López

Revisão: Ida Freitas

MESA 1: TEMPOS DO AE: DEPOIS DE TESTEMUNHAR, O QUE?

A contingência conta

*Adriana Grosman
AME, CIG 2025-2026
Brasil*

Apresentação da mesa

Primeiramente, agradeço a presença de nossas convidadas, Constanza Lobos, Dimitra Kolonia e Christelle Suc, AES, que estão quase no final do seu tempo de função de Analistas de Escola e assim poderiam dizer algo sobre este tema, proposto para esta mesa, com a pergunta: tempos de AE, depois de testemunhar, o quê? Não posso deixar de agradecer o lindo acaso de termos duas européias que também em função no CIG, estariam cruzando o oceano para o cartel do passe que acontece a segunda vez em Buenos Aires. Aproveitamos esta coincidência para tê-las em nosso simpósio interamericano, ao que elas responderam entusiasmadas.

O título desta mesa nasce de uma conversa interessante entre os integrantes do CIG América, onde pensamos que o testemunho é algo para no seu tempo ser descolado, no início, ele tem uma importância, na maioria deles e com o tempo algo se depura daí, e assim, o que aparece do analista? O que resta? 'Além do testemunho, o quê?' Acende o fazer do analista, e qual seria este fazer?

O AE de alguma forma anima estes espaços de escola, a partir do seu percurso, de uma análise que chegou ao fim e onde se descobre que algo funcionou, porque foi transmitido, ou seja, escutado pelo cartel do passe. Como este saber é conhecido por ser intransmissível, o passante tenta dizer, além dos ditos, algo desta passagem de analisante à analista. Muitas vezes se dá a ver a análise que pode tocar a verdade mentirosa, verdade insabida, mas ainda assim, esse não é o bastante para uma nomeação acontecer.

Aí aonde se chega para a nomeação, este algo a mais que o cartel do passe escuta não é facilmente revelado. Algo desafina, sai da fala, despona, destoa e isso de um desejo tão bizarro 'dá as caras'. Produto de uma análise, desejo do analista, balsamo de Real, faz, como sabemos, o AE falar até gastar para transmitir o impossível de dizer, seu pequeno achado.

Ouvindo uma AE que cansou de sua repetição ao testemunhar ao público, me interroguei, como uma fala partindo deste lugar, pode ser a mesma e cansar, sendo que se abre um impossível a desbravar. Ainda desconhecadora do desejo em causa, naquele momento, mas nomeada um tempo depois, invento uma forma, inicialmente com esta 'preocupação' de não cansar e ao transmitir me toco como a fala dos outros me causam ao serem causados pela minha própria, e como me animo a avançar para tentar dizer algo mais, nunca suficiente. As perguntas que me fizeram ao longo da transmissão, testemunho, já indicavam um caminho de continuar a escrever, impulsionada pelo desejo de analista, onde foi notado; mais além do testemunho porque este se depura como um bom vinho, o aroma da mistura que um dia lhe deu consistência sobra, faz uma borra, mas ao degustar cada um é um e sozinho com seu

paladar, olfato e gesto de apreciar; decantam as palavras, suas histórias e sobram borras, fica a essência, um resto sempre difícil de alcançar, nunca certo, mas único.

Esse resto transmite-se disposto a passar por entre os caminhos apertados, por entre as palavras sem controle algum. Vamos tentando.

E assim, trabalhando no CIG, como disse, surge a proposta e convite para as AES, para falarem do que se colhe agora, neste outro tempo. Para falarem disso, além do testemunho, o quê?

E antes de passar a palavra à mesa, gostaria de apresentar a nossa mais recente nomeada AE, Agustina Cedolini, que está com a gente hoje e logo dará seu primeiro testemunho.

Conversa com a mesa

Agradeço demais vocês, muito interessante ouvi-las, vocês em suas respostas, resposta de analista, quero dizer, parafraseando C. Soler “a resposta esperada se a tomamos no sentido forte da palavra é aquela que alcança a resposta do real, a que Lacan evoca no sem...”...ou pire” – pela qual se garante o real” não pode ser sem ele. Cito-a: “a psicanálise se encontra à mercê das respostas do analista, portanto, os psicanalistas são responsáveis não apenas pela posição do inconsciente, como dizia Lacan em 64, mas sobretudo pela existência do discurso do analista, já que este discurso depende totalmente de suas respostas”¹.

Vamos a elas, Constanza responde evidenciando o trabalho de escola, de que forma ele se impõe? E a partir daí, diferencia o trabalho de escola do AE e do membro de escola, por este primeiro estar vinculado ao desejo de analista, o qual é “indissociável” de uma formação. E ainda, que o trabalho de escola é necessário para sustentar o ato psicanalítico, não parece algo óbvio, ela aponta para o sentido que a psicanálise é uma prática outra, do furo e não do “bom sentido”, algo desta relação com a causa analítica, a escola como base de operações para um trabalho que segue em direção diferente, que desta forma, desacomodaria o analista? Seria este o caminho? Que o deixa com vertigem, no arriscar-se em cada encontro, trabalho d-ES-cola e você usa o jogo de palavras de escola, coar, peneirar, que deixa alguns restos na forma de descompletar, esvaziar. E, por último, apresenta um paradoxo muito interessante, na frase: ‘velar pela contingência’, justamente o que é da ordem do impossível. O que pensou para esta construção, ‘o trabalho de escola vela pela contingência’? E desta relação, da passagem para o “não penso” do ato, com o trabalho de escola?

Dimitra responde inicialmente falando da temporalidade dos testemunhos e pergunta o que testemunha o AE? Certamente diferente do passante, porque passa de um testemunho de uma análise singular, a sua, para pensar a análise como processo, “De um(passante) ao outro (AE)”; uma experiência estruturada com os problemas cruciais que ela implica; assim este momento que chama de momento de abertura do inconsciente, diz que a nomeação de um AE tem como efeito fazer existir esse momento, mantê-lo aberto de uma maneira instável, durante o tempo da função, esta abertura efêmera onde o AE é convidado a trabalhar em apneia, com um impulso de iluminar o passo que deu ao ocupar o lugar do psicanalista (citação linda do discurso à EFP), lindo! E, assim, propõe que o dispositivo do passe, pós testemunho, permite passar de uma identificação (sem saber como fez) a um avistamento (*reperage*), e que o AE testemunha esta necessidade, necessidade de um saber que diga o que é psicanálise. Conclui

¹ Soler, C., Interpretação – As respostas do analista; Opção Lacaniana, n.13, 1995, p. 23.

com a importância da escola, sem deixar de fora, a precariedade do lugar do AE. Lhe pergunto, como sustentar a precariedade deste lugar de AE e esta produção outra, necessidade de saber? E ainda, você mesmo se pergunta o que muda com este avistamento e a que nível, sobretudo porque o ato se produz dentro de uma análise, dá para falar algo mais?

Christelle responde de cara que o testemunho não é a narrativa da mitologia neurótica, “a gente não está nem aí para isso”, então, o quê? Há um passo a ser dado, um ato que faz surgir o psicanalista. O analista é orientado por um fracasso, um fracasso que dá certo, ele está livre do ser, o (a) livre. Há, portanto, uma passagem do analisante à analista, da posição de sujeito à objeto, e é disso que testemunhamos, mas se isso não pode ser dito, será que pode ser ouvido? É a passagem que faz o caminho, e não o contrário e ela tem efeitos, propõe um caminho para essa construção, de sua mitologia a sua mito-lógica, trata-se de fazer o furo, e como mantê-lo aberto sem recobri-lo? Ótima questão, poderia avançar? Condição para estar aberto à surpresa, fazer furo, função do AE como operário, artesão da psicanálise, como o sopro do desejo que não cessa de produzir, “mordido” que está. E assim faz-se escola? Você diz, ora analista de escola, ora analisante de escola. Como pensa o analisante de escola aí?

Ouvindo estes pós-testemunhos, respostas de analista, estabeleço várias perguntas; já formuladas na própria resposta, e mais que isso, um trabalho de escola se fazendo, de onde “algum saber” se destaca, seja uma borra especial, ou até um objetinho minúsculo, algo se escuta de um AE nesta transmissão impossível.

Obrigada!!

Passo a palavra a vocês e em seguida à mesa.

Mito-lógica

Christelle Suc
AE 2022-2025, CIG 2025-2026
Albi, França

E então? O AE, depois do testemunho, o quê?

O testemunho não é a narrativa da mitologia neurótica. A gente não está nem aí pra isso! Testemunhar não é relatar o caso, mas fazer ouvir o que uma análise levada a termo produz: "o momento em que uma psicanálise se resolve [...] é preciso, bem ou mal, que o passo se resolva"¹. O que pode, por ocasião do fim da análise, fazer surgir o psicanalista, é um ato"².

O testemunho é uma questão de estrutura, não de historieta. Por isso, é antes mito-lógico!

O AE testemunha, não sobre sua experiência, mas a partir dela, e Lacan diz, a propósito do analista, que ele "saberá, se fazer uma conduta" a partir dessa experiência³. É ter "opersabido"⁴ algo em sua própria cura que orienta o analista em sua prática e permite a "operância" analítica. "Opsabido" é um neologismo de Lacan que engloba o percebido e o sabido que opera. Não é uma questão de palavra, mas de corpo. O fragmento de real ao qual somos reduzidos no fim da análise não se pode dizer nada dele, mas se pode servir-se dele. "A questão do saber do psicanalista não é saber se isso se articula ou não, mas de saber em que lugar é preciso estar para sustentá-lo"⁵.

Pois, diz Lacan, "não há psicanalisado, há um ter sido psicanalisante, do qual resulta apenas um sujeito advertido"⁶. Outra formulação, mesma lógica. Então, de que nos fazemos uma conduta? De que estamos advertidos? Bem, disso que vai se passar, porque nós mesmos o passamos. Então, seria o analista um adivinho? Um pregador?

Não, nada é previsível, é um por um. Mas a estrutura tem invariantes (como diz Colette Soler), o analista experimentou a lógica da estrutura, a impossibilidade inscrita no "bilhete de entrada". A experiência de que há um saber que não se sabe, mas que, longe de ser um obstáculo, serve de alavanca. Nenhuma decifração esgota o inconsciente. O analista é orientado por um fracasso, que dá certo! Ele "está no perfume"⁷, diz Lacan. "Estar no perfume" é uma expressão francesa que, quando buscamos sua definição, encontramos: "estar livre". Livre do ser, o (a)livre. Um quarto de volta nos discursos.

¹ J. Lacan, (1969) Pronunciamento na Escola, In: *Outros Escritos*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed, 2003, p. 299

² J. Lacan, (1967) Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola, In: *Outros Escritos*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed, 2003, p. 255.

³ J. Lacan, (1972) O aturdido, In: *Outros Escritos*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed, 2003, p. 489.

⁴ Nt.: em francês o neologismo é "opersçu" e que joga com a homofobia entre "apersçu" (perceber, dar-se conta) e "operér" (operar, fazer com), mas que ressoa também com "su" (particípio do verbo saber). Optamos por traduzir por "opersabido" para tentar manter as três acepções que o termo engloba.

⁵ J. Lacan, (1971-72) *Estou falando com as paredes*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed, 2011 p.36

⁶ J. Lacan, *L'Acte psychanalytique*, Paris, Seuil, 1968, p. 245

⁷ Nt.: a expressão em francês é "être au parfum". Além do significado apontado pela autora, encontramos que se utiliza para dizer de alguém informado, que sabe de uma informação importante ou um segredo. Em português poderia ser "estar a par", mas como perderíamos aí justamente o perfume, que implica os sentidos do corpo, optamos por manter a tradução literal do francês"

Passagem de analisante a analista, portanto: da posição de sujeito à de objeto. É disso que testemunhamos. Mas se isso não pode ser dito, será que pode ser ouvido? O testemunho é o que pode passar através da enunciação, os ditos furados, isso não vai sem dizer — será meu tema em Veneza, então não vou desenvolver aqui, mas é um ponto essencial. No espaço, um ponto é um lugar. O AE fala a partir de um lugar, de sua borda, é “topo-lógico”. De lá de onde surge o dizer, parafraseando Lacan, proponho: O AE é sua enunciação. A enunciação é o que ultrapassa o AE e que, ao mesmo tempo, é o mais íntimo e o mais estranho, é o que tem chance de portar, isto é, de fazer corte. O AE não é um tapa-buracos, mas portador do buraco. AE: nome comum da falha no saber.

Propus com Dimitra um cartaz para o “Espaço AE” na França, uma cadeira furada, cadeira onde se senta o analista. Nada confortável (*pépère*), o analista, sem rotina, sem instalação confortável para cochilar, ele está “aberto à surpresa”⁸. Essa cadeira furada não é a do funcionário do discurso analítico. Porque, no fim das contas, é possível que uma análise produza um analisado funcionário do discurso, confortavelmente instalado, que faz uma “grana”, mas não “do psicanalista”. Para que haja psicanalista, é preciso o corpo e o ato, uma mudança de posição, mudança de posição em ato, portanto, algo radicalmente novo.

Então o ato, a passagem em ato do passe clínico, muda o sujeito definitivamente. A análise não forma, ela trans-forma. Não há volta possível. Isso tem seus efeitos. Quando se atravessa a soleira de uma porta, ao mesmo tempo se sai e se entra, mas não se sai como se entrou. Franqueamento.

Vamos fazer um pouco de mito-lógica:

Eu estava engajada como psicóloga no serviço público, muito dedicada a servir os outros, um verdadeiro engajamento!⁹ Queria salvar o outro e o mundo, já que estava aí para isso! Trabalhava na assistência social à infância, posição fálica sustentada pelo desejo de (dois). Até o momento em que, pela equivocidade, ouvi que o serviço é o “vício que serve” (serviço/*service*¹⁰). Não havia nada do Outro nisso: tratava-se apenas de mim, salvar o Outro para me salvar, para me dar consistência. Com o “*opersabido*” do “*ro-mance*”¹¹ (em francês um equívoco que faz ouvir a mentira) que eu mesma havia tecido, houve a queda do ideal, fim do desejo de (dois), atualização da solidão radical no coração do sujeito. Virada. Passagem em ato: pedi demissão do serviço público para atender no consultório privado. Do “*ser-vice*” (eu escutei que o serviço é o vício que serve) ao fora-de-serviço do fantasma, ele não me serve mais. “Privada”: eis a possibilidade aberta de lidar com a falta, a falta constitutiva. O gozo passa ao título do um, não mais do Outro. Com essa possibilidade, melhor dizendo, disposição, pois trata-se de uma mudança de posição, é preciso ceder lugar ao outro sem obter um *feedback* narcísico insabido, uma alimentação do fantasma. Tela quebrada, revela-se o entalhe estrutural: possibilidade ofertada de acolher a palavra do analisante. Quando a reivindicação de ser não é mais uma questão, torna-se possível oferecer-se como função, função de causa. *Presto-me* ao outro; passei de *servi-los* a *servir-lhes*. Trata-se de não mais estar ou querer estar em posição de exceção, mas contar-me como uma entre outras, uma qualquer, que permite o movimento... em ato.

O analista suporta a divisão; ele pode se colocar no lugar mesmo onde o saber falta, para

⁸ J. Lacan, Problèmes cruciaux pour la psychanalyse, Paris, Seuil, 19 de maio de 1965, p.299

⁹ Nt.: no francês “*engage-ment*” em que a terminação “*ment*” é homofônica do verbo mentir.

¹⁰ Nt.: “*vice*” que, em francês, significa “vício”

¹¹ Nt.: em francês “*roman*”, que também é homofônico de “*ment*”

permitir ao analisante construir seu próprio saber até o *curto-circuito*. De sua mitologia ao *mitológico*. Da lógica do significante àquela da estrutura. Bâscula.

O movimento, a passagem a analista, produz efeitos tangíveis na maneira como conduzimos os tratamentos. Usamos um saber, não que se *aprendeu*, mas, sim, que se *a-preendeu*. Do compreendido (*compris*) ao corpo apreendido (*corps pris*) se opera uma modificação, uma novidade no modo de se fazer presente que, por definição, não pode ser posto em palavras, mas se manifesta, se experimenta. Nas intervenções também. Antes, eu me calava – Já era teoricamente lacaniana, poderia dizer! Era uma vontade de deixar lugar ao outro, mas meu inconsciente estava em jogo, ele *vinha com tudo*¹², se me permitem o trocadilho. Com o fim da análise e o corte, acontecimento de corpo, estampilho de gozo, encontro do silêncio no coração do sujeito. Silêncio, marca no corpo que inscreve o intervalo, aquele do sopro. A possibilidade de se calar não está mais do lado da retenção e abre também, de forma inesperada, à possibilidade de não se calar. Então, o analista intervém, falando ou calando-se, não para produzir mais, mas menos. Isto é, não para saturar o sentido, mas para eliminá-lo. A interpretação não visa produzir sentido, mas visa o gozo. Intervir também para sustentar, nos começos, a palavra analisante, para histerizar o discurso, fisgar a transferência, suscitar a vontade de dizer mais, mais do que o previsto, oportunidade de fazer ressoar o não convidado que penetra. É a busca do sentido que ancora o analisante, gozo do sentido (*jouir-sens*). O analista, por sua vez, visa o Real, efeito da cura, mas antes há as voltas e rodeios dos ditos que esburacam. Não se vai mais rápido que a música. Mas ela pode dissonar... O equívoco faz ressoar algo além da significação à qual o analisante – o neurótico, esclareço – se agarra. Golpes de canivete na fixidez do discurso ronronante. Com o corte, a sonoridade da língua ecoa no corpo. Possibilidade, com o cristal da língua e sua reflexão (reflexão que em física significa uma mudança brusca de direção), de fazer soar algo além do sentido, outra coisa que o sentido sem saída em eu se perde aquele que tenta se encontrar aí. Pois o sentido, sabemos por experiência, alimenta-se muito bem sozinho. Tonel das Danaides. Infinito anunciado. O equívoco, por sua vez, des-eixa, des-sexa. Não há relação. Sair do sulco do sentido, de sua exaltação e do seu grude. Com a análise e sua conclusão, passagem do rébus – o que há para decifrar – ao rebotinho, aquilo que resta quando a adivinhação perde o sentido. O rebotinho é o que cai do rébus.

Quando não se trata mais de pensar sua psicanálise, abre-se a possibilidade de pensar a psicanálise, de estar em um trabalho de elaboração. Novo engajamento na causa analítica, relação vivificada com a Escola. Função do AE. Pensar a psicanálise, com "a" minúsculo, pois não há "A psicanálise" com maiúscula, saber totalitário e totalizante.

Retomo coisas que já disse em Paris:

A psicanálise é um discurso, um modo de laço social que "tem outra consistência que os outros discursos. É um laço a dois. É justamente aí que ela ocupa o lugar da inexistência da relação sexual"¹³.

A psicanálise é um discurso e uma prática. Como disciplina, encontra sua fonte e desdobramentos no próprio exercício da prática analítica. Pensar a psicanálise como disciplina se faz a partir da prática da análise, da experiência, dos dois lados do divã, podemos dizer, como analisante – a análise que fizemos, e como analista – as análises que conduzimos.

Há, portanto, uma ligação direta em fluxo duplo entre a psicanálise como disciplina e a análise

¹² Nt.: em francês "*battait son plein*" que significa "batia seu recorde" mas que também coloca em jogo o "pleno". Daí que optamos pelo "vir com tudo" para evocar a ausência da falta.

¹³ J. Lacan, A Terceira, Paris, Navarin Editeur, 1974.

como tratamento. São "solidárias uma à outra"¹⁴; uma não vai sem a outra. Pensar a psicanálise é uma necessidade ético-lógica, pois o exercício não se faz sem pensá-lo (no só-depois) com o que não se pensa, mas opera. Pensa-se a psicanálise, então, a partir de nossa própria experiência, mas pensar a psicanálise não se faz sem seu exercício. São indissociáveis, porém não equivalentes, não convocam o mesmo lugar. Avesso e direito moebianos?

"É (no entanto) indispensável que o analista seja ao menos dois: o analista para ter efeitos, e o analista que teoriza seus efeitos"¹⁵. Pensamento e *pr-actique* (*pr-actique*), e vice-versa.

Pr-ática (*pr-actique*) pela prática do ato, coração da prática analítica. Mas o ato só advém ao não pensar, a-pensado, com "a" privativo. Em seu ato, o analista está só, está até sem si. O ato engaja a divisão. Pensá-lo só se dá no só-depois. No só-depois, pensa-se o trabalho engajado no um a um – em supervisão, por exemplo, pensar o trabalho permite continuar a engajá-lo no bom sentido, o da direção, isto é, no sentido do analisante.

Pensar a psicanálise só se faz, para cada um, a partir "de son propre cru"¹⁶, ou seja de seu próprio terreno, e do cru, o que nada pode recobrir: o sem véu, indelével, horror do saber. Mas também a partir do que nos ensinam nossos pacientes e do ensino de Lacan, Freud e alguns outros.

A psicanálise, portanto, só pode ser pensada a partir do tratamento, do seu próprio e daqueles que conduzimos, do que nos tem e nos ensina. Talvez se possa propor que pensar a psicanálise se faz a partir do que se prova (nos dois sentidos, do que se experimenta e faz prova).

Com o "para quê" pensar a psicanálise, vêm o "como" e o "de onde". Eis-nos com três fios para trançar. Trança (*tresse*) — anagrama de "ser-se" (*s'être*) e "restos" (*restes*) — que só se faz a partir do que caiu. Trança: outro nome do nó, o nó que serve e cerra.

Mas a psicanálise, diz Lacan, é "intransmissível". "É preciso que cada psicanalista reinvente, a partir do que conseguiu extrair do fato de ter sido um tempo psicanalisante, a maneira como a psicanálise pode durar"¹⁷.

Pode-se pensar a psicanálise, mas não o inconsciente — pois, por definição, ele não só é impensável, mas impensado. No entanto, não basta contentarmo-nos em dizer que ele é inefável e intransmissível, embora dizê-lo já seja algo, pois indica um impossível. Mas se ficássemos aí, a psicanálise flertaria com o místico-esotérico, e só nos restaria fazer cerimônias ou encantamentos tomando chás!

O inconsciente, de fato, "não é um saber que se sabe". "O inconsciente sabe vocês"¹⁸, reversão proposta por Lacan. Com o real, nada de som, nada de imagem.

¹⁴ J. Lacan., (1968), Introdução de Silicet no título da revista da Escola Freudiana de Paris, *Outros escritos*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed, 2003 p. 288

¹⁵ J. Lacan, Seminário RSI, inédito, lição de 10/12/74.

¹⁶ Nt.: "cru" é um termo utilizado em francês para definir um vinhedo ou conjunto de vinhedos de qualidade reconhecida, especialmente na Borgonha. Lacan usa a expressão para se referir a algo que é cultivado de si mesmo, por si mesmo. Optamos por manter o original para não perder o a homofonia com "cru" (sem cozimento suficiente, mas também sem piedade, feroz), que em português tem a mesma grafia do francês.

¹⁷ J. Lacan. Cartas da Escola, n°25, » Boletim interno da Escola freudiana de Paris, volume II, A Transmissão, junho 1979.

¹⁸ J. Lacan, Seminário Les non-dupes errant, Paris, Seuil, 1973.

Mas justamente o intransmissível, o furo, é o que obriga a inventar. É porque há o que não se pode saber que há produção de saber e, portanto, chance de produzir algo novo. Isso empurra a inventar. "Ao confrontar-se com seu impossível. O ensino se renova"¹⁹.

O que faz, ainda assim, com que queiramos pensar a psicanálise, não sem um consentimento, pensar a psicanálise? Esse querer pensar, esse empuxo à elaboração, é sustentado por um desejo que não se sustenta em alguém, mas em um nada: o "desejo do analista". Desejo que desloca, do analisante ao analista. Isto é, "que o sujeito saia do saber para nele reentrar"²⁰.

Lá onde se acreditava encontrar a resposta-verdade, fenda. Nenhum S2 para seu S1, nenhum Outro para responder, nenhum Outro que saiba. A barra cai sobre o A.

Ao deixar de buscar a verdade, há saber. O saber, furado, pode fazer moldura. Houve um deslocamento: do sujeito suposto saber ao saber insabido; do amor ao saber ao desejo, de saber, motor da elaboração. Isso significa que antes da conclusão de minha análise, eu não pensava a psicanálise? Não creio. Mas pensar fazia barreira ao saber. Eu não pensava do mesmo lugar, buscava um "há", um pleno, a peça do quebra-cabeça, como já disse. É a questão do "de onde"? De onde nos situamos para pensar a psicanálise? Agora, a partir de um "não há", subtração, efeito da divisão.

O desejo, assim aliviado do Outro, pode voltar-se para o outro, os outros: servir-lhes²¹. Podemos, claro, ouvir isso a partir da posição do analista como semblante do objeto *a*, para que o analisante ali aloje seu desejo, o seu próprio, e talvez venha, por sua vez, a ocupar o lugar de analista, concha esvaziada... e assim por diante. Algo se transmite do um ao um, e assim a psicanálise pode perdurar. "Servir-lhes" pode também ser ouvido na transmissão, numa Escola, ali também no um ao um, pela transferência de trabalho.

De "onde" se pensa a psicanálise? Da borda, isso a que a análise nos levou, a um "onde?". A Escola poderia ser pensada como uma borda? O fazer Escola seria, então, sustentar-se nessa borda, borda entre a experiência singular da análise e um coletivo. "Lá onde a satisfação do sujeito encontra meios de se realizar na satisfação de todos, numa obra humana"²². Coletivo de uma Escola não-toda, onde a língua de cada um não se dissolve na língua de todos. Conjunto de uns, e não Um conjunto, "dispersos díspares"²³ que fizeram a experiência da incurabilidade do *falaser*. Há uma posta em comum, um saber a produzir, que se constrói a partir do um sozinho, mas não necessariamente só.

É preciso que a psicanálise viva! Que permaneça viva e não se torne uma língua morta. Para isso, são necessários espaços, como este, de circulação, transmissão, trabalho, que produzam um efeito vivificante. Momento de vida de Escola em carne. Espaços, intervalo, sopro. Vitalidade de Escola.

A partir da borda, então, é preciso tentar explicar-se, construir um saber. Trata-se de repor o trabalho em discussão, sempre de novo, é uma postura ética.

¹⁹ J. Lacan, «Transfert à St Denis», Lacan pour Vincennes, in *Ornicar* 17/18 1978 p.278

²⁰ J. Lacan, (1970) Alocução sobre o ensino, In: *Outros escritos*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., p. 305

²¹ J. Lacan, "Nesta profissão, aprendi a urgência de servir não aos outros, mas os outros - mesmo que apenas para mostrar-lhes que não sou o único a servi-los." «Manuscrit 83», dans *Œuvres graphiques et manuscrits*, Paris, Artcurial, 2006, p. 48.

²² J. Lacan, (1953), Função e campo da palavra e da linguagem, *Escritos*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1998 p. 322

²³ J. Lacan (1976) « Prefácio à Edição Inglesa do Seminário XI » In: *Outros Escritos*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed. 2003, p.569

Então, "pensar" é um *thinking* (particípio presente em inglês): *work in progress, still in progress...* Sem chegada, mas um caminho, caminhos.

Pensar a psicanálise é abrir um caminho, pois não há um Todo já traçado. A psicanálise não se pensa Una. Nenhum padrão universal a aplicar, nenhuma ortopraxia, portanto. Nada de *prêt-à-porter* para vestir, é preciso um corpo na roupa, o que introduz, de fato, o um, o fora do comum. A psicanálise lacaniana não é, e não deve ser, uma prática congelada, fechada num saber enclausurado, duplicada. Nenhum dogma, pois ele se estabelece sobre uma verdade incontestável, e sabemos o destino reservado à verdade! A psicanálise, o analista, se sustenta do semblante (*sens-blanc*).

Abriu um caminho, portanto, não é aplicar uma teoria, mas elaborar um saber a partir da prática, escavando a via, seguindo a etimologia da palavra escavar “*frayage*” (do alemão *Bahnung*: "abrir a via", "escavar", "desvelar"²⁴).

Assim, a psicanálise, *encore!* Ainda e em-corpo. Dar-lhe voz/via, e não uma voz/via. Não a via única, sentido único do sem saída. A análise só existe no um por um, não no para-todos todo-igual. Nada de clonagem da psicanálise, e isso obriga a pensar, a inventar!

Seguindo as definições de Alain Rey, escavar (*frayer*) é fazer o furo, mantê-lo aberto, não recobri-lo. O furo aberto, o lugar vazio esvaziado, é a condição para estar "aberto à surpresa".

Para escavar (*frayer*), encontramos “atritos (atritar com alguma coisa) e fragmentos que se separam”, então, escavar é, no espaço, no intervalo, fazer furos, pequenos furos. Função do AE. Desde o século XIV, é "traçar um caminho pela passagem"; isso é interessante: é a passagem que faz o caminho, e não o contrário. Eco do passe.

Pensar a psicanálise é ter e pôr sabor, saber (*sapere*). Para quê? Para ser seu operário, seu artesão, seguindo Alain Rey: artesão como operário “artesão”, nada de usinagem. Um operário, ou seja, "trabalhador manual que executa um trabalho com habilidade"²⁵. "Trabalhador decidido"²⁶, que sustenta a tese do inconsciente que ex-siste.

Trabalhador, artesão da psicanálise, eis uma ideia que me agrada! Laborando, construindo, particípio presente, para quem se engaja, com o sopro do desejo que não cessa de produzir, “mordido”²⁷ que está!

AE: analista da Escola, "analisante de Escola"²⁸.

E por que *f-erra*?

Fazer a aposta de sussurrar o sopro de ar/erre^{29,30} da psicanálise.

Tradução: Lia Silveira. Revisão: Ida Freitas

²⁴ A.Rey, Dictionnaire historique de la langue française, Le Robert

²⁵ Alain Rey, dictionnaire historique de la langue française, Le Robert

²⁶ J. Lacan, (1964), Ata de Fundação, In: *Outros Escritos*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed. p.235

²⁷ J. Lacan « *Mas é preciso dizer que, para se constituir como analista, é preciso ser estranhamente mordido; mordido principalmente por Freud, isto é, acreditar nessa coisa absolutamente louca chamada inconsciente*” Assises de l'École freudienne de Paris: "L'expérience de la passe", Deauville. Publicado nas Lettres de l'école, 1978, n°23, p. 180-181.

²⁸ C.Soler, D'une impasse à l'autre. 2000

²⁹ Nt.: em francês se escuta a homofonia entre “l'air (o ar) e erre (errância)

³⁰ J. Lacan, "pequeno errar [...] É algo como o impulso. O impulso de algo, quando o que o impulsiona para, mas continua a correr. Palestra de 13 de novembro de 1973. Les non-dupent errent, 1973, Seuil, Paris.

Trabalho d-Es-cola¹

Constanza Lobos
AE 2023-2026
Tucumán, Argentina

O tema que nos reúne nesta mesa é: “*Tempos do AE. Depois de testemunhar, o quê?*” Proponho uma resposta que parece bastante óbvia e nada inovadora: trabalho de Escola. Uma orientação para pensar a psicanálise em seus pontos mais cruciais e, seguindo a temática da Jornada, reinventá-la.

Tentar “descrever” esse trabalho implicaria deslocar-nos por uma vertente ilusória e normativa. Ao contrário, a aposta será reinventar desde a base, voltando a nos perguntar. Este trabalho compromete não só o Analista de Escola, mas cada membro da Escola, o coletivo analítico, e implica sustentar a psicanálise; daí sua importância e o interesse de recolocar sobre a mesa a pergunta: O que é o trabalho de Escola? Que espaços para um trabalho de Escola e que condições de possibilidade para que surjam suas produções?

No entanto, convém fazer uma ressalva. A pergunta sobre o trabalho de Escola não implica desconhecer a importância e a diferença de outros espaços e suas produções — fóruns, colégios clínicos, atividades de formações clínicas. Lembremos que estes estão “orientados para a Escola” e, por isso, encontram-se incluídos.

A porta de entrada para essa questão nos é indicada por Lacan no *Ato de Fundação*², ao expressar que ali é onde “deve cumprir-se um trabalho³” e que “é indissociável de uma formação⁴”. Podemos cernir o “deve” não pela via de um dever a um Outro que fazemos consistir, mas por outro caminho, aquele que “se impõe como próprio ao analista”. Quando dizemos “se impõe”, isso implica que esse trabalho está enlaçado ao desejo? É da mesma ordem do desejo? Ponto de partida para distinguir esse trabalho: por estar enlaçado ao desejo do analista, por ser-lhe inerente, corpo indissolúvel, formação-sustento.

Lacan funda a Escola tão só como sempre esteve⁵, e desde essa solidão, convoca-nos ao laço de trabalho a partir de uma estrutura diferente. Anos depois o explicita quando, ao referir-se novamente a sua solidão, diz que “é justamente ao que [...] renunciava ao fundar a Escola⁶”. Imediatamente, nos deixa uma pergunta intensa, forte e vital, que considero iluminar o que

¹ Jeu de mots sonore entre “de Escuela”, “d’escuela”(mot dérivé de “d’escolar” qui veut dire enlever) et “cuela” (du verbe “colar” qui veut dire “s’introduire de manière inattendue ou sans autorisation, quelque part”, dans le registre familier, en allusion à ce qui rompt le compte, l’addition, l’idée de groupe).

² Lacan, J. (2003). *Ato de fundação*. In J. Lacan, *Outros Escritos* (pp. 235–247). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

³ Ibid., p. 229.

⁴ Ibid.

⁵ Ibid.

⁶ Lacan, J. (2003). *Discurso na Escola Freudiana de Paris*. In J. Lacan, *Outros Escritos* (pp. 265–287). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 267.

está implicado no trabalho de uma Escola: “O que tem ela a ver com aquela [solidão] em que se sustenta o ato psicanalítico?”⁷

Abramos uma outra porta. Em tempos em que é fácil constatar a multiplicidade de instituições e produções analíticas, como diferenciar o trabalho e as produções que nossa Escola deve levar a cabo em relação a outras? Ao dizer “Escola”, Lacan a situa em um lugar determinado e nos adverte da necessidade de levar em conta as condições que possibilitam sua emergência. Vejamos isso.

O psicanalista não é um cientista que trabalha fechado em seu laboratório para aportar coisas inéditas. A ciência aposta no progresso pela via de tapar buracos, e sabemos que sempre o consegue⁸, pois, se não pode fazê-lo, abandona o problema. Justamente isso é o que a torna segura. Se a ciência toma a via da segurança, do tamponamento, de sempre obter resultados, qual via tomamos na psicanálise? Descartemos a do sentido do sentido, do bom senso ou do sentido crítico.

Para dar dimensão ao nosso caminho, vinculo-o a dois significantes que Lacan nos deixa: precariedade⁹ e sentimento de risco absoluto¹⁰. Experimentar o sentimento de risco absoluto e de precariedade em cada espaço e trabalho de Escola? Se acrescentarmos o furo e a desconstrução do sentido¹¹, vemos, em consequência, que não é nada evidente como isso se refletiria no trabalho de Escola e em suas produções. Falávamos há pouco do “indissociável”, e agora da “dissolução”: que nos dá a ideia de um paradoxo: dissolução para aportar e sustentar a psicanálise?

A expressão “Tempos do AE” nos orienta numa temporalidade para que se realize um trabalho e se dissolva. É este último necessário, o que relança o trabalho e deixa entrever esse ir contra a corrente. Uma nomeação que vai contra a corrente do senso comum. Não é um título, nem a finalização de uma formação, como poderiam atribuir outros espaços, mas “(...) é a única coisa da qual estamos seguros de que faz furo¹²”. Um buraco para que o eco da Escola se escute e em torno do qual poderia haver um trabalho que se estenda ao coletivo analítico. Duas letras, AE, como um som que reverbera, se reflete numa superfície e apresenta o que não pode ser absorvido nem completado em um todo no que concerne à psicanálise.

A Escola como uma base de operações para um trabalho descabido de pensar a psicanálise junto a outros. Voltemos a nos interrogar: **o que é pensar a psicanálise?** Aqui também uma sacudida. É um pensar enlaçado ao discurso analítico que difere de pensar a partir do que já temos ou de ideias prévias. É um pensar à beira do ponto em que cada um está, onde o mal-estar e o sentimento de arriscar estejam em cada encontro. Um **pensavento**¹³, que inclua

⁷ Ibid., p. 267.

⁸ Lacan, J. “Intervenção no Congresso da Escola Freudiana de Paris em La Grande-Motte. 2 de novembro de 1973”, em Documento para circulação interna da Escola Freudiana de Buenos Aires. Publicado em francês em *Lettres de l'École freudienne*, n° 15, 1975.

⁹ Lacan, J. (2003). *Discurso na Escola Freudiana de Paris*. In J. Lacan, *Outros Escritos* (pp. 265–287). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 276.

¹⁰ Lacan, J. (2007). *O Seminário, livro 23: O sintoma (1975–1976)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 44.

¹¹ Lacan, J. Seminário *Dissolução*, inédito, lição de 11 de março de 1980.

¹² Lacan, J. Seminário *R.S.I.*, inédito, lição de 15 de abril de 1975.

¹³ *Pensavento* é um neologismo que alude a pensamento, movimento e vento, para destacar que difere de um pensamento cristalizado.

movimento, sopro que espalha e convida a reinventar. Um pensar voltando aos textos de Freud e de Lacan, mas também à experiência atravessada por cada um, àquele momento de passagem, de escolha. A relação com a causa analítica provém desse atravessamento. Pensá-lo desde essa posição é necessário e implica não só uma decisão ética de cada analista, mas também que haja espaços que o tornem possível.

Digo trabalho d-Es-cola, escrito com hifens para trazer o “entre”, a “hiância”, o “vazio”, o espaço necessário que oferece condições de possibilidade para o novo. *D-Es-cola*, jogo sonoro de palavras entre: “Escola”, “descola” e “coar”¹⁴. “Descola” é um movimento que não vem completar ou assegurar nada, mas descompletar e tirar um pedaço. “Coar” pode ser usado tanto como “peneirar”, deixando os resíduos, quanto no uso coloquial para “entrar de repente, sem permissão, em algum lugar”. Refere-se a um modo que difere de uma fila ordenada e sustentada pela ilusão de segurança. Coar acentua a surpresa, o não esperado nem programado. Também rompe a conta, o todo organizado; talvez nos deixe restos.

O “coar” vem recordar esse **não-todo**, o real em jogo na formação, o que não se captura com palavras; tê-lo presente numa Escola onde o saber está em elaboração. É reconhecer que essa elaboração não repousa numa suposição, mas no trabalho de cada membro e em como cada um produz e sustenta a psicanálise. Digo de outro modo: o sustento da psicanálise não provém de fora, mas do que ocorre — ou não — aqui, em nossa Escola, no trabalho de cada um. Isso mostra uma dimensão vital, crucial. Uma dimensão que não deveria deixar ninguém tranquilo; deveria nos inquietar.

O trabalho d-Es-cola se diferencia do planejamento. O novo não é programável, não é da ordem da vontade. Tampouco há garantias, mas é possível cuidar das condições de possibilidade para que algo novo surja. Um trabalho *d-Es-coar* que só é possível com seriedade e com coragem de arriscar-se; e, com isso, a possibilidade contingente de contribuir com a psicanálise.

Lacan viu que a comunidade analítica estava ameaçada pela inércia e inventou dois dispositivos: o cartel e o passe, que possibilitam uma produção diferente. Dispositivos com uma lógica distinta da vontade de regular, avaliar, uniformizar a diversidade e que tentam evitar o apego grupal. Bastam esses dispositivos para sustentar o trabalho *d-Es-cola*? Deveríamos inventar outros? A esta última pergunta, inclino-me a responder que **não**. Mas sim que adquira importância que, não só nos dispositivos do cartel e do passe, mas em cada espaço, em cada encontro de Escola, em cada seminário, se aposte em “cuidar das condições de possibilidade do que d-Es-coa”. Cuidando para não fazer a palavra caminhar entre muros de silêncio, evitando o enrijecimento do pensamento ou a rotina.

Os espaços que possibilitariam o *d-Es-coar* enunciam lugares nada cômodos — ao contrário, incômodos — que rompem qualquer ilusão de grupo, de compreensão mútua, de consenso. Espaços em que prevalece um forte desejo de manter-se desperto e onde se leva em conta o impossível. Sendo espaços do campo da experiência, poderíamos encontrar membros motivados em testemunhar sobre ela, como uma experiência que aporta à comunidade e à psicanálise. Assim se pode ler nas Jornadas de Cartéis¹⁵ da Escola de Lacan, em que os membros queriam testemunhar não apenas sobre seu atravessamento analítico, mas sobre essas experiências inéditas de trabalho. Uma porta aberta para a coragem de testemunhar as experiências que d-Es-coam.

¹⁴ No original em espanhol: colar. Em português o jogo entre escola e *cola* – coa em espanhol – se perde. No entanto, ganhamos uma outra ressonância com o es-coar, sem sair do campo semântico de coar.

¹⁵ Lacan, J. Jornadas dos Cartéis na Escola Freudiana de Paris, abril de 1975, *Lettres de l'École freudienne*, 1976, nº 18, sessão plenária de domingo, 13 de abril de 1975.

Aproximo-me do final. Tanto Freud quanto Lacan utilizaram-se de jogos — tais como, a “lousa mágico”, o xadrez, o bridge — para transmitir algum aspecto da psicanálise. A partir dessas marcas deixadas, nesse caminho aparece o “jogo de cordel”¹⁶, do qual me servi noutra ocasião para aludir ao dispositivo do passe. Hoje será para o trabalho *d-Es-cola*. Convido-os novamente a jogar com essa corda, mas agora não se trata tanto de “fazer passar um fio”, mas de saber que o crucial é desmontar a figura e garantir que os buracos se mantenham, acentuando o trabalho de cada um e, ao mesmo tempo, o necessário laço original com o outro para que o jogo continue, para que se siga perguntando, sustentando a psicanálise. Sustentar os buracos com movimento e vazio e, assim, como diz María Elena Walsh¹⁷ em sua canção — em que “dois mais dois são três” e “um ano dura um mês” —, romper a soma, o sentido e o tempo... para trazer o ponto mais crítico: o ato psicanalítico. Trabalho *d-Es-cola* implica um “pensar” indissociável para sustentar o “não penso” do ato.

Tradução: Luciana Guarreschi

¹⁶ Jogo do cordel. Em sua origem, era utilizado para a transmissão, não por meio das palavras, mas através do corpo, de uma experiência. É um jogo muito antigo, presente na maioria das culturas, por mais diversas e distantes que fossem. Embora em cada uma apresente diferenças, a estrutura do jogo é a mesma. É um jogo com as mãos baseado em uma corda com nós que formam buracos. A corda deve ser disposta entre as duas mãos do primeiro jogador, que começa formando uma figura. Uma figura própria, construída ali, naquele momento. Um segundo jogador introduz as mãos entre os buracos para que a corda passe e, ao esticar e desfazer a figura inicial, forma uma nova figura com a corda esticada entre suas mãos. Assim, cada jogador vai apresentando figuras ao companheiro até que, por falta de habilidade ou por se tornar impossível continuar a figura, o jogo termina.

¹⁷ María Elena Walsh (1º de fevereiro de 1930 – 10 de janeiro de 2011), poeta, romancista, escritora, dramaturga, cantora e compositora argentina, conhecida principalmente por suas canções e livros infantis. Canção *O reino do avesso*.

“De uma à outra” *

Dimitra Kolonia
AE 2022-2025, CIG 2025-2026
Paris, França

O título da nossa mesa-redonda, e a questão que ela coloca ao que me parece, se trata de uma questão de temporalidade, a partir da qual eu gostaria de introduzir a minha fala.

Depois de ter testemunhado, é o tempo do AE, se nomeação houve.

O AE é nomeado depois de seu testemunho, o que quer dizer que isso não se produz na mesma temporalidade. Efetivamente, o testemunho no dispositivo é aquele de um passante e não de um AE. Se esses dois tempos estão ligados, eles não constituem um único e mesmo tempo. São tempos, ao mesmo tempo, distintos e ligados, inscritos numa sequência lógica para o AE, que foi necessariamente passante.

Então, depois de seu testemunho como passante, o que vem a seguir para um AE?

Responderia que após o testemunho no dispositivo, o AE testemunha. Se passante e AE testemunham em dois tempos diferentes, com uma duração diferente e a partir de dois lugares diferentes, tratar-se-ia de especificar acerca do que testemunha um AE?

Essa pergunta, como todas aquelas que nós não cessamos de interrogar, não mostraria a necessidade que tem o dispositivo do passe para uma Escola de psicanálise? O passe não existe sem a opção pela Escola e isso fica evidente desde a primeira versão da *Proposição*, texto fundador sobre o passe e o AE, apresentado em 1967.

Lacan propõe a Escola em um contexto de crítica à IPA, na qual “nenhum ensino fala do que é a psicanálise [...] cuida-se apenas de que ela seja conforme¹”. “Ele vê uma solidariedade entre esta incapacidade de pensar a análise, necessária se não quisermos perdê-la²”, e a hierarquia que aí reina, como forma de cooptação dos sábios e todo o estatuto de imponência que a acompanha.

A Escola de Lacan se oferece como “remédio”, como saída a esse impasse. “Nenhum outro remédio senão romper com a rotina que é, na atualidade, o componente preponderante da prática do psicanalista. [...] Nossa pobre Escola pode ser o início de uma renovação da experiência³”, diz Lacan na primeira versão da *Proposição*.

* A autora justifica a escolha do título no texto, fundamentando a tradução aqui adotada

¹ J. Lacan, “Proposição de 9 de outubro 1967 sobre o psicanalista da Escola” em *Outros Escritos*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed. 2003, p.250

² “O psicanalista na psicanálise não é o sujeito; e ao situar seu ato na topologia ideal do objeto a, deduz-se que é ao não pensar que ele opera. Um “eu não penso”, que é o correto, suspende de fato o psicanalista à ansiedade de saber onde lhe dar seu lugar para pensar a psicanálise, sem, no entanto, estar destinado a falhar”. J. Lacan, Ato analítico em Relatórios do ensino, Ornicar? *Boletim periódico do campo freudiano* nº 29, Paris, p. 20. (« O ato analítico », em Atas do ensino)

³ J. Lacan, “Primeira versão da Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola”, Anexo, em *“Outros Escritos, op. Cit., p.589.*

O dispositivo do passe contribui para essa renovação. Através dele, e apesar de seus avanços conceituais, Lacan, interroga e tenta esclarecer sempre o mesmo ponto obscuro: *o que faz um analisante decidir colocar-se como analista*⁴?

*Empenhar-se em esclarecer essa sombra espessa que encobre a junção, aquela onde o psicanalisante passa a psicanalista*⁵ não é um trabalho simples. É uma questão crucial para a psicanálise. A análise nos ensina que nunca haverá uma resposta definitiva, que diga a palavra final. Nunca haverá uma resposta exaustiva válida para todos, porque “todos” não existe. “Há uma série de ‘todos’ que são radicalmente distintos (...) A enunciação ‘todos’ deriva de uma ideia principal da heterogeneidade entre as coisas”⁶. Do Um por Um, dispersos desparelhados.

O fato de ainda nós nos empenharmos em responder a isso, em dissipar essa sombra espessa, quase 60 anos depois da *Proposição*, se testemunha.

Então, de que testemunha o AE?

Lacan diz, ao AE que “se imputa estar entre os que podem dar testemunho dos problemas cruciais [...] no tocante à análise, especialmente na medida em que eles próprios estão investidos nessa tarefa ou, pelo menos, sempre em vias de resolvê-los”⁷. Sublinho que Lacan não diz *sua* psicanálise, esse ponto me parece importante, pois é sobre esse ponto que eu diferencio o testemunho do passante daquilo que testemunha um AE.

O passe no dispositivo é uma “verificação da historisterização da análise”⁸, mas o passante não faz um testemunho teórico sobre a psicanálise e seus problemas cruciais. O passante se autoriza de si mesmo para apresentar-se ao dispositivo e alguns outros (o cartel) autenticam ou não seu testemunho através dos passadores. Testemunha o que ele pôde extrair de sua análise. Empenha-se em transmitir um destilado dela.

Historiza sua análise, faz um esforço de ordenar em um relato de seu próprio tratamento, um esforço de demonstrar como encontrou a saída, “Como pode ocorrer-lhe a ideia de tomar lugar nessa função [do psicanalista]?”⁹

Neste sentido, o passante testemunha de sua análise, enquanto o AE testemunha, não mais de sua análise, mas da análise como experiência estruturada, com os problemas cruciais que ela implica. Com o meu título, quis tornar visível a ideia, que tenho, do que é tarefa de um AE. A saber, que ele passa do testemunho de uma análise no singular, a sua, à pensar a análise como processo. “De l’ une à la” (de uma à outra).

⁴ J. Lacan, “Televisão”, em *Outros Escritos*, op. cit., 1973.

⁵ J. Lacan, “Proposição de 9 outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola em *Outros Escritos*, op. cit., p. 252.

⁶ J. Lacan, “A experiência do passe”, em *Ornicar ? Boletim Periódico do Campo Freudiano* n° 12-13, Paris, p. 121.

⁷ “Analista da Escola, a quem se imputa estar entre os que podem dar testemunho dos problemas cruciais [...] à análise, especialmente na medida em que eles próprios estão investidos nessa tarefa ou pelo menos, sempre em vias de resolvê-los”. J. Lacan, « Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola », op. cit., p. 244.

⁸ J. Lacan, “Prefácio à edição inglesa do Seminário XI”, em *Outros Escritos*, op. cit., p. 569.

⁹ *Ibid.*, p. 568.

“L’ une” (uma) para o passante, “la” (a) para o AE. Com a ressalva de que o AE só pode se dispor a pensar e esclarecer a análise como processo a partir da sua própria análise. Tanto mais que é a partir dela, ou melhor, daquilo que soube dela e daquilo que testemunhou, que ele foi nomeado. Por isso, o AE encontra-se vinculado ao seu testemunho do passe. É a consequência lógica deste, e é, a meu ver, a partir desse vínculo que se espera que ele testemunhe. Então, pensar sua análise ou pensar a análise a partir da sua, não é exatamente a mesma coisa.

Nesse ponto, impõe-se uma pergunta. Se “não podemos nos varrer do que é nossa experiência¹⁰”, pensar a análise a partir do seu próprio percurso, isso não seria exclusivo do AE? Nesse caso, haveria alguma coisa que o distingue dos demais analistas que também contribuem ao saber, ao pensarem a análise?

Eu penso que a questão do tempo aqui é importante. Avanço tateando, pois, essa questão me parece complexa. Lacan “se interessa ao passe onde o ato poderia ser aprendido no momento em que se produz¹¹”.

Entendo esse “no momento” como um tempo presente, aquele do sujeito e o do seu desejo. Não um tempo do Outro. Separação, “é no tempo da separação que o sujeito se realiza em sua própria temporalidade. É aí que Lacan sugere que situamos a pressa [...]. Essa hora é a hora do sujeito, é a hora dele. [...] O tempo do sujeito, é portanto, um tempo que o separa do tempo do Outro, [...]. O ato de tomar a palavra, como qualquer ato, só é decisivo se vier no momento certo¹²”.

Articulo esse tempo ao instante em que o sujeito decide apresentar-se ao dispositivo e ao *que pode levar alguém, sobretudo depois de uma análise, a se historisterizar de si mesmo*¹³. *Se autorizar de si mesmo*, tomar a palavra em seu nome, sem a garantia do Outro, *se historisterizar de si mesmo* sem ser impelido pelo desejo do analista que se faz causa para o sujeito, em um tempo que não é aquele do Outro, dão a indicação de um outro incompleto (*entamé*).

Na análise, o analisante se historisteriza como sujeito, historisteriza sua vida, movido pelo desejo de seu analista que ocupa o lugar do sujeito suposto saber. O passante historisteriza sua análise por seu próprio movimento; não há sujeito suposto saber para impulsioná-lo. Seguindo essa lógica, o que leva um sujeito a se historisterizar de si mesmo não poderia ser uma pergunta endereçada que instauraria o cartel como um Outro, por exemplo ao final de sua análise. De acordo com minha experiência, o testemunho do passe não é questão. Ele não é demanda em busca de significação e sentido.

Cada passante que decide fazer o passe é movido por razões próprias, em uma temporalidade em relação ao seu percurso, que difere de um a outro, e tudo isso não deixa de ter interesse.

No meu caso, foi um momento de abertura do inconsciente após um ato, não identificado como tal. *Sou onde não penso*. Por trás daquilo que impulsiona, o ato. Seria esse momento de abertura do inconsciente um tempo no qual o ato poderia se constatar? Não é a nomeação que permite essa abertura, mas o próprio ato, advindo, e que

¹⁰ J. Lacan, “Conferência de Genebra sobre o sintoma”.

¹¹ J. Lacan, “Discurso na Escola Freudiana de Paris, em *Outros Escritos*, *op.*, p. 271.

¹² B. Nominé, *O presente do presente. Ensaio psicanalítico sobre o tempo*, São Paulo, Blucher, 2024, p.115

¹³ J. Lacan, “Prefácio à edição inglesa do *Seminário XI*”, em *Outros Escritos*, *op. cit.*p.568

precipitou a entrada no dispositivo. É aí a ocasião, nesse momento de abertura, que não pode ser um momento de esquecimento que o dispositivo busca captar um lampejo das aporias do ato e do desejo que despertam, presentes, mas sempre envoltos em uma densa sombra.

Eu penso que a nomeação de um AE faz existir esse instante, de pegar o voo antes que se feche novamente, e mantê-lo aberto ainda que de modo instável, o tempo da função, com o propósito de apreender alguma coisa do ato antes que ele caia no esquecimento. Eu penso que é nessa abertura efêmera que o AE é convidado a trabalhar em apneia, com entusiasmo de apreender, de esclarecer o passo que deu ao ocupar o lugar de psicanalista¹⁴.

Lacan se interroga e nos interroga, *se o passe pode sob uma perspectiva totalmente diferente, destacar para aquele que a ele se oferece, uma certa parte das sombras de sua análise*¹⁵. Foi isso que tentei dizer ao Encontro Internacional em Paris, no ano passado. O passante, em seu esforço de historisterizar sua análise, faz um esforço de formular o que ele apreendeu dela, e isso pode trazer um esclarecimento sobre aquilo que ele já tinha identificado em sua análise, mas que permanecia à sombra.

Como entender isso? O que um sujeito localizou em sua análise não é necessariamente uma “localização pensada”. Lacan o diz explicitamente em seu seminário “Os problemas cruciais”¹⁶. Sublinha ali, mas também em outros lugares, que o analisante pode passar a analista sem que ele saiba como isso se deu, porque “uma natureza pode ser identificada sem que seja necessariamente pensada”.

Penso que o dispositivo do passe permite passar de uma localização à uma localização pensada. O AE testemunha dessa necessidade. Para testemunhar sobre os problemas cruciais da análise nós temos necessidade de conceitualizar a experiência, nós temos necessidade de um saber que diga o que é a psicanálise. Não um saber extraído diretamente da experiência, saber sem sujeito, mas daquele que o estrutura, os textos teóricos; pois a análise é uma experiência estruturada. Foi nesse sentido que a Escola de Lacan foi proposta.

O que é que muda uma localização pensada, e em que nível, tanto mais que o ato se produz na análise? Para a análise do analista isso não muda em nada. Mas, e quanto aos passes que estão por recomençar? Para a formação e extensão da análise? Um AE está mais próximo dessas questões.

O AE se sustenta em sua precariedade, diz Lacan. O AE estando “na brecha”(*sur la brèche*), espera-se dele uma elaboração que contribua para a renovação da experiência. Para tanto, dois elementos me parecem aqui necessários: o AE e sua Escola. Em primeiro lugar, o AE necessita da Escola.

O AE se sustenta da Escola, dos intercâmbios com seus colegas e pelo ritmo acelerado e bem vindo do trabalho, que o mantém em estado de alerta, à flor da pele. Em grego, eu diria “*σε*

¹⁴ “o passe é o ponto em que, por se haver dado conta de sua psicanálise, o lugar que o psicanalista ocupava, em seu percurso, alguém dá o passo de ocupá-lo (...) para operar nele como quem o ocupa, embora, dessa operação, não saiba coisa alguma, senão a que, em sua experiência, ela reduziu o ocupante. (...) se oferece a quem quiser a possibilidade de dar um testemunho, ao preço de deixar a seus cuidados esclarecê-lo depois?” J. Lacan, “Discurso na Escola Freudiana de Paris”, em *Outros Escritos*, op. Cit., p. 282.

¹⁵ “O passe pode realmente destacar para aquele que se oferece a ele, como um relâmpago, sob uma luz totalmente diferente, uma certa parte das sombras de sua análise? Isso é algo que diz respeito ao passante”, J.Lacan, “A experiência do passe”, dans *Ornicar Bulletin périodique du champ freudien n° 12-13*, op. cit., p.121.

¹⁶ J. Lacan, Seminário Os problemas cruciais, lição IV, de 6 janeiro de 1965.

εγρηγορησι” que é um termo composto que traz em si a ideia de pressa, e de despertar, suscitar e pôr em movimento.

A partir do que extraiu de sua análise, o AE tenta lançar alguma luz sobre certas sombras. Não é no plano da doutrina que vejo essa contribuição, ao menos não prioritariamente, mas no nível do que ela testemunha e introduz de novo, uma via particular. O que é que um AE sabe de si, que não guarda para si, mas que o oferece à Escola, como produto de seu trabalho?

A duração da função também tem sua importância. Fui me dando conta, à medida em que trabalhava, que através dos sujeitos que eu escolhia tratar, um fio se destacava. Um fio que eu não havia concebido previamente.

Um tema me levava a outro, mas se originavam, de algum modo em meu testemunho enquanto passante e, mais profundamente, a minha análise. Isso me faz dizer que o trabalho de um AE está ligado à uma lógica de continuidade, um encadeamento que merece ser levado em consideração no tempo da função.

Se um fio se desenrola e se tece ao longo de um percurso, se o AE elabora a análise a partir da sua, isso me parece indicar que não se trata, para ele, de se fixar na repetição do testemunho de sua análise durante três anos. Senão, qual seria o interesse para a Escola e para o próprio AE?

Eu creio que isso seria o marasmo do desejo, um fechamento do saber. Ao contrário do novo. Não seria isso o oposto de um momento de abertura do inconsciente, e da concepção de Lacan sobre a Escola e o passe?

Lacan optou pela experiência de uma escola, e não de um grupo para lutar contra a recusa de saber que é a psicanálise, conforme ele denuncia em sua *Proposição*. A Escola trabalha contra essa recusa de saber, contra os automatismos e a rotina, de forma que os analistas que se autorizaram não se autoritualizem. Aliás, o passe, assim como a Escola se opõem a essa autoritualização. Uma Escola vela para manter aberta uma brecha contra essa tendência, o dispositivo do passe contribui com isso.

Espera-se dos AE que sejam psicanalistas da experiência da Escola¹⁷. Que causem. E aqui, pode-se ouvir o duplo sentido de causar¹⁸. Penso que se espera dos AE um trabalho contra essa interrupção do pensamento para o qual o real nos leva; Lacan falava de menopausa.

Portanto, o AE desperta? “Analista Desperta (AE)” * Com o novo que é seu estilo singular, seu *Um* à ele (*Un à lui*), seu pedaço de saber.

Que o AE seja muito bom, insuficiente, demasiado ou pouco, não bastante, ausente, muito isso, não aquilo, que ele poderia, que ele não teve, é o testemunho de um *não é isso*, “*pas toujours*”¹⁹, é isso que se espera. Penso que, por vezes, se os AE, criam impedimento, fazem obstáculo, *se mettent en croix*²⁰, se conseguem de tempos em tempos desestabilizar a doxa da Escola, isso pode se tornar extremamente interessante.

* “Eveil” despertar, estar alerta, vigilante, “Analyte Eveil” forma o acrônimo AE [Nota da revisora apoiada na tradução para o espanhol de Amparo Ortega]

¹⁷ J. Lacan. “Proposição de 1967 sobre o psicanalista da Escola, em Outros Escritos, op. cit., p.243.

¹⁸ Em francês “falar” e “se fazer causa” [NA]

¹⁹ Jogo de palavras homófonas: entre “pas toujours” (nem sempre) et “pas tout” (não todo), “pas tout-jours” [NA]

²⁰ *Se mettent en croix* é uma expressão utilizada por Lacan na *Terceira*, que foi traduzido por “se coloca em cruz” na versão do Fórum do Campo Lacaniano de São Paulo, em R.S.I, Textos complementares, 2022, p. 48, porém sugerimos outras traduções que podem corresponder ao sentido almejado pela autora. [NR]

A propósito do passe, Lacan desejava um *recrutamento* de analistas de um estilo distinto da seleção proveniente da cooptação e poder dos sábios, “de uma ordem modelada muito precisamente sobre o que especificava o discurso analítico²¹”.

Ele esperava também que aos AE coubesse “o dever da instituição interna que submete a uma crítica permanente a autorização dos melhores, dos sábios²²”.

Os AE, com seu efêmero e seu precário, por seu modo de entrada, não formam uma casta, portanto, não os coloquemos precipitadamente na casta dos sábios da doutrina! Eles estão apenas de “pas-sage²³”.

Tradução: Cláudia Rios

Revisão: Ida Freitas

²¹ J. Lacan, “A experiência do passe”, In : Ornicar? Boletim periódico do campo freudiano n° 12-13, op. Cit., p. 121

²² J. Lacan, “Primeira versão da Proposição de 9 de outubro sobre o psicanalista da Escola”, em *Outros Escritos*, op. Cit., p. 576.

²³ Nota: jogo de palavras homófonas: "passage" (passagem) e “pas sage" (não sábios).

MESA 2: DO QUE FALAMOS QUANDO FALAMOS DE DESTITUIÇÃO SUBJETIVA?

O ato de destituir-se subjetivamente

Ida Freitas
AME
Salvador, Brasil

Em reunião com os membros do CIG das Américas, realizada para pensarmos o tema da Jornada de Escola do Simpósio Interamericano e as mesas concernentes, definimos como um dos eixos a **destituição subjetiva**, tendo em vista que não temos nos dedicado de modo tão específico a esse ponto essencial implicado no final de uma análise, como temos feito com outros, tais como: a queda do sujeito suposto saber, a travessia da fantasia, a queda do objeto *a* e a identificação ao sintoma.

Assim, aceitei trabalhar essa noção e extrair dela — ou melhor, verificar os usos desse “estado do sujeito”, estado de destituição possivelmente alcançado em uma análise — tanto para a função do analista quanto para as funções implicadas no passe: desde o secretariado, passando pela designação dos passadores pelo AME e pelo trabalho do passador, até o cartel do passe, bem como o modo como essa destituição se apresenta, se demonstra e se transmite em cada passante.

A noção de **destituição subjetiva** é introduzida por Lacan na *Proposição ao psicanalista da Escola*, ato pelo qual ele funda um espaço comum de trabalho entre analistas. Nesse contexto, a destituição subjetiva — destino possível de uma análise no campo da psicanálise em intensão — é o termo que Lacan elege para, no interior da Escola, isto é, no campo da psicanálise em extensão, sustentar a possibilidade de uma garantia como contraexperiência às hierarquias apoiadas na identificação imaginária.

Autorizo-me a pensar as funções envolvidas no passe, tomando como advertência importante algo que li em um texto compartilhado pelo Gabriel Lombardi¹, em sua resposta ao pedido dirigido aos AME pelo CIG anterior e que me pareceu pertinente no que diz respeito à indicação de passadores, cito: “O passe não consiste em destituir-se como sujeito de uma vez por todas e para sempre, mas, sim, no ato de destituir-se a cada vez e com esse fim específico, ou seja, o ato de escutar um outro sujeito”.

Dessa forma, instituídos, nomeados ou eleitos para determinadas funções, o que fazemos com a destituição subjetiva possivelmente alcançada e experimentada em nossas análises? O ganho epistêmico que daí advém — a experiência de destituição — é suficiente para sustentar nossa prática, nosso saber-fazer e nosso “saber estar aí”, bem situados nas funções que ocupamos e no fazer a que elas nos convocam? Ou ainda: **o que fazemos, no interior dessas funções, com aquilo que uma análise produziu como destituição?**

Certamente cabe a cada um investigar — e se investigar em sua prática — cada vez que se coloca diante de um outro sujeito, atualizando, sempre que necessário, a proposta de Lacan de não cessar de passar o passe, para não cair no automatismo da repetição que apaga a chama criativa, a inventividade e a plasticidade necessárias para permanecer sensível ao novo, ao inédito, ao original.

¹ LOMBARDI, G. Texto compartilhado no CIG 2025 em resposta ao CIG 2024 à pergunta sobre os critérios para a designação de passador.

Para introduzir a noção de destituição, tomarei como referência, principalmente — mas não exclusivamente —, algumas formulações de Lacan e de Soler, recolhendo os pontos que se destacaram em minha leitura.

Soler, em seu texto “Variantes da destituição subjetiva”², faz um percurso da instituição à destituição subjetiva, situando que a instituição de um sujeito depende do discurso que o localiza. Não se trata da mesma posição para todos os discursos — sabemos disso. Cabe, portanto, perguntar: **como o sujeito é instituído em uma análise, por meio do discurso analítico?**

A instituição do sujeito é uma operação de discurso que consiste em cingir uma incógnita, um enigma do sujeito, a partir de seu sintoma. O corte é a demonstração mais evidente do sujeito instituído, que se revela através da cadeia associativa. Pontual e evanescente, o sujeito comparece no corte da cadeia significante entre **S1** e **S2**. Como propõe Soler, o sujeito instituído é uma “**destituição do eu**” do discurso comum. “Nesse sentido, a instituição do sujeito já é uma perda do sujeito assegurado do que ele é, do que quer, do que diz, daquele sujeito que se recusa a pensar que seu mal-estar, o seu sintoma, possa ter um sentido inconsciente”³.

Podemos distinguir, por essa via, por um lado o **Je**, como o sujeito assegurado, identificado quanto à sua fantasia, e o sujeito barrado, instituído em uma análise como ainda indeterminado, entre a perda de uma identificação e a espera de uma nova à qual possa se ancorar.

A indeterminação subjetiva pode ser interminável, e a busca de um novo sentido pode tornar-se infinita. Daí a necessidade de alcançar a satisfação em um ponto de certeza que, paradoxalmente, implique a destituição subjetiva, enquanto um certo atravessamento do “nada quero saber daquilo que sou como gozo”⁴. Essa operação implica a perda da indeterminação, um “certo consentimento ao limite”, mas também implica um ganho de saber, um ponto de certeza.

Lacan introduz o termo sujeito na psicanálise a partir do *cogito* cartesiano, demonstrando que o sujeito da psicanálise não existiria sem essa formulação. Ao mesmo tempo, negando a lógica cartesiana, ele subverte o *cogito*, apoiando-se no grupo de Klein para estabelecer a lógica do inconsciente e a lógica de uma análise. A partir das operações de reunião, interseção e disjunção dos conjuntos “não penso” e “não sou”, Lacan extrai, dessa manipulação lógica, as operações de verdade, alienação e diagonal da transferência.

Torres⁵ realiza um percurso preciso e esclarecedor desse desenvolvimento em Lacan, ao qual recorro aqui. Podemos localizar, na passagem de Lacan pelo Grupo de Klein, trabalhada nos seminários *A Lógica da fantasia*⁶ e *O ato analítico*⁷, a escolha forçada do sujeito pelo conjunto do “não penso”, deslocado e dissociado de sua reunião com o “não sou”, que carrega o conjunto vazio.

² SOLER, C. (2002) *Variantes da destituição subjetiva: suas manifestações, suas causas*. Revista de Psicanálise Stylus, n.º 6, p. 11-21.

³ SOLER, C. (2002) *Variantes da destituição subjetiva: suas manifestações, suas causas*. Revista de Psicanálise Stylus, n.º 6, p. 14.

⁴ SOLER, C. (2002) *Variantes da destituição subjetiva: suas manifestações, suas causas*. Revista de Psicanálise Stylus, n.º 6, p. 17.

⁵ TORRES, R. (2009) *Lacan e o grupo de Klein: tempos do sujeito na experiência analítica*. Revista de Psicanálise Stylus, n.º 18, p. 89-113.

⁶ LACAN, J. *Seminário 14: A lógica do fantasma* (1966-1967). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, (2024).

⁷ LACAN, J. *Resumo do ato analítico*. Em: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

Esse conjunto vazio é perdido por um corte produzido no “não penso”: trata-se de uma escolha pelo “não penso” que implica a perda da interseção, que é justamente o vazio. Lacan faz essa disjunção funcionar como um corte, uma hiância que coloca, de um lado, o “não penso”, relacionado à marca significante que determina um ser (*je*) — “não sou nada senão essa marca” — e, de outro, aquilo que se perde pelo corte da escolha, ainda que mantendo relação com ele.

É nesse ponto, nesse conjunto vazio que se perde, que podemos localizar o “**não eu**” (*pas je*) e o **isso**. No vazio, portanto, encontramos o ser sem o (*je*), que Lacan faz equivaler ao **isso**, à pulsão acéfala que ele introduz no Seminário 11⁸.

Assim temos, de um lado, o *je* como marca e, de outro, um ser sem *je*. Isso leva Lacan a localizar, nesse conjunto vazio o *objeto a*, que é outra maneira de nomear essa mesma negatividade. É nessa mesma posição que ele também situa o “*Wo es war, soll ich werden*”, o que nos induz a pensar, logicamente, a destituição subjetiva como uma operação consequente da passagem dessas negatividades pela diagonal da transferência.

No entanto, é preciso considerar, como nos adverte Torres, “que esse **ser sem je**, figura encarnada pelo objeto *a*, é objeto de cessão do Outro e, portanto, relacionado tanto à falta do sujeito (**ser sem je**) quanto à falta do Outro – **S(A)**”⁹.

Assim, a relação entre o *je* como marca e o objeto (**ser sem je**) sugere que podemos localizar também aí a fantasia (**\$ ∅ a**). Como Lacan afirma no Seminário do Ato, sem esse “eu não penso”, destino de alienação, “não poderíamos ter articulado coisa alguma sobre o que é a lógica da fantasia”¹⁰.

Localizar aí a fantasia ressoa diretamente com o \$ da fantasia, que não é a mesma expressão do sujeito da cadeia significante, mas, ao contrário, um sujeito fixado, marcado e ligado a uma relação com o objeto que, através da diagonal da transferência, pode vir a decair dessa fixidez da fantasia.

No final da relação transferencial, ou seja, “quando, tendo resolvido o desejo que sustentava em sua operação o psicanalisante, ele não mais tem vontade, no fim, de levantar sua opção, isto é, o resto que, como determinante de sua divisão, o faz decair de sua fantasia e o destitui como sujeito”¹¹.

Essa elaboração, tão conhecida da *Proposição*, parece indicar que a **destituição subjetiva** é uma operação consequente do desenlace transferencial, ou seja, da **queda do sujeito suposto saber** e da **travessia da fantasia**, na medida em que o analisante, nas voltas de seus ditos, alcança seu **dizer** — esse resto determinante de sua divisão, que esvazia o viés de verdade de sua fantasia.

“É a possibilidade de extração do *objeto a* que guarda certa margem de liberdade [do sujeito] em relação ao lugar que ocupou como objeto do desejo do Outro”¹². Para isso, porém, é necessário que o sujeito tenha chegado ao impasse de ter tentado fazer existir a relação sexual na montagem fantasística, como resposta à perda que ele mesmo foi para o Outro.

Por essa razão, Lacan estabelece a passagem da falta à perda e, desta, à causa. Formalizar o fim da análise dessa maneira está na proposição do ato pelo qual o sujeito, a partir de certa destituição de si, dá lugar ao mais singular de seu “ser”, causa de desejo.

⁸ LACAN, J. *Seminário 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

⁹ TORRES, R. (2009) *Lacan e o grupo de Klein: tempos do sujeito na experiência analítica*. Revista de Psicanálise Stylus, n.º 18, p. 93.

¹⁰ LACAN, J. (1969) *Resumo - A lógica do fantasma*. Em: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

¹¹ LACAN, J. *Resumo do ato analítico*. Em: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003. p. 257.

¹² RABINOVICH, D. *O desejo do psicanalista*. Rio de Janeiro. Companhia de Freud, 2000. p. 145.

A destituição subjetiva, portanto, não concerne ao sujeito da falta-a-ser; ela produz um efeito de ser. Em seu texto “Variantes da destituição subjetiva”¹³, Soler esclarece um ponto de retificação realizado por Lacan entre 1967, na Proposição, e 1969, no Discurso à EFP, afirmando que a destituição não é uma falta-a-ser; antes, ela faz ser.

Soler segue esse raciocínio acrescentando que, de certa forma, a destituição é um efeito homólogo à identificação, na medida em que conduz o sujeito à sua identidade de gozo. Por isso, podemos pensar a identificação ao sintoma como efeito da destituição subjetiva, que produz um sujeito que se reconheça nas suas modalidades de satisfação.

É nesse sentido que Lacan se pergunta se “não haveria de desestimular os amadores, já que a destituição subjetiva, gravada no bilhete de ingresso, pode provocar horror, indignação, pânico ou até atentado, ou, pelo menos, dar um pretexto para a objeção de princípio?”¹⁴.

Portanto, é o mais singular de seu ser que está em jogo na destituição subjetiva, e não o *des-ser*, “a destituição não faz *des-ser*; ela faz seres fortes”. Encontramos essa referência à destituição subjetiva no Discurso a EFP, quando Lacan extrai da experiência a posição do analisante em relação ao analista e afirma: “Pois, afinal, não está o psicanalista sempre à mercê do psicanalisante, ainda mais que o psicanalisante de nada pode poupá-lo quando tropeça e, menos ainda, quando não tropeça?”¹⁵.

O que ele não pode poupar-lhe é o *des-ser* com que é afetado como término a ser atribuído a cada psicanálise. E o que Lacan dirá que lhe causa espanto é justamente que o *des-ser* seja atribuído ao analisante, quando, ao contrário, ele está no passe “conotando unicamente a destituição subjetiva”.

Do que se trata, portanto, é que a destituição subjetiva não faz *des-ser*; antes, faz ser — singularmente e forte. Essa afirmação contundente de Lacan nos leva a perguntar: qual instância do ser falante pode ser aproximada desse ser forte e singular? De que ordem seria esse ser forte e singular?

Inferir que se trata do ser de objeto, *objeto a* como ser de gozo que resta como irreduzível de uma experiência analítica — resto da divisão que se faz causa — é um caminho possível.

A determinação do sujeito enquanto *objeto a* tem como efeito a destituição subjetiva, o que nos remete ao corpo do analista, sobretudo a partir de como Lacan o situa no *Resumo do ato*, quando afirma: “O psicanalista se faz de *objeto a*, faz-se produzir: do objeto a: com o objeto a.”¹⁶.

Lacan não escreve que o analista é o objeto *a*, mas que se faz produzir do objeto *a*. Trata-se de um *se fazer*, há aí uma escolha, uma atividade equivalente ao movimento pulsional, por exemplo, o *se fazer ver* da pulsão escópica ou o *se fazer escutar* da pulsão invocante. Mas, além de **se fazer do objeto a**, isto é, **através do objeto a**, ele também **se faz com o objeto a**, enlaçado ao objeto *a* representado pelo analista.

Esse fazer-se produzir do objeto, com o objeto, implica a destituição subjetiva e o encontro com um desejo inédito: **o desejo do analista**, como um destino pulsional que “permite não mais se embaraçar com a neurose, mas qualifica o analista para desconcertá-la

¹³ SOLER, C. (2002) *Variantes da destituição subjetiva: suas manifestações, suas causas*. Revista de Psicanálise Stylus, n.º 6, p. 8.

¹⁴ LACAN, J. *Seminário 15: O ato psicanalítico* (1967-1968). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2025.p. 257.

¹⁵ LACAN, J. *Resumo do ato analítico*. Em: Outros escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003. p. 278.

¹⁶ LACAN, J. *Resumo do ato analítico*. Em: Outros Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003. p. 375.

[...] colocando sua estrutura pelo avesso: passando da lógica da fantasia à lógica do ato: **S(A)** a **(a →\$)**¹⁷.

Para concluir, faço breves reflexões a partir da experiência em distintas funções concernentes ao dispositivo do passe, que relaciono à destituição subjetiva. Participei da última CLGAL, comissão da América Latina que acolhe o pedido de passe e dá — ou não — passagem ao dispositivo. Isso ocorre por meio da realização de entrevistas com o candidato a passante, seguidas de discussão e elaboração das questões que daí podem surgir.

Recolher o pedido e as razões do passante que justificam sua entrada no passe — o que é sempre uma aposta —, intervindo o mínimo possível, exige uma escuta orientada, sem julgamentos, a partir de uma posição suficientemente destituída de subjetividade.

A responsabilidade dos AME é considerável no que toca ao funcionamento do passe enquanto dispositivo, já que deles depende a designação dos passadores. A suficiência do analista, paradoxalmente, é relativa à sua destituição subjetiva. Encontramos essa observação na versão escrita da *Proposição*, conforme desenvolve Quinet¹⁸. Trata-se da única forma de suficiência compatível com o analista, pois é o avesso de colocá-lo como o sujeito que sabe, já que o que se acentua é justamente sua destituição.

O analista deve, então, ser suficientemente destituído de sua própria subjetividade, o que se produz em sua própria análise, para poder exercer sua função como tal. Isso significa ter experimentado não apenas a destituição narcísica, mas também ver-se destituído dos significantes que o representam, experimentando-se como desidentificado, simbolicamente vazio de representação.

Ser suficientemente destituído é **consentir em apagar-se para bancar o objeto**. É, portanto, enquanto destituído de sua subjetividade que o analista pode localizar, no analisante, os sinais de fim — de passagem **analisante – analista** — que podem levar esse sujeito a honrar a função **passador**.

A função de passador é, a meu ver, a mais desafiante na estrutura do passe. Sua responsabilidade é imensa: como andar em corda bamba carregando, nas mãos, um tesouro de cristal que não lhe pertence, sem deixá-lo cair até que seja entregue ao seu destino. E como cumprir essa tarefa sem colocar algo de si, prescindindo das possíveis identificações com o passante ou de julgamentos teóricos? Ao contrário, trata-se de deixar-se atra-versar pelo testemunho do passante e transmiti-lo ao cartel do passe.

Estar à altura da função de transmissão de um testemunho que pode carregar o impossível depende do “ato de destituir-se para escutar o outro”, assim como para transmitir ao cartel o decantado de sua escuta.

Quanto ao passante, que vem historicizar sua análise aos passadores, pode ser que tenha a sorte de transmitir, em seu testemunho, algo de sua destituição subjetiva, de seu “ser forte e singular”: um sujeito destituído que se sabe objeto e faz dessa posição destino de satisfação.

Por fim, cabe ao **cartel do passe**, a tarefa delicada de acolher e escutar os passadores, respeitando a maneira particular como cada um se apresenta e escolhe realizar seu trabalho, não sem que, por vezes, seja necessário que o cartel intervenha para orientar excessos ou desvios da função passador.

¹⁷ FINGUERMANN, D. A. *(de)formação do psicanalista. As condições do ato psicanalítico*. (2016). São Paulo. Editora Escuta. p. 69.

¹⁸ QUINET, A. *A estranheza da psicanálise. A Escola de Lacan e seus analistas*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor, 2009. p.99.

Por outro lado, espera-se que cada membro do cartel possa deixar-se tocar pelo dizer do passador, recolhendo, na tessitura de sua fala e de sua voz, os índices “do inaudito, do inesperado”¹⁹ que, surgindo como traço original, fazem sinal — signo de passagem a analista.

Ter conhecido, em sua própria análise, a experiência da destituição subjetiva e poder operar a partir desse ponto, que implica o real do ato, é o que pode autorizar cada um a exercer sua função no dispositivo. É a partir dessa experiência que se decide o resultado de cada passe e de onde se extrai, na elaboração posterior, o saber que advém do encontro com os passadores.

Situar a destituição subjetiva como uma posição ética capaz de varrer alguns obstáculos presentes no dispositivo do passe é menos uma apologia do que uma aposta na formação dos analistas da Escola de Psicanálise do Fórum do Campo Lacaniano.



¹⁹ FINGUERMANN, D. A. *(de)formação do psicanalista. As condições do ato psicanalítico*. (2016). São Paulo. Editora Escuta. p. 106.

Do que falamos quando falamos de destituição subjetiva?

Quero fazer algumas considerações sobre a destituição subjetiva na passagem para o analista. Nem todas as destituições que se produzem na cura e em uma Escola de psicanálise são homólogas àquela que Lacan introduziu em torno do ato analítico e do que emerge desse ato. Para situar melhor a que é, começarei com duas que não são. Começo então com uma demissão que ocorre na Escola e em seus Fóruns, a permutação de posições, que estipula uma destituição necessária.

A permutação não responde apenas a uma definição de arquitetura institucional, que poderia ser essa ou qualquer outra, mas ao fato de que há um poder inerente às funções da palavra. A permutação limita esse poder, o da palavra, limitando o acúmulo e distribuindo a oportunidade de experiência na escola. Quando esse poder opera clandestinamente, como disse Lacan, o destino é o clã. Essas são tramas libidinais que, em alguns casos, para dizer a verdade, nos apressamos em chamar de “transferência”. O que faz com que essas tramas às vezes se transformem em agressividade?

O ato « desaifica¹ » é um fato, mas um sugestivo rastro libidinal permanece após o fim da jornada analítica. Voltarei à desaificação em um momento. Agora, o equilíbrio transferencial pode ser elaborado na própria análise, e o que a Escola pode oferecer para esse fim? Há outro dispositivo para lidar com a política, que não esperou a psicanálise aparecer: a assembleia. Lá, também, os emaranhados transferenciais e incuráveis vêm à tona. Não vou me aprofundar nisso agora, estou apenas mencionando. É algo que precisa ser tratado.

Então, temos que dissolver as tramas libidinosas dos clãs? A pergunta não é nova, é claro. Na minha opinião, não, de forma alguma. Por outro lado, não que pudéssemos. Acho que, para o desejo de uma Escola, é mais importante ver como uni-los do que combatê-los cegamente. Nesse sentido, o cartel como dispositivo de trabalho costuma dar bons resultados, mesmo que, como todos os cartéis, fique difícil em algumas partes. E o que é um desejo para uma Escola? Não sei se posso defini-lo, mas posso reconhecê-lo nisto: a sobrevivência de uma Escola de psicanálise e não de psicanalistas. Ou seja, se há uma comunidade de experiência, é porque há um tratamento do gozo. Ali, o borramento das singularidades que ocorre nos cartéis desperta e, às vezes, consolida o gosto por um modo coletivo de trabalhar que é bastante raro em comparação com qualquer outra forma de grupo. O que, então, motiva a associação entre pessoas que estão interessadas e até mesmo engajadas na psicanálise? Volto à destituição.

Além da permutação, outra destituição diferente da que ocorre na análise é a do melancólico. Eu a considero também como um contraponto. A do melancólico é uma destituição de antemão. Embora nós os chamemos de testemunhos, no testemunho existencial do melancólico não há aquela terceiridade própria que está no horizonte e na estrutura de um testemunho verdadeiro. Exibir o gozo, mesmo reivindicando-o, não é o mesmo que “identificar-se com seu sintoma”, como Lacan propõe em seu Seminário “L'insu que sait...”. A inteligência freudiana aqui ainda é insuperável: essas identificações que oscilam entre a borda mais real do objeto e o imaginário aderido ao ideal não privam, mas anulam o sujeito. E, no

¹ J. Lacan, “O ato psicanalítico”, In: *Outros Escritos*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2003 p. 375.

entanto, há melancólicos em análise que chegam à conclusão que é tirada interrogando, e não apenas descrevendo, o sintoma.

Gostaria, portanto, de usar essa proposta bastante tardia de Lacan, a identificação com o sintoma, para demarcar um ponto específico de destituição na análise. A identificação com o sintoma localiza aquilo de que o analista terá de se destituir para causar a tarefa do analisando ou, pelo menos, para não o atrapalhar demais. Na destituição subjetiva há algo que é capturado pelo que Lacan introduz no seminário sobre o ato como a “desaificação” mencionada acima. Isso leva a posição do analista um passo além do não saber ou da abstinência de ser representado como um sujeito no dispositivo. Ou seja, quando uma análise entra no campo lacaniano? Essa já é uma questão de gozo e não apenas de linguagem.

Na própria destituição do ato, o analista é introduzido na lógica da cura como objeto a, a incidência de uma falta, uma definição lacaniana que eu retomo do seminário sobre problemas cruciais, é útil nesse ponto. A incidência de uma falta é uma função muito rara do objeto a fora do discurso analítico. No mundo impuro, o objeto não está faltando, ele é excedente às necessidades. O difícil manejo do objeto a na psicanálise é algo que poderíamos dizer que constitui o campo lacaniano como uma prática de sua teoria.

Mesmo na Escola, onde todos administram de acordo com o que obtiveram em suas análises, há efeitos discursivos, lampejos, polimentos que, sem implicar uma nova entrada em análise, podem afirmar transformações no sujeito. Que paradoxo, a análise preparou o sujeito para a contingência. Porque também é verdade que a Escola não apenas testa o que foi obtido, mas também o prolonga e o realiza. Mas há algo que o analista não experimentou, algo de sua própria experiência que não pode ser repetido com seu analisando: aquilo que a análise introduz de novo no sujeito.

A destituição subjetiva no analista é condicionada pelo caso a caso, porque cada analisando testa a destituição em seu analista de uma maneira diferente. É aí que o analista dá seu « des-ser² » com sua essência de intervalo. Esse des-ser, mesmo que seja sempre o mesmo em sua consistência lógica e ética, não é universal em todos os níveis, nem significa a mesma coisa em todas as oportunidades. Até no mesmo caso, em diferentes momentos da cura, ensina ao analista com que parte de sua pessoa ele terá de pagar. O analista experimentou em sua análise que o des-ser vale como uma oportunidade e não como uma posição. É isso que Lacan pretende quando diz que não é a destituição subjetiva « que faz o des-ser, mas sim o ser, singular e fortemente³ »? O que essa função do vazio significa no real é uma chance para o analisante, o bom furo, o real pelo qual passa algo novo, o significante de sua heresia no Outro. E então, o que faz alguém querer assumir a posição do analista, que não é uma posição subjetiva nem existencial?

Essa decisão é radicalmente ética, talvez mais opaca do que a obscura decisão de ser. O ato analítico e transformador é como o riso, que se faz ouvir sem pedir nada. Ele não mente, acontece ou não acontece. E é algo que é realmente importante no procedimento do passe, como é detectado, como algo é sentido que nos permite inferir algo a ser dito na análise. Em minhas diferentes experiências na Escola, pude observar o eco de um dizer pulsante no próprio impulso do trabalho coletivo. Um trabalho que era então sobre questões para a psicanálise e que já não encontrava sua causa em minha própria curiosidade sobre as análises dos outros, nem em um desejo pessoal de confirmação.

A destituição subjetiva assume o lugar do objeto separador como condição da oportunidade analítica, mas também implica uma contra-experiência do mais-de-gozar no analista. É por

² J. Lacan, “Discurso a Escola Freudiana de Paris”, In: *Outros Escritos*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2003, p. 278.

³ *Ibid*, p. 278.

isso que retorno aqui a dois equilíbrios da análise, dois equilíbrios que encontrei em ambos os dispositivos da Escola: um, em nome do que deasaificar minha posição e, dois, querendo amar meu inconsciente com um amor fresco, real, incauto. É por isso que o passe não é uma visita guiada ao museu da análise em si, mas uma experiência viva. Que com o inconsciente é melhor ter um *crush*, para que não seja um *crash* que tenha me marcado. Em vez disso, toda vez que abro espaço para o inconsciente, quando isso acontece, encontro algo totalmente novo novamente. Mas, e aqui vem um importante, “isso não significa que o inconsciente nos guie bem”, advertiu Lacan em sua Abertura da Seção Clínica. E, é claro, se é a identificação com o sintoma que dá ao uso do inconsciente na experiência analítica sua sanidade borromeana. Caso contrário, as interpretações serão piadas de salão, sem cor, preto ou verde.

O fato de que algo importa no real me acontece com um pouco mais de frequência em conversas com analisandos, quando encontro novamente aquilo que me leva a dar a eles a oportunidade de amar seu inconsciente... ou pior. A destituição subjetiva que pratico, quando me ocorre, nunca é de uma vez por todas, o que torna a questão ainda mais inesperada e sem qualquer garantia. Não é uma posição existencial, nem um requisito estipulado. Não é nem mesmo, para dizer a verdade, uma posição, mas o próprio passo de estar presente no que é dito, sem enlouquecer demais. Presente no que está sendo dito e no que não está. Às vezes isso acontece, mesmo sem eu saber, mas nunca sem eu procurar.

Tradução do autor

Revisão: Ida Freitas

MESA 3: A REPETIÇÃO, O NOVO

Não procuro encontro

Silvia Migdalek
AME
Buenos Aires, Argentina

Pensei muito no que queria transmitir nessa jornada que é parte do espaço que damos à Escola, a nossa Escola, em cada um dos nossos encontros, e nessa oportunidade como preliminar ao nosso VI Sexto Simpósio Interamericano do Campo Lacaniano.

Recordo perfeitamente que nesta mesma sala, inaugurávamos o primeiro, o primeiro que inaugurou a série, e que estava orientado pelo ato de nomear e consolidar laços de trabalho, o que genuinamente chamamos transferência de trabalho. Interamericano com todas as diversidades que inclui. O interamericano é uma proposta inclusiva. Naquele momento nos convocamos a trabalhar e debater “A voz e o olhar na arte e na psicanálise”. Coube a mim, também nessa oportunidade, apresentar uma mesa na qual esse caráter inclusivo se concebeu em ato, quer dizer, se se quer político e ético, como sempre, podemos elaborar seus efeitos a *posteriori*, *après coup*.

Nessa mesa tomaram a palavra colegas que testemunharam de sua experiência como passantes “não nomeados”, de seus efeitos e também defeitos e recordo disso como algo inovador e interessante. Sobretudo porque o que se verificou nessas apresentações foi um desejo de psicanálise vivo para além das nomeações que é outro assunto, o valioso da experiência por si mesma foi transmitido de modo muito entusiasmante. Não podemos esperar menos desse encontro em Buenos Aires, e para começar a orientar-me pelo tema, direi que esse encontro Escola / Simpósio deu lugar ao *automaton* e a *tyché* abertos à surpresa. Como sabemos não há um sem o outro e uma precisão conceitual que quero fazer de início é que para a psicanálise não há emergência do novo fora do contexto da repetição.

Sem dúvida, o tema para o qual nos convocam é imenso, e devo confessar que a primeira associação que fiz foi uma sentença bíblica do Livro Eclesiastes, Livro ao qual Lacan se refere no seminário 21, o Eclesiastes é o livro das vaidades, vaidades das vaidades, tudo é vaidade... Uma de suas sentenças é “nada novo sob o sol” que de forma paradoxalmente e ironicamente propicia a busca por algo novo.

Então pensei tentar abster-me de cair no repetido, apesar de conhecer o que disse Lacan no seminário XI, “o que se repete não é nunca o mesmo, mas o que insiste como repetente.”

O tema para o qual esta mesa nos convoca “reinventar a psicanálise : Uma Escola para ativar com a repetição, o novo” formula um anseio para nossa comunidade, uma Escola de psicanálise ativa, presente e que aceite o desafio, a tarefa de reinventar a cada vez a psicanálise. Achei interessante que na apresentação do tema, disseram que esta tarefa que Lacan nos legou é enfadonha pelo fato mesmo de que há um intransmissível em seu núcleo, em outros lugares encontrei como tradução a palavra desagradável para o que devemos fazer, mas não só pela

impossibilidade subjacente sempre ao que se transmite, quer dizer sua intransmissibilidade, mas sobretudo por seus efeitos, por suas consequências.

Vou começar a fazer uma breve precisão sobre a importância crucial que tem o “conceito fundamental” de repetição, tanto para o analista que é parte do que se produz, põe o corpo na cena, etc como também para o clínico que deve teorizar e refletir sobre isso.

Na obra de Freud aparece muito cedo, não é ocasião de fazer essa analogia, porém sublinhar que na obra de Freud trata-se de uma inclinação clínica nova, surgida como resultado das conclusões as quais ele chega a respeito da técnica analítica ao fim de mais de 25 anos de trabalho. Freud em alguns capítulos célebres desse texto vincula repetição e pulsão. A compulsão à repetição se encena na transferência, emerge diz Freud, como cena, com fidelidade não desejada no terreno da transferência. Este texto é o mais agudo a respeito da repetição na transferência que é um dos três referentes clínicos que Freud introduz para demonstrar a existência de um mais além do princípio do prazer, faz longos desenvolvimentos teóricos, supomos que imaginando as consequências que podia gerar esta novidade do Mas Além.... Sabemos que foi muito contestado tanto por seus discípulos como por seus contemporâneos, refutado pelo questionamento mesmo da ideia do Bem e o efeito que isto podia ter entre seus contemporâneos e seus detratores. Sempre recordo da anedota que no conselho superior da Universidade de Buenos Aires, quando apresentamos o conteúdo do programa da matéria Psicanálise Freud, nos objetavam a incluir a referência ao caráter demoníaco desta compulsão a repetição. O questionamento se dirigia ao uso do termo demoníaco.

A conclusão fundamental desse texto é que a psicanálise, ao fim de 25 anos de experiência, lhe era preciso corrigir um erro em suas concepções, a resistência na análise não provém do inconsciente reprimido, já que este é o maior colaborador aos esforços para cura.

Como dissemos acima “ o que repete não é nunca o mesmo, mas o que é o que insiste como repetente.”

Nesta linha Freud diferencia uma repetição como motor do trabalho da cura, quer dizer, o reprimido inconsciente, que elege a repetição como um dos modos do retorno do reprimido, e concluiu com a afirmação de que “a novidade é a condição de gozo”. A repetição permite a emergência do novo, porém isso não é sem certo padecer que não pode faltar, e assim mesmo sem atravessar o incômodo e o caráter fatigante da repetição.

Finalmente o texto ao qual nos referimos abre passagem, inclusive de uma maneira um pouco abrupta, para uma mudança na doutrina das pulsões, que é o fato da aspiração ao retorno a um estado anterior do qual o vivo alguma vez partiu... uma das metáforas biológicas de Freud. As resistências provêm de outro lado, do que resta a cada repetição, esse eterno retorno do igual ou dessas enigmáticas tendências masoquistas do eu.

Com Lacan, esse milagroso leitor de Freud, não podemos deixar de recordar o aporte fundamental que ele fez para entender a repetição em nosso campo, que constituía dar precisão a diferenciação da repetição como *Tychè e Automaton*. Não tenho tempo para estender isso porém a *Tychè* como encontro ao acaso bom ou mal dá lugar a uma oportunidade eletiva nova para um sujeito de modo contingente na transferência.

Lacan como sabemos a articula como a função do real na repetição, aspecto este que fazendo-se desconhecido permitiu que na psicanálise se produzisse um desvio que Lacan chama “a maior estupidez” que consiste em confundir a transferência com a repetição. Lacan adverte que não se trata em todo caso de que não há repetição na transferência, mas que esta não se reduz à repetição. E quem deve operar nessa direção mais além da transferência e inclusive contra a transferência é a função do desejo do analista como corte sem isso não há nada novo sob o sol... Se tivéssemos um pouco mais de tempo neste momento interrogaríamos a

dimensão fundamental que adquire o acontecimento como a emergência de um dizer que não é sem consequências.

Há várias ideias freudianas que apontam nesta direção, a repetição no âmbito da transferência não é inofensiva, convoca fragmentos de vida real, nada pode ser juramentado em ausência ou esfingie e Lacan muitos anos mais tarde no seminário XIX disse: “todo pai traumático está de fato na mesma posição que o psicanalista”

Lacan especifica que se o psicanalista desde sua posição reproduz a neurose, o pai traumático a produz inocentemente isto é o que nos mostra este exemplo de Lacan psicanalista e também pai traumático porém inocente.

Para finalizar queria referir-me à repetição e o novo na instituição analítica. Para isso vou servir-me de um articulador que se conecta ao tema do nosso Simpósio: o analista e o clínico, com o da Instituição analítica, que para nós e para muitos que estão aqui, a instituição analítica na qual continuamos apostando renovadamente, é a Escola. O articulador do qual quero me servir, é o mecanismo do desmentido, a *Verleugnung*.

No texto “A divisão do eu no processo de defesa” Freud define a *Verleugnung* como a coexistência simultânea de dois juízos contraditórios, o sujeito sabe, porém ao mesmo tempo não quer saber, a célebre frase “já sei porém mesmo assim” como escreveu Mannoni, e que ilustra a posição do neurótico frente a castração, quer dizer frente ao impossível. O desmentido não é nem a repressão, nem a negação e nem a renegação. O conceito da *Verleugnung* está ancorado na lógica e na ética.

Também sabemos que Lacan faz referência à posição do analista frente ao ato, ao seu esquecido e ao seu desmentido, no seminário XV, onde se aguça como um bisturi a ideia de que o analista pode ser aquele que desmente o ato mesmo que o constitui como tal. Lacan distingue com precisão o ato analítico de outras formas e ação, não se trata da intenção do analista, o analista não sabe de seu ato a não ser pelos efeitos que este tem a posteriori e dessa maneira introduz uma descontinuidade, uma torção na repetição.

O esquecido do ato, o desmentido, horror ao ato pela emergência do real, por parte do analista impede a ruptura da repetição e não introduz o novo. O novo na cura só advém se o analista consente, se deixa cair como objeto e suporta a perda nesse lugar.

Na Proposição aos analistas da Escola, momento fundante de algo novo, de um começo, Lacan indica a importância dessa articulação intensão-extensão, e entre outras coisas – isto é o que interessa para concluir- as instituições analíticas muitas vezes tem uma estrutura discursiva, na qual procedem sistematicamente o desmentido daquilo a que a experiência de uma análise conduz, quer dizer do encontro como acontecimento para cada um de algum real ao que se confrontou sem desviar o olhar. Esse desmentido na instituição analítica, obstrui a emergência do novo.

Prevalece o uso dos significantes mestres e em 1998 nasce a Internacional dos Fóruns do Campo Lacaniano, justamente como uma contra experiência para ir contra o Um da uniformização, nosso livro testemunho dessa crise recentemente reeditado pela ED de Alsur, é um gesto que deu um passo em nossa comunidade a uma nova releitura da história, como também a pergunta “que instituição queremos?”, voltou a adquirir a centralidade que merece ser sustentada.

Com o ato de fundação da Escola, um ato que nasce de uma ruptura, uma excomunhão, Lacan rompia com o dogma e a ortodoxia da IPA. Era um novo começo e esse ato fundador deveria ser compreendido por seus efeitos e consequências. Cria-se uma nova modalidade de grupamento de analistas, uma nova modalidade de laço entre analistas. Não “Sociedade científica”, “Não Associação”, mas uma Escola como um modo de resistência e de afirmação da especificidade da psicanálise. Uma instituição que não “desminta” aquilo a que uma

experiência de análise confronto, no sentido que é uma operação de barramento de taxação do Outro, uma operação que castra.

Hoje mais do que nunca, os detratores da psicanálise e também os falsos amigos nos acusam de sermos obsoletos, de falarmos sempre o mesmo, como dizemos aqui para a paróquia ... Nós seguimos com nossa imensa tarefa de reinventar a psicanálise, de sustentar nossa oferta para um Escola na qual o procedimento do passe dá lugar ao analisante que decide renovar a aposta por um futuro possível do discurso analítico em nosso mundo.

Para finalizar , devo dizer que do Fórum Argentino do Campo Lacaniano, polo Buenos Aires, estamos trabalhando com entusiasmo renovado, pulando os obstáculos que nunca faltam, porém trabalhando para como nos convida essa jornada de Escola: “alentar, animar, avivar, dando “um pouco mais de corpo”, ao trabalho de Escola em torno do que Lacan nos convoca a reinventar”

Tradução: Elisabeth da Rocha Miranda

A experiência e a repetição

Sonia Alberti
AME
Rio de Janeiro, Brasil

Em 1990, Colette Soler¹ se debruçou sobre a particularidade da experiência do passe enquanto uma experiência diferente de uma experimentação – que no dicionário se define como “Método científico que, partindo de uma hipótese, consiste na observação e classificação de um fenômeno em condições controladas”. Poderíamos compreendê-lo também retomando uma intervenção de quatro anos antes, de François Regnault², quando, nos Estados Unidos, distinguia a *experimentum mentis* da *experimentum crucis* – expressão utilizada por Newton.

Com efeito, em 1986, Regnault questionava Newton quando este identificava o fazer ciência com o *experimentum crucis*... pois, como Koyré mostrará, para provar que, no vácuo, os corpos caem com a mesma velocidade, não ajudaria nada arremessar da Torre de Pisa bolas de canhão de diferentes pesos ou metais – no vácuo não há a resistência do ar que elas encontrariam em Pisa... Donde, concluir que no vácuo os corpos caem com a mesma velocidade, exigiu apenas o *experimentum mentis* – a experiência mental. Diferentemente da simples experiência mental, a experiência à qual se refere então Colette Soler, seria na realidade a manifestação de algo que sempre surpreende o sujeito às voltas com as antecipações em sua realidade. Ou seja, “a experiência é o que não se imagina” e, portanto, nela “o real responderia sem ser interrogado”. Ela conclui: “Uma psicanálise é verdadeiramente uma experiência”³.

Poderíamos articulá-lo com a observação kierkegaardiana que se espelha no título do trabalho do filósofo dinamarquês sobre a *Repetição: Ensaio de uma psicologia experimental*⁴, de 1843, no qual examina a repetição como veículo para cada um encontrar sua própria verdade e determinação – *Wahrheit und Bestimmung*. Surpreende mesmo essa acepção de uma *psicologia experimental* na contra-mão de uma experimentação como método científico – coisa que hoje até mesmo pessoas que se dizem psicanalistas almejam, especialmente no contexto da IPA anglo-saxã –, além de ser também surpreendente encontrar um autor de meados do século XIX já tão atual, a ponto inclusive de realizar uma abordagem da repetição no avesso daquela que se lê, por exemplo, no contemporâneo *18 Brumário* de Marx⁵, no qual a repetição é tida como o que interrompe a continuidade histórica de criação de algo que ainda não esteve aí – *von etwas noch nicht Dagesesenem*.

Ora, a noção que Lacan⁶ introduz em 1964 em articulação com uma pequena nota de pé de

¹ Soler, C. (1990). *Retour à la passe*. Les postulats de l'expérience*. Paris, octobre 1999. Journées d'études de l'ECF, octobre 1990

² Regnault, F. (2020). Lacan et l'expérience. In: *Essaim – Revue de Psychanalyse*, n. 45. pp. 97-110.

³ Soler, C. (1990). *Retour à la passe*. Les postulats de l'expérience*. Paris, octobre 1999. Journées d'études de l'ECF, octobre 1990. p. 473

⁴ Kierkegaard, S. (1843/2008). *A Repetição: Um ensaio em psicologia experimental*. Tradução de José Miranda Justo. Lisboa: Relógio d'água, 2008.

⁵ Marx, K. (1852/1953). *Der achtzehnte Brumaire des Louis Bonaparte*. Berlin: Dietz Verlag, p.11

⁶ Lacan, J. (1964/1973). *Le Séminaire, livre XI, Les quatre concepts fondamentaux en psychanalyse*. Paris, Seuil.

página do texto de 1912 de Freud⁷, da repetição como tiquê, é justamente essa que cria um novo, algo que ainda não esteve aí, pois repete na contingência, no acaso, surpreendendo. Justamente ali onde Kierkegaard⁸ propõe que a repetição pode ser um instrumento ao alcance de um sujeito que busca sua Verdade e sua Determinação.

Em seu texto, François Regnault⁹ não nega que o sujeito da psicanálise é produto do discurso da ciência, ou seja, produzido por ela enquanto aquilo que ela rejeita. E o faz porque se organiza em torno de “programas de pesquisa”, com maior ou menor investimento de capital, mas justamente programas em que o real é interrogado, como diz Colette Soler¹⁰, o que exige imaginá-lo inicialmente. Uma psicanálise é impossível de ser imaginada inicialmente, por mais que as experiências psicanalíticas se repitam. O que aqui se repete é o novo: a cada experiência analítica, um novo, do mesmo modo como Rimbaud cantou o amor: a cada meneio da cabeça, um novo amor!

Donde, não é na ciência que encontramos experimentos cruciais, mas justamente ali onde se presentifica o que a ciência rejeita: é “na psicanálise que encontramos os experimentos cruciais porque nela há os casos”¹¹, os casos clínicos. Uma psicanálise é um *experimentum crucis* em que o sujeito aprende sua costumeira forma de lidar com o real, ou seja, furtando-se à impossibilidade de repeti-lo – para retomar a referência a Kierkegaard no Seminário *Mais ainda* de Lacan¹². Essa impossibilidade de repeti-lo se deve à defasagem entre a inscrição e o acontecimento, como já dizia Maine de Biran, e que Lacan associa ao objeto *a*. Esse objeto é o próprio fato do dizer: “onde sou no dizer?”¹³ se não sempre alhures, quando busco minha Determinação? Experiência da qual emerge, para cada um de nós, a verdade da descoberta freudiana, identificada por Lacan como a da “excentricidade radical de si em si mesmo com que o homem é confrontado”¹⁴, e que “fez penetrar no interior do círculo da ciência a fronteira entre o objeto e o ser que parecia marcar seu limite”¹⁵.

Cada caso é uma experiência crucial, um paradigma, de modo que “*nossa* experiência” como analistas é a totalidade de nossos casos, mas totalidade tomada como contraditória em si, uma totalidade aberta ou vazia, um novo que surpreende. Experiência que Freud introduziu em seu tempo ao criar a psicanálise, repetida por Lacan contra o pensamento único em psicanálise, sustentado na época pela *La Psychanalyse d'aujourd'hui*, título do livro então publicado pela IPA e que Lacan se impõe como orientação ética a questionar, tanto na Instância da letra no

⁷ Freud, S. (1912/1975). Zur Dynamik der Übertragung. In: *Studienausgabe*, Frankfurt a.M., S. Fischer. Vol. Ergänzungsband. pp. 157-168.

⁸ Kierkegaard, S. (1843/2008). *A Repetição: Um ensaio em psicologia experimental*. Tradução de José Miranda Justo. Lisboa: Relógio d'água, 2008.

⁹ Regnault, F. (2020). Lacan et l'expérience. In: *Essaim – Revue de Psychanalyse*, n. 45. pp. 97-110.

¹⁰ Soler, C. (1990). *Retour à la passe*. Les postulats de l'expérience*. Paris, octobre 1999. Journées d'études de l'ECF, octobre 1990

¹¹ Regnault, F. (2020). Lacan et l'expérience. In: *Essaim – Revue de Psychanalyse*, n. 45. P 100

¹² Lacan, J. (1975). *Le Séminaire, livre XX, Encore* (1972-73). Paris, Seuil.

¹³ Lacan, J. (2011). *Le Séminaire, livre XIX, ... ou pire* (1971-72). Paris, Seuil.

¹⁴ Lacan, J. (1957/1966). L'Instance de la lettre dans l'inconscient ou la raison depuis Freud. In: *Écrits*. Paris, Seuil. p. 524

¹⁵ Lacan, J. (1957/1966). L'Instance de la lettre dans l'inconscient ou la raison depuis Freud. In: *Écrits*. Paris, Seuil. p. 527

inconsciente¹⁶, de 1957, quanto em A Direção do tratamento e os princípios de seu poder¹⁷, de 1958. “Vulgaridade dos conceitos a que a prática de *La psychanalyse d'aujourd'hui* recorre, os *alinhavos* de pseudo-freudismo que nela já não passam de ornamento, e ainda o que realmente convém chamar de descrédito em que [a psa de hoje] prospera, atestam em conjunto sua renegação fundamental”¹⁸. Contra-experiência que teria que retomar em 1967, criando o passe, e em 1980, quando dissolveu sua Escola apenas para perseverar, como disse. A cada nova repetição do que Freud introduziu, seja na psicanálise em intensão – no trabalho em transferência, quando o analista se oferece ao consumo dos logros do desejo em benefício de sua causa, como retoma Colette Soler de Lacan –, seja na transferência de trabalho, quando a Escola promove a contra-experiência a cada repetição, entendo que é da repetição como produto do discurso do psicanalista de que falamos: o novo amor que muda!

¹⁶ Lacan, J. (1957/1966). L'Instance de la lettre dans l'inconscient ou la raison depuis Freud. In: *Écrits*. Paris, Seuil. pp. 493-528.

¹⁷Lacan, J. (1958/1966). La Direction de la cure et les principes de son pouvoir. In: *Écrits*. Paris, Seuil. pp. 585-646

¹⁸ Lacan, J. (1957/1966). L'Instance de la lettre dans l'inconscient ou la raison depuis Freud. In: *Écrits*. Paris, Seuil. p.527

De repetição à Repetição: do *automaton* à *tiquê*

Clara Cecília Mesa
AME
Medellin, Colômbia

Introdução: A solidão de Freud inventor, Lacan fundador.

Começarei com uma anedota pessoal que me acompanhou no momento de indagar como responder a este convite. Nessa busca, voltei a revisar o texto *Cisão, excomunhão, dissolução* e tive uma sensação semelhante à que se me impõe cada vez que inicio a leitura de *Cem anos de solidão*: fazer uma árvore genealógica que me permita orientar-me na sucessão das gerações; no entanto, a sucessão das gerações é a sucessão das repetições, no sentido de uma espécie de *autômaton*: umas reproduzem os pecados das gerações anteriores, outras são inventoras, fundadoras.

Nesse mesmo sentido, também creio que não é gratuito que o significante “100 anos de solidão” me remeta à solidão de Lacan e também a de Freud. Há o tempo em que Freud se considerava como um Robinson na ilha deserta, uma época na qual, se bem reinou a solidão e o isolamento, incluindo as duras críticas e a rejeição, foi, no entanto, uma época que ele considerava como “a bela época heróica”. Essa solidão foi, em certa medida, a condição para a invenção da psicanálise como um acontecimento: introduzir no mundo um pensamento novo, inédito.

Há também Lacan, com sua conhecida sentença “Fundo tão sozinho como sempre estive...”, com a qual inicia seu *Ato de Fundação da Escola Freudiana de Paris*, escrito em 21 de junho de 1964 — uma declaração densa que, como é habitual em Lacan, condensa múltiplos níveis. “Fundo tão sozinho como sempre estive, só em minha relação com a causa psicanalítica”; ele a pronuncia ao criar sua própria Escola, a *École Freudienne de Paris* (EFP), após sua exclusão da Associação Psicanalítica Internacional (IPA). Então, a que se refere essa solidão? Porque é, sem dúvida, um fundamento na psicanálise:

1. **Solidão estrutural do sujeito:** a “solidão” não é simplesmente o sentimento de não ter outros. Em Lacan, o sujeito está estruturalmente só; não há Outro que garanta o sentido último. A divisão subjetiva, o inconsciente estruturado como uma linguagem e o mal-entendido, o “não há relação sexual” — tudo aponta para uma impossibilidade;
2. **Solidão do analista:** o analista, para Lacan, não é um *eu* que dirige ou sabe, mas uma função que se encarna no ato analítico. Esse ato não pode se apoiar em nenhuma autoridade exterior — nem científica, nem religiosa, nem institucional.

A fundação de uma Escola sozinho implica assumir o risco de um ato sem suporte garantido, como o próprio ato analítico. Nesse sentido, o ato de fundação: fundar é um ato que não seria idêntico ao ato analítico, mas que compartilha sua estrutura — fazê-lo sem as garantias do Outro, ser criador de algo inédito — e, assim, defini-lo como uma experiência inaugural, porque nela se pretende não repetir nem ritualizar as experiências de instituição que a precedem.

A repetição — ritualização

Tenhamos em conta a história. É Freud quem criou, diria, encantada, *ex-nihilo*. Podem-se esclarecer as condições históricas, culturais e também subjetivas do surgimento de Freud e

abrir, assim, o capítulo do que Lacan pode formular acerca dessas condições; mas, sejam quais forem essas, é o dizer de Freud o que é causa dessa transferência à psicanálise. É o acontecimento Freud que fez existir um desejo de psicanálise.

Lacan conseguiu relançar — isso é certo — uma nova transferência à psicanálise, que se traduz claramente pela presença nova ou reavivada da psicanálise onde quer que chegue seu ensino no mundo. No entanto, para ele, não era *ex-nihilo*. E, desde o começo, ele o fez para superar os limites da prática freudiana quanto à “resistência” dos próprios analistas e ao seu impasse para resolver a “rocha viva da castração” no final da análise.

Com relação ao termo “experiência inaugural”, Lacan o utilizou para definir a fundação da EFP, na qual pretendeu sustentar a relação de cada um com a psicanálise e favorecer também o pensamento da psicanálise — o que não é a característica de nossa Escola hoje. Não basta a relação de cada um com a psicanálise, mas como essa relação pode fazer comunidade — e hoje temos uma lógica diferente. Hoje, a Escola é internacional, o Passe é internacional, e nos organizamos por meio de dispositivos e comissões internacionais e plurilíngues, de modo que, hoje, o que pode definir-se como comunidade implica uma lógica diferente.

Diagnóstico de nosso momento

Pois bem, qual é nosso momento? Colette Soler faz um diagnóstico lamentável, inquietante. Ela diz:

“No atual, no que concerne ao que ensinamos do que a psicanálise ensina, não é um momento fecundo de produções inéditas. É uma evidência: todos os lacanianos vivem sobre as existências das doutrinas de Freud e de Lacan. Por sorte para nós, as existências são tão ricas que o inventário não está completamente terminado; ainda há gavetas a esvaziar antes que tudo passe à cantilena. E fazemos o melhor, claro, mas isso não impede que estejamos em um processo de assimilação, de ilustração, no melhor dos casos de desenvolvimento, de explicação, de elucidação. Vejam a epidemia de citações que aflige o mundo analítico, as repetições, as repetições tão fatigantes e que seus inimigos retêm contra ele. Alguns gostariam de fingir o novo, tirando as referências — é uma causa perdida. Desdobramos, então, um saber já ali, que se sustenta no nome de Lacan, posto em função de significante Mestre.¹⁷”

O que falta é o ato; somos adeptos da psicanálise, somos transmissores, mas não sabemos ser analisantes da psicanálise como o foi Lacan. Então, me pergunto: repetimos Lacan? O que será o novo que podemos criar? Como criar o novo sem que isso implique um desvio?

O que aprendemos na história de nossas instituições? O que pode vir como novo?

A Escola do Campo Lacaniano — ela mesma — foi criada, fundada para transcender a experiência que nos precede na AMP (Associação Mundial de Psicanálise). O que aprendemos? Estamos a salvo de recair na inclinação natural da instalação do Outro reitor? Do Um magistral? Essa tem sido a aposta, por mais de vinte anos, para manter a polifonia das múltiplas vozes sem o Um magistral. O significante *Fórum* indica, ele próprio, um espaço coletivo de debate.

Realmente, não há vacina contra a segregação, as rivalidades, as obscenidades de grupo; não há vacina contra a tendência a instalar o Outro no lugar do Mestre, ainda que se trate do próprio Lacan como S1. O próprio Freud dizia que as massas tinham sede de autoridade, mas tivemos êxito em criar uma comunidade na qual as regras de funcionamento têm sido criadas ano a

¹ C. Soler. “*Política de la Escuela*”, en Florilegios del mensual, Asociación Foro del Campo Lacaniano de Medellín, Medellín, 2010. p. 66.

ano como produto de debates internacionais, tentando que essas regras se ajustem essencialmente ao sentido de nossa práxis. Nelas se destaca a permutação. Ninguém deve permanecer por um período superior a dois anos em uma mesma função, e as decisões não se tomam a título pessoal.

A *Carta* e a Assembleia são as instâncias consultiva e decisória do funcionamento. Por outro lado, se o dispositivo do Passe esteve justamente no coração da crise que precedeu nossa contra experiência, na EPFCL, desde 2001, realizou-se uma experiência que assegura que seu procedimento não dependa senão da própria experiência analítica e tenha como único objetivo dar conta da garantia da formação do analista. E, para isso, criaram-se os Cartéis do Passe como efêmeros, multinacionais e multilíngues; não há um Colégio do Passe com poder de recepção e nomeação segundo conveniências políticas do funcionamento de grupos, como se evidenciou em 1998 na AMP. Ante cada demanda de passe, o Colégio Internacional da Garantia (CIG) elege um cartel 4+1, composto por analistas AME ou AE, membros do Colégio, os quais se reúnem de maneira transitória para escutar o testemunho dos dois passadores, deliberar pelo tempo que seja necessário e determinar se há ou não uma nomeação de AE.

Concluído esse processo dá-se o informe ao CIG; a resposta deve ser imediata, e o Cartel se dissolve automaticamente. Podemos precisar um pouco mais que, ao escolher esses cinco membros do Cartel do Passe, há um procedimento de verificação das inabilidades ou incompatibilidades de acordo com as proximidades por amizade ou coleguismo, ou ainda as inabilidades analíticas referentes a proximidade — por tratar-se de um analisante, de um colega que faz supervisão ou, inclusive, de um analisante do próprio analista. A Carta, sobre o regulamento do CIG, diz: “O CIG se encarrega de dirigir os passes a um dos Cartéis do Passe, levando em conta as línguas e as incompatibilidades. Convém evitar a presença no Cartel: do analista do passante, de seu supervisor atual, eventualmente de um analisante atual do mesmo analista e, as vezes, de pessoas muito próximas”².

O que se pode ver é que o trabalho realizado ao longo destes vinte anos consiste em pensar uma política das transferências que possa excluir qualquer tipo de transferência que recaia sobre uma só pessoa, cultivando, em contrapartida, o polimorfismo. É preciso pensá-lo também porque uma coisa era o modo de organização proposto pela Associação Psicanalítica Internacional (IPA), criada por Freud, na qual as transferências eram dirigidas e comandadas de maneira vertical, exclusivamente dirigidas ao analista e, por sua vez, exclusivamente designadas pela própria instituição. Sabemos que Lacan não deixou de lamentar que a eleição de Freud tenha sido manter sua instituição segundo o modelo da Igreja. A proposta realizada por Lacan implica outra lógica quanto às transferências; poder-se-ia dizer transferências cruzadas, mas como preservá-las para mantê-las isentas da manipulação ou de incidências que possam depender dos interesses políticos no manejo do funcionamento?

Não se pode esquecer que Lacan, em seu texto *A direção da cura e os princípios de seu poder*, destaca o poder que encarna a transferência, dizendo claramente “com a condição de não se servir dele”³, quer dizer, trata-se de uma ética na instituição, na Escola analítica que é a Internacional dos Fóruns (IF), que assegura uma ética que implica não fazer uso do poder imaginário que a transferência concede.

Pois bem, a AMP seguiria a via da fundação de Lacan, mas constatamos, em 1998, que, longe de ser uma verdadeira comunidade de experiência, repetiu o modelo da IPA; é o que Colette

² Colegiado Internacional da Garantia, *Echos, Echoes, Ecos, Echi*, nº 17, 2018-2020, p.4. <https://www.champlacanian.net/public/docu/3/Echos17.pdf>

³ J. Lacan, “A direção do tratamento e os princípios de seu poder”, In *Escritos*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed.,1998, p.603.

Soler, em *A psicanálise frente ao pensamento único*, define como o avesso da orientação. Essa Associação Mundial havia sido criada com uma função definida como o direito de supervisionar as nomeações analíticas, o que implicava, em certa medida, o ressurgimento do mesmo dispositivo que operou na diretiva de excomunhão de Lacan. Tratava-se então — continuo citando Colette Soler — do poder de uma direção para outorgar ou negar a garantia analítica, especificamente, nesse caso, sob a decisão de uma só pessoa que se propunha como medida da coisa analítica. Esse domínio da hierarquia do poder político sobre a qualificação do analista era precisamente aquilo que Lacan, ao inventar sua Escola e o Passe, esforçou-se para proscrever. Colocou-se em marcha, sob o nome de Escola, o avesso do projeto de Lacan⁴.

A aposta, então, é poder situar a política da Escola em posição contrária ao ideal coletivo político em torno do Um e de seu poder; inclusive, uma que se orienta pelo pensamento único. É esse o ponto no qual a IF e sua Escola deram o passo para fundar, já não na solidão, mas como produto de um consentimento coletivo. A aposta foi criar uma Escola múltipla, diversa, internacional, plurilingüe, quer dizer, uma Escola com uma política na contracorrente; a aposta era não preservar o *autômaton* que a precedia, mas algo novo. Se considerarmos os acontecimentos que deram origem à criação do Campo Lacaniano e que aparecem resenhados no livro *A psicanálise frente ao pensamento único*, pode-se pensar que se trata, justamente, de promover uma objeção ao discurso que sutura, que impede o questionamento e a crítica, que trabalha contra suscitar o desejo pela psicanálise, pois o que promove é a identificação e a massa ou, em todo caso, reintroduz a lógica do grupo.

O movimento, então, é o de uma aposta nova: “Isto é o que está no princípio da dissidência cuja história escrevemos, pois foi como uma grande maré tendente a preservar as próprias condições do pensamento analítico e, portanto, também as da prática analítica”⁵.

Da solidão à solidariedade

Pois bem, se o ato, o ato analítico e a criação implicam a solidão, introduzimos uma nova lógica: passar da solidão à solidariedade. Segundo *A Carta*:

Os Fóruns funcionam, então, segundo o princípio de iniciativa, somente limitado, dado o caso, pelo princípio de solidariedade. O princípio de iniciativa entende-se facilmente: vela para que o funcionamento burocrático não asfixie as ideias novas e não seja um obstáculo aos projetos inovadores quando eles são compatíveis com as finalidades dos Fóruns. O princípio de solidariedade, por sua vez, lembra que, em um conjunto ligado por um projeto comum, os atos de um — seja de um membro ou de todo um Fórum — comprometem o conjunto destes por suas consequências. Convida, pois, ao consenso em todos os níveis e à responsabilidade de cada um. Esses são os princípios da IF; mas pergunta-se: os da Escola vão necessariamente mais além? Se os dispositivos essenciais da Escola são o Passe e o Cartel, aplicam-se da mesma maneira?

Crítica assídua

Para concluir, quero introduzir algumas reflexões sobre a função que Lacan outorga à Escola em sua criação. Retomo-o no *Ato de Fundação*: a Escola como o lugar onde deve realizar-se um

⁴ C. Soler, L. Soler, J. Adam, y D. Silvestre. *El psicoanálisis frente al pensamiento único. Historia de una crisis singular*. Ciudad de Córdoba, Foro Mediterráneo del Campo Lacaniano – Escuela de Psicoanálisis de los Foros del Campo Lacaniano, 2023. p. 60 y 61.

⁵ C. Soler, *El psicoanálisis frente al pensamiento único*, Buenos Aires, 2000, p.6.

trabalho que devolva à psicanálise o lugar que lhe corresponde no mundo, mediante uma “crítica assídua” que denuncie seus desvios e as concessões que degradam seu emprego⁶; sabemos disso porque o repetimos de memória cada vez que retornamos ao *Ato de Fundação*. Essa é a tarefa da Escola lacaniana. Em 1980, na *Carta de dissolução*⁷, ele retoma a tarefa que havia empreendido. A Escola cumpre, para isso, sua função? Parece que não, e ele a dissolve; mas anuncia que mantém seu compromisso. Quer dizer, persevera nisso e, com esse empenho, funda o Campo Freudiano com aqueles que desejem continuar essa causa.

A questão, então, é: como entendemos hoje, em nossa Escola, o que chamamos de crítica assídua? Dizer *assídua* quer dizer “frequente, pontual, perseverante”.

No contexto da psicanálise lacaniana, a “crítica assídua” refere-se à prática constante e rigorosa de examinar e questionar os fundamentos e os desenvolvimentos da psicanálise, tanto dentro quanto fora da Escola. Essa crítica não busca simplesmente assinalar erros; não é “criticar”, no sentido imaginário do termo, a prática dos colegas, mas, antes, manter a vitalidade e a relevância da psicanálise, denunciando desvios e compromissos que possam obstaculizar seu progresso. A crítica, no sentido imaginário, dirigida aos modos de trabalho dos colegas, em si mesma, faria a instituição explodir. Trata-se, então, de outra modalidade.

Sua função é proteger a psicanálise da petrificação e da perda de sua força original da psicanálise. Ou seja, possibilitar a restauração de seu fio cortante e, em consequência, evitar que se converta em doutrina dogmática, assegurando que permaneça como prática viva e em constante evolução. Sabemos muito bem que Lacan se dirige, interpela especificamente, os Analistas Membros da Escola.

Quais podem ser os meios? A crítica manifesta-se por meio da discussão, do debate, da reinterpretação de conceitos e da aplicação da psicanálise, de modo que possa restaurar seu lugar em um mundo que cada vez mais tenta excluí-la. Ora bem, manter essa crítica constante é essencial para assegurar que a psicanálise siga sendo uma ferramenta útil para compreender a complexidade da experiência humana e para abordar os problemas da subjetividade.

Na definição de Lacan, me parece fundamental destacar o que diz respeito às “concessões”; na *Carta de dissolução*, ele as chamou de “desvios e transigências”. O que isso quer dizer? Faço minha própria hipótese e suponho que se refere a todos os intercâmbios feitos com as outras incidências dos *psi* para preservar não a especificidade da psicanálise, mas as “homeostases das confraternidades profissionais”⁸.

Parece evidente, em certa medida, que hoje a psicanálise não tem lugar assegurado no contexto social, nem nas universidades nem no campo clínico, onde, por um lado, surge cada vez com mais força a oferta das neurociências e, por outro, a legalização das psicoterapias e de outras práticas terapêuticas que se oferecem como rápidas e eficientes para responder ao clamor da humanidade. Entre elas aparece, como um débil fantasma, a oferta da psicoterapia de orientação analítica ou das psicoterapias breves fundadas na psicanálise, e até uma versão de “neuropsicanálise” etc., para não desaparecer ou, ao menos, para entrar nos espaços institucionais ou estatais. Colette Soler diz: “O mínimo que se pode dizer é que hoje é patente a carência de um estatuto do psicanalista suficientemente fundado em sua prática para ser crível. Tão patente é a ameaça de confundi-lo com os *psi* de todo tipo, que os Estados intervêm em seus assuntos e que certos analistas aplaudem, esperando um estatuto

⁶ J. Lacan, “Ato de Fundação”, In: *Outros Escritos*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed. 2003. p. 244.

⁷ J. Lacan, “Carta de dissolução”, In *Outros Escritos*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed. 2003. p.319

⁸ C. Soler, *Incidencias Políticas del Psicoanálisis/2. Textos, ensayos y conferencias*, Barcelona, Ediciones S & P, 2011. p. 810.

profissional outorgado pelo Estado. A falta de lograr validar-se, solicita-se um espaço protegido.⁹”

Isso constatamos em uma das últimas sondagens que realizamos no Laboratório Internacional da Política da Psicanálise (LIPP), no último semestre de 2024. Zona por zona, pudemos constatar o estado das coisas; o problema é, muito claramente, como podemos responder com a psicanálise sem degradá-la. As concessões amortecem seu progresso ao degradar seu emprego. Resumo com uma pergunta que me retorna ao título: então, como podemos passar da repetição à criação, ao novo — como o disse de passagem um pouco antes — sem entrar no desvio? Como ser analisantes da psicanálise e não simplesmente adeptos? Ou militantes? Quais são os meios possíveis para mudar?

Regra um tanto irônica proposta por Colette Soler, na conferência proferida para a Federação dos Fóruns da Espanha, FFCLE F8, que vou parafrasear para concluir: se, para o analisante, a regra fundamental é a da associação livre, a regra para os analistas poderia ser “proibido citar Lacan, não proibido ler Lacan”; quer dizer, falar com seu próprio vocabulário, ser analisantes. Não se trata simplesmente de ver que há algo a retificar¹⁰; é necessário ver se há vias para retificá-lo.

Tradução: Sérgio Garrido

Revisão: Ida Freitas

⁹ C. Soler, *Incidencias Políticas del Psicoanálisis/2. Textos, ensayos y conferencias*, Barcelona, Ediciones S & P, 2011. p.815.

¹⁰ C. Soler, *Incidencias Políticas del Psicoanálisis/2. Textos, ensayos y conferencias*, Barcelona, Ediciones S & P, 2011. p. 810.

O PASSE: EXPERIÊNCIA E TESTEMUNHOS

12 DE JULHO DE 2025, VENEZA

JORNADA DE ESCOLA DA IV CONVENÇÃO EUROPEIA DA EPFCL

ARGUMENTO

Experiência:

Desde sempre, a filosofia tem se esforçado para determinar a articulação entre a experiência e o saber: aquele que a precede, inclusive a condiciona, aquele que se deposita nela e aquele que pode ser transmitido. Os debates e as polêmicas ressurgiram de século em século, sem chegar à conclusão de que um prevalece sobre o outro. Qualquer mediação que permita acessar o fundo da experiência permanecerá do lado do semblante e nada esgotará seu real. A ciência, ao instituir a experimentação como medida possível da verdade, não conseguiu, no entanto, instituir um discurso que não fosse do semblante. “Experiência” é um termo polissêmico, sua tradução para o alemão dá conta de seus diferentes valores: *Erlebnis* remete à experiência vivida e à sua contingência, *Erfahrung*, “traversia”, indica seu valor de processo e, por último, *Experiment* denota a experimentação.

A experiência psicanalítica envolve essas diferentes dimensões. O acontecimento Freud instalou no mundo um novo saber, o inconsciente, a partir de uma experiência, concebida por ele como experiência da palavra. Ele elaborou um dispositivo “experimental” ordenado pelo procedimento que Lacan destacará como o “procedimento freudiano”, que envolve seus efeitos de estrutura que descobre a transferência. A operação “do analista” pode conduzir a uma subversão da relação com o saber e o gozo que essa transferência desloca. O ensino de Lacan, que se dedica a testemunhar o que ele chama insistentemente de “a experiência da análise”, precisa suas condições, formaliza sua estrutura, implica seus efeitos e deduz disso a matemática do Discurso que a instaura. Ele extrai o que da experiência pode ocorrer como fim, do qual distingue “a experiência da passagem”, passagem do psicanalisante à psicanalista, condição do porvir do ato analítico. A proposta do dispositivo da passagem aposta para que essa experiência não seja infável e que a Escola possa recolher os testemunhos eventuais.

Testemunho:

“*Testimonium*” em latim deu origem a testamento, testemunhar, atestar, protestar... todos esses derivados indicam claramente um impacto performativo que se reencontra no Dizer do testemunho, como ato de enunciação que teria valor de prova. Testemunhar é transmitir um “saber da experiência”, de uma experiência vivida por um único indivíduo, intimado a tomar a palavra para fazer valer essa experiência única, diante de outro que deve validar essa realidade, ou não.

A justiça e a história colocaram a função do testemunho no centro de seu processo, ressaltando ao mesmo tempo seu aspecto paradoxal: como a experiência de um pode instituir uma certeza?

As guerras, o holocausto, os traumas em geral, precipitam o testemunho em outro dilema: entre a impossibilidade e a urgência de dizer.

Passe:

Ao propor o passe como evento clínico e como dispositivo de “garantia” do analista, Lacan propõe um nó entre a experiência e o testemunho, a comprovação e a prova. A experiência inédita do passante se apresenta de repente como urgência de um testemunho que toma a Escola como testemunha. Também os passadores se surpreendem com esse nó entre testemunho e experiência. O cartel, por sua vez, embora nomeado júri por Lacan, não sai ileso da experiência da qual é testemunha e da qual deve prestar contas.

A Convenção Europeia da EPFCL em Veneza nos oferece uma nova oportunidade para colocar a prova nossa comunidade de experiência com nossos testemunhos.

VERDADE – TESTEMUNHO - ATO

Didier Castanet
AME
Toulouse, França

« *Escrevendo, eu aprendi que a felicidade não consiste em escrever um poema, mas em ser escrito por alguma coisa ou por alguém que nós não conhecemos.* »¹

Para nós psicanalistas, a questão do testemunho se encontra deslocada porque se coloca o problema de saber como atestar uma verdade impossível de dizer que Lacan chama de « real ».

« A verdade brinca com o inconsciente »² afirma Lacan sem seu « Prefácio à edição inglesa do Seminário XI ». Ela está ligada ao real, ao real do inconsciente que nenhum saber consegue esvaziar. Essa brincadeira é do saber e da verdade. Que Lacan toma no início da lição IV do Seminário XXIV.

A testemunha é sempre aquela que deve falar, mas houve primeiro um tempo de silêncio do qual ela guarda o vestígio e a memória.

Para abordar essa questão do testemunho de forma geral e concisa, retornei ao livro de Giorgio Agamben, « Que resta de Auschwitz ».

Esse livro é uma cartografia ética do testemunho. Para Agamben, é essencial liberar o « significado ético e político do extermínio » denunciando a confusão das categorias de direito e de ética, de julgamento e de verdade, que a meu ver vem obscurecer o sentido sem que percebamos.

A questão do testemunho se choca com uma concepção irrepresentável da verdade, a « dos fatos tão reais que nada mais, em comparação, é verdadeiro. ». Essa é a aporia de Auschwitz : os fatos, historicamente determinados, não coincidem mais com uma verdade que os excede.

Com o nazismo a eliminar um povo e destruir sua humanidade, uma tecnologia de poder foi utilizada, conforme Agamben, para formar uma categoria de prisioneiros cuja degradação humana era tamanha que os tornaria incapazes de testemunhar sua escravidão e a violência a que foram submetidos. Isso, de acordo com os relatos de alguns prisioneiros, foi o sofrimento daqueles que foram chamados, nos campos de concentração, de « mulçumanos ».

Alguns antigos deportados, como Primo Levi, testemunharam sobre o que os próprios protagonistas não puderam testemunhar, já que eles foram privados dessa capacidade humana do testemunho.

Agamben nos diz « Auschwitz constitui, no momento de um desastre histórico, a experiência traumática em que o impossível é introduzido à força na realidade. Ele é a existência do impossível, a negação mais radical da contingência – portanto a necessidade mais absoluta »³

¹ Giorgio Agamben, *Ce que j'ai vu, entendu, appris...* Giulio Einaudi editore, 2022. Nous, 2024 pour la traduction française, p.29.

² J. Lacan, « Prefácio à edição inglesa do Seminário XI », In: *Outros Escritos*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2003, p. 568.

³ G. Agamben, *Ce qui reste d'Auschwitz*, Paris, Editions Payot et Rivages, 1999, p. 194.

Ora, quanto a essa realidade, nem as normas do Direito nem a moral (ou seja, o sentimento de culpa ou vergonha), nem as referências culturais, como aquelas da tragédia grega ou a ultrapassagem nietzschiana, conseguiram dizer o que está além do testemunho, quando o único que poderia falar, aquele a quem foi tirada até mesmo a dignidade de sua própria morte, o « mulçumano », aquele que está encarregado « da gestão dos fornos crematórios e das câmaras de gás », não pode mais fazê-lo.

Na parte 4 de seu livro intitulado « O arquivo e o testemunho », Agamben retoma o método de Foucault em Arqueologia do saber modificando a perspectiva para reformular a questão do testemunho. Ele nos dirá: « Não se trata, bem entendido, de regressar ao antigo problema que Foucault entendia liquidar: « como pode a liberdade de um sujeito encontrar um caminho dentro das regras de uma língua », mais sim de situar o sujeito na lacuna entre uma possibilidade e uma impossibilidade de dizer, solicitando: « Como algo como um enunciado pode se produzir no nível da língua? ».

Em outras palavras, não se trata mais de ver como nos diz Agamben « a margem obscura inscrita em todo discurso, que circunda e limita toda tomada da palavra concreta », nem de observar o desaparecimento do sujeito no murmúrio anônimo do « não importa que fale » mais de mostrar como o sujeito se constrói a partir de sua « contingência », isto é, da possibilidade que ele teve « de ter ou não ter uma língua ». Falar, é a cada vez escolher a língua, a partir dessa contingência. Se a impossibilidade é introduzida à força por qualquer sistema, então a contingência é negada, e também a possibilidade de todo testemunho.

Cito uma referência que li recentemente. Trata-se do livro de Alain Fleisher, « Viagem de ida e volta na língua que meu pai falava »⁴.

Sem poder desenvolver, menciono também a referência de Vladimir Jankélévitch, « O imprescritível »⁵, pequena obra na qual ele nos lembra que a memória do horror constitui uma obrigação moral.

O que significa testemunhar a sua análise? Esse significante testemunho está certamente atado à ideia de verdade. Se voltarmos a Freud ou a Lacan, o testemunho está atrelado à escrita. Freud elaborando a sua descoberta e Lacan relendo ao pé da letra os textos de Freud. Lacan delimita a diferença indicando o valor de « testemunho (...) objetificado » no texto de Schreber⁶. Invocando a poesia, Lacan declara que ela « carrega a criação de um sujeito que assume uma nova ordem de relação simbólica no mundo.⁷ »

Em um testemunho de passe, a dimensão da criação responde, de fato, a esse efeito de verdade da fala, mas o testemunho esperado revelaria antes uma verdade limpa de suas fixações imaginárias de que restaria apenas um fio condutor, lógico e convincente, compreendendo o exugamento realizado pela cura.

A definição de ato é simples, mas essa simplicidade esconde muitas complexidades. É qualificado por Lacan de ato psicanalítico a passagem do trabalho de analisante para a posição de psicanalista. É o ato pelo qual o analisante, se autorizando de si mesmo e de alguns outros, se autoriza a receber analisantes e a ser remunerado por isso. Ao apresentar essa proposição, ele enfatizou a responsabilidade daquele que assume o risco de ocupar o lugar de analista. Ele destaca também a dimensão de solidão necessária. A solidão do analista consiste em estar só

⁴ Alain Fleischer, *Aller-Retour dans la langue que parlait mon père*, Editions de l'Arbre Vengeur, 2025.

⁵ Vladimir Jankélévitch, *L'imprescriptible*, Paris, Editions du Seuil, 1986.

⁶ J. Lacan, *O Seminário, Livro III, As psicoses*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1998, p. 93.

⁷ *Ibid.*, p. 94

com seu ato. Há o ato do lado do analista e o ato do lado do analisante. O ato do analista é o que engaja a experiência e o que irá operar tudo ao longo da cura. O ato do analisante é o ato pelo qual ele se engaja na experiência. Ele se distingue da demanda de análise. Há então o ato que é aquele em que ele decide se separar de seu analista. Posteriormente, ele terá a opção, se assim ele o desejar, de ocupar a posição de analista. Esse é o ato que faz um analista. Dito de outra forma, a análise prepara o analisante para o encontro com o ato. O ato é necessário porque supõe uma travessia para aquele que se autorizará como analista.

Não podemos antecipar quando um ato será um ato. É nesse contexto que Lacan falará das aporias do ato. Isso se refere, naturalmente, por evocar as consequências do ato.

Para Lacan, não se pode antecipar um ato, isto é, quando um ato será um ato. Também não se pode antecipar os efeitos do ato. É por isso que ele propõe a expressão « aporias do trabalho completo » a propósito do ato. Isso coloca a questão da ação diferida, no-depois. Ela significa que só sabemos que um ato foi um ato em retrospectiva. Porque diferentemente do próprio ato, o sujeito permanecerá o mesmo, após o ato há uma transformação do sujeito. Em outras palavras, o sujeito não é mais o mesmo.

Há um antes e um depois do ato, e o que importa são as consequências do ato, a transformação, a ruptura que ele suscita para o sujeito. Citando « A uma razão », de Rimbaud, Lacan afirma que essa é a fórmula do ato: despertar um novo desejo.

Em 1976, Lacan fez uma nova interpretação da passagem de analisante à analista em termos não apenas de se autorizar, mas de se historicizar⁸. O « prefácio à edição inglesa do Seminário XI » contém uma nova e última versão da verdade e do passe. A verdade é ali descrita como « verdade mentirosa ». « Não há verdade que, ao passar pela atenção, não minta⁹ ». Atravessar o real produz uma verdade enganosa. « Enganosa » porque depende da atenção, que perde a emergência do real do inconsciente – o verdadeiro – em um processo de saber sobre ele, que pode ser qualificado de simbólico na medida em que relaciona os significantes com outros significantes. A atenção carrega o « espaço de um lapso », o espaço de um lapso da língua, fazendo a passagem do real do inconsciente ao simbólico do inconsciente, o Outro como lugar da verdade. Isso desloca o verdadeiro como meia-verdade do real, sem significado, para o verdadeiro da estrutura de ficção, de surpresa ab-surda (discordante) do erro para « a realização do sujeito de sua história na relação com um futuro ». É isso que Lacan, em 1976, chama de « historicização ».

Esse termo constitui para Lacan em 1976 a chave de leitura da passagem de analisante para analista. « Daí minha proposição de que o analista apenas se historiciza de si mesmo : fato patente », seguida de « Daí designei o passe como esse teste de historicização da análise, tomando isso em consideração, esse passe não se impõe a todos, porque não há um todo mundo nessa ocasião, mas sim dispersos e desemparelhados. Deixei o passe à disposição daqueles que se arriscam a testemunhar o melhor da verdade mentirosa¹⁰ ».

Em 1976, « historicizar-se » substitui « autorizar-se ». Designa o ato, incluindo o testemunho, de passagem de analisante à analista, um ato que se afirma de testemunhar essa passagem (um dizer correlativo da ação). O testemunho está preso a uma verdade mentirosa. Não há verdade sobre a verdade.

⁸ J. Lacan, *Le Séminaire*, Livro XXIV, L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre, inédito, lição II de 14 de dezembro de 1976.

⁹ J. Lacan, « *Prefácio a edição inglesa do seminário XI* », In: *Outros escritos*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., p. 569.

¹⁰ *Ibid.*

Nesse ponto, me parece importante considerar a observação de Colette Soler que nos diz, e cito o seu curso de 1999-2000, « ... o ato analítico não se historiciza. Ele permite ao sujeito se historicizar mas o ato analítico não se historiciza. Por outro lado, o ato político se historiciza, o ato criativo também, o mesmo com o ato moral. O fato de não ser historicizado significa que não há memória do ato analítico no sentido de que a memória é uma inscrição. O ato opera, tem efeitos, ele tem traços de efeitos, mas esses vestígios e esses efeitos estão do lado do analisante. Do lado de quem suporta o ato, nenhum traço, nenhuma memória¹¹. »

Em conclusão, existe algo que possa ser transmitido?

Se falamos de restos sintomáticos então nos referimos ao gozo do sintoma que não pode ser absorvido e que não muda. Freud recomendava que os analistas retornassem ao divã a cada 5 anos. Com Joyce, Lacan encontrou uma nova solução para concluir a análise não buscando erradicar esses restos sintomáticos, mas desenvolvendo um « saber fazer com o próprio sintoma ».

No entanto, no fim da vida, Lacan concluiu que a psicanálise é intransmissível, porque não se pode dizer tudo sobre a experiência concernente ao real.

Apesar dessa constatação negativa, Lacan propõe um caminho: o da invenção. Ele nos dirá assim: « Se eu falei em Lille sobre o passe, foi precisamente por isso, porque cada psicanalista deve reinventar seu caminho, com base no que conseguiu extrair do fato de ter sido psicanalisante por um tempo, que cada psicanalista reinvente o caminho como a psicanálise pode durar.¹² ». É exatamente nesse papel, a meu ver, que o Analista de Escola é esperado. Que diga algo de sua própria invenção sobre a experiência como analisando, o que ela lhe ensinou, o que ela mudou, mas também o que ela não modificou e é preciso acrescentar que discuta com outros para que nossa Escola permaneça viva. Nossa Escola com a chave do passe.

Tradução: Lucília Maria Abrabão e Sousa

Revisão: Ida Freitas

¹¹C. Soler, Cours du Collège de Clinique Psychanalytique de Paris « La politique de l'acte », 1999-2000, p.144.

¹² Lacan, « Conclusions », Lettres de l'École, n°25, vol. II, p.219.

NADA É COMO ANTES

Armando Cote
AME
Paris, França

"A verdade não pode convencer, o saber passa em ato"¹ (Lacan, 1966/2003, p.310)

Em 1970, Lacan, encerrando o congresso sobre o ensino, dizia "O que me salva do ensino é o ato e aquilo que testemunha do ato"². De fato, Lacan, desde a criação do dispositivo do passe, não deixou de pôr à prova essa forma tão particular da fala que é o testemunho. Eis a proposição que Lacan faz para associar aqueles que participarão da renovação da psicanálise, ele propõe fundar o estatuto do psicanalista a partir do ato e de três posições: testemunhar, testemunho e testemunha. Posições diferentes em três momentos do dispositivo.

Lembremo-nos de que uma das razões principais para a proposição do passe era sair do adormecimento e da inércia intelectual que existia no final dos anos 60. De fato, o conjunto dos analistas vivia em um ambiente de terror conformista³ com a hierarquia dos psicanalistas, que tinha como efeito um silêncio soberano. O passe busca romper o silêncio que é próprio dos efeitos das identificações nos grupos.

A experiência analítica é singular, única, mas os estilos, as formas de dar testemunho dela, são plurais. Diante do mal estar, o que fazer? Nada, dizia Lacan em *Radiofonia*, apenas testemunhar do inconsciente que fala⁴. Ou ainda, em *Aturdido*: testemunha da existência de um sujeito dizendo não à função fálica⁵. E falando de Joyce, trata-se, para o analista, de testemunhar daquilo que fascina ou do gozo do sintoma⁶. Com o passe, Lacan inverte os lugares que existem no discurso universitário; o analista só pode ser ensinado na medida de seu saber e só pode ser ensinante para se instruir, mas com a condição de que "se saiba onde está o analisante"⁷, já que o passe repousa no testemunho do passador. O passante decide renunciar ao Eu da enunciação para se submeter a um procedimento que só retém os enunciados do passador. O passe marca a passagem da fala ao discurso, ato paradoxal, pois implica uma mudança de lugar, um deslocamento, uma destituição do analisante a partir de um ato que institui.

¹ Lacan, J., (1970) « Alocução sobre o ensino », In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003, p. 310.

² Lacan, J., (1970) « Alocução sobre o ensino » op.cit, p.309

³ Lacan, J., (1956) « Situação da Psicanálise em 1956 », In: *Escritos*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 480

⁴ Lacan, J., (1970) « Radiofonia », In: *Outros Escritos*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003 p., 431.

⁵ Lacan, J., (1972) "Aturdido", *Ibid.* p. 495.

⁶ Lacan, J., (1975) Joyce, o Sintoma, *Ibid*, p. 566.

⁷ Lacan, J., (1970) «Alocução sobre o ensino», In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003, p. 308.

Os testemunhos do passe são momentos vertiginosos, abissais, em que os locais e lugares da fala são explodidos. O passador fala por delegação, no lugar do passante, em virtude de um princípio jurídico. É o passador que sustenta o testemunho. O passe oferece para aqueles que queiram, a chance de medir o caminho percorrido, ele depende daquele a quem se testemunha, porque é quem vai estipular o valor do que foi dito. A força do testemunho reside, não na verdade, mas na sua incompletude. O passe é uma experiência de fala, ele concerne a possibilidade do dizer e a impossibilidade da fala em dizer tudo.

Muitas vezes, o motivo que leva o passante a testemunhar é uma certa urgência, uma pressa. Essa urgência é própria ao discurso analítico, é moldada pelo tempo lógico, o que produz efeitos. A pressa interpreta, ela tende a "apagar o sentido das coisas das quais o sujeito sofre"⁸. Esse apagamento produz um efeito que é descrito como sendo um relaxamento, uma resolução que, estranhamente, marca um fim e um começo, simultaneamente. A experiência analítica se conclui muitas vezes com uma sensação de leveza, ligada à noção de des-ser. Momento no qual "nada mais é como antes", um momento de passe em que, pacientemente, busca-se encontrar a mais ínfima diferença, nada mais é repetição; enfim, como dizia Lacan, as "effaçons⁹ de ser"¹⁰ que dizem respeito ao momento de concluir e ao ser do sujeito: "eu me apresso em me afirmar para ser"¹¹.

Enquanto Freud via o fim como um enfraquecimento do recalque e uma pacificação dos conflitos intrapsíquicos, Lacan por sua vez, chacoalha essa perspectiva. Para Lacan, a análise não tem por fim alcançar um eu harmonioso, nem uma adaptação ao real, mas permitir ao sujeito afrontar o núcleo real de seu desejo e se situar de outro modo em relação ao Outro, à linguagem e ao gozo. Não porque tudo estaria "resolvido", mas porque a relação do sujeito com sua divisão, com seu fantasma e com seu sintoma, se deslocou. Esse deslocamento implica um ato, que ocorre uma vez, ao final de uma psicanálise. Lacan escreveu assim: "ser psicanalista, todos sabem, começa ao final de uma psicanálise"¹². É algo difícil de apreender. De fato, o começo está ligado ao ato analítico. Ato psicanalítico e começo estão ligados não apenas no tempo, mas também no espaço. É nesse ponto que Lacan nos convida a prestar atenção, esse momento em que se deixa de ser analisante e não se torna analista porque analista só existe no ato. Isso não é fácil de entender porque o analista é analista apenas em seu ato. Se chegamos ao final uma vez, essa vez está em ligação com "o começo de todas as

⁸ Lacan, J. « Entrevista à Revista Panorama », <https://ecole-lacanienne.net/wp-content/uploads/2016/04/1974-11-21.pdf>

⁹ Lacan, J., Seminário A Identificação, inédito, sessão de 06/12/1961: "Seria necessário, de início, que nós distinguíssemos o significante do signo, e que mostrássemos em que sentido o passo que é dado é o da elaboração da coisa apagada. As diversas "effaçons" [apagamento + jeito/maneira] - se vocês me permitem me servir dessa fórmula - com que o significante aparece nos darão precisamente os modos principais com que o sujeito se manifesta".

¹⁰ Nota da tradutora: neologismo que mistura *effacer* (apagar) e *façon* (jeito). Seria algo como *apagajeitos* de ser, mas almeja-se uma solução melhor.

¹¹ Lacan, J., (1945) O tempos lógico e a asserção antecipada da certeza», In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 206

¹² Lacan, J. *O Seminário XV: O ato psicanalítico* [1967-1968], Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2025, p. 89.

vezes"¹³. Está muito bem dito por Lacan que a primeira vez só acontece uma vez. Mas Lacan nos lembra que, quanto ao que chamamos de real, não há começo demarcado, mas uma coisa que marca o começo é a abertura de um novo campo, se houve ato, houve "criação"¹⁴.

Sua estrutura lógica faz com que, se foi o fim, cada vez que há ato psicanalítico, para o analisante, é a primeira vez. Essa primeira vez é marcada nos testemunhos do passe por frases muito diversas, que dizem: "nada mais é como antes". Ou ainda: "tudo está diferente agora", "não é mais a mesma coisa". No fim da análise, "nada mais é como antes".

A pressa, na psicanálise lacaniana, ultrapassa a simples precipitação temporal. Ela encarna uma tensão subjetiva, um movimento em direção ao ato, particularmente relevante em momentos cruciais do tratamento: a entrada em análise, o fim desta, e a passagem à posição de analista via passe. Em seu texto "O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada" (1945), Lacan introduz a pressa como um momento decisivo na estruturação do sujeito. Ele distingue três tempos: o instante de ver, o tempo de compreender e o momento de concluir. Este último, marcado pela pressa, não é uma precipitação irracional, mas uma decisão subjetiva que engaja o ato. A pressa se torna então uma função lógica, permitindo ao sujeito sair da indecisão e se engajar em um ato que o constitui. Na entrada, há um ato do lado do analista e, no final, há um ato do lado do analisante que, ao produzir um ato analítico, cessa de ser analisante e entra no discurso psicanalítico.

O fim da análise, segundo Lacan, não se resume ao desaparecimento dos sintomas. Ele implica uma transformação da relação do sujeito com seu desejo e seu gozo. A pressa intervém aqui como motor, empurrando o sujeito a concluir seu tratamento assumindo uma posição ética quanto a seu desejo. Essa pressa não é ditada pelo analista, mas emerge do próprio sujeito quando ele está pronto para se deparar com a verdade de seu inconsciente e para se separar de suas identificações alienantes.

O passe se assenta no testemunho do passante, que relata seu percurso analítico para dois passadores. A pressa desempenha aqui um papel crucial: ela marca o momento em que o sujeito se sente pronto para assumir a posição de analista. Essa decisão, tomada na pressa, não é precipitada, mas resulta de um processo analítico aprofundado. A pressa, na psicanálise lacaniana, é uma função essencial que acompanha os momentos de decisão subjetiva. Ela permite ao sujeito passar da compreensão ao ato no momento de concluir seu tratamento e, eventualmente, se tornar analista. Longe de ser uma precipitação, a pressa é uma urgência lógica, uma tensão em direção ao ato que estrutura o percurso analítico.

Ao longo de uma análise, o sujeito encontra, por meio da interpretação, os significantes fundamentais que o determinam. Mas isso não é o suficiente. O que Lacan chama de final é o

¹³ Lacan., *O Seminário XV: O ato psicanalítico* [1967-1968], Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2025, p. 89.

"Chega-se ao final *uma vez* e é daí que se deduz a relação que isso tem com o começo de todas as vezes. Chega-se ao final de sua psicanálise *uma vez*, e se esse ato tão difícil de apreender no começo de cada uma das psicanálises que nós garantimos, isso deve ter uma relação com esse final, *uma vez*".

¹⁴ *Ibid* 10/01/1968: "Começo é, portanto, efetivamente renovação. O que abre a porta, não por uma via de oposição, para aquilo que é concebível que o ato constitua... se pudermos exprimir desse modo, sem aspás... um verdadeiro começo, que haja aí um ato que seja criador e que haja aí um começo. Ora, basta evocar esse horizonte de todo funcionamento do ato para perceber que evidentemente é ali que reside sua verdadeira estrutura, o que é aparente e que mostra a fecundidade do mito da Criação.

momento em que o sujeito deixa de acreditar nisso, em que ele vê que o fantasma é uma ficção, uma proteção contra o real do não-saber; é deixar de ser o objeto do desejo do Outro e reapropriar-se da posição de sujeito. Não é um ato voluntário, mas um efeito lógico da aventura analítica. O fantasma não desaparece; ele se dessubstancializa, é colocado à distância. O sujeito não é mais tolo (*dupe*) dele. Nesse momento, nada mais é como antes, já que a relação com o mundo, com o corpo, com a linguagem, se altera: não se busca mais encarnar a falta do Outro, mas viver com a sua. Esse momento preciso, Lacan, no Seminário XV, chama de "o salto do passe"¹⁵, que busca uma reconquista da verdade¹⁶, já que a suposição de saber cai.

Outra referência do final da análise em Lacan é o que ele chama de destituição subjetiva. Não se trata de reforçar o ego, nem de chegar a uma mestria, mas ao contrário, trata-se de renunciar à posição de sujeito suposto saber - inclusive em relação a si mesmo. Durante a análise, o sujeito empresta ao analista um saber sobre seu desejo. Essa transferência permite produzir sentido, mas se torna também um obstáculo: enquanto o sujeito crê que um outro detém a verdade sobre ele, ele permanece alienado. O fim ocorre quando essa crença cai. Essa destituição é um ato, uma passagem: o sujeito renuncia a ser "analísante", quer dizer, a estar sempre demandando interpretação, e aceita a contingência de sua própria posição. Não se trata de saber quem se é, mas de viver com aquilo de que nunca se saberá completamente, eis o salto de que Lacan fala. Ele fala de subjetivação do inconsciente, mas também de desidentificação: o que eu acreditava que era "eu" se desfaz.

Desse modo, o final da análise não é uma realização, uma conquista, mas um vazio assumido, um não-saber sustentável. É o momento em que não se espera mais solução, em que se separa do sintoma como queixa para assumi-lo como modo de gozar. O *sinthoma* não está mais ali para ser interpretado, mas para enodar, para sustentar a divisão subjetiva como solução singular.

Ali onde a análise clássica visa a remoção do sintoma, Lacan afirma que o *sinthoma* é que não deve ser deixado, o que faz consistência, para além da análise. Ao final da análise, o sujeito não fala mais em Nome-do-Pai, mas a partir do ponto onde ele enodou sua própria versão da falta. Ele não busca mais "se adaptar", mas inventar para si uma maneira de se sustentar no mundo.

É por isso que depois do fim "nada mais é parecido": não é que o sintoma desapareceu, é que ele se tornou suportável, estilo, escrita de si. Lacan diz "o *sinthoma* é o que há de mais real em um sujeito". Não há Outro para garantir o sentido - apenas a bricolagem de um enodamento que se sustenta. Lacan não propõe um final de análise feliz ou normal. Ele propõe uma ética, a do real, que pressupõe renunciar à ilusão de uma harmonia reencontrada. Ao final, o sujeito já não se reconhece nas suas antigas cadeias, mas assume a divisão. "Nada mais é como antes", não porque estaria totalmente curado, mas porque o sujeito deixou de acreditar na

¹⁵ *Ibid*, p.163. "A abertura permanece, se podemos dizer, vacilante sobre como poderíamos operar com ela - como chamá-la? - esse salto, ou ainda - como fiz em um texto de *proposição* onde explorei o que ocorre com esse *salto* - o que chamei simplesmente o *passe*."

¹⁶ *Ibid*, p. 175. "A aventura analítica, por mais que nos tenha permitido articular com precisão aquilo que chamamos de inconsciente, talvez derive do desejo humano de trazer à luz algo que reacenda o que começou numa certa ladeira de cretinização, que acompanhou a ideia de progresso obrigatório atrasado em relação à ciência. Esse ressurgimento da verdade — devemos ver onde reside, quero dizer, se é assim que a experiência analítica se define: estabelecendo esses processos, estabelecendo essa formidável produção que cria raízes — onde? Mas num vazio profundo que não é de modo algum constituído pela própria castração, da qual a castração, claro, é o sinal, e eu diria, enfim, o temperamento mais preciso, a solução mais elegante."

completude. Ele sabe que a linguagem falha, que o amor manca, que o corpo goza de outro jeito. Ele não busca mais a verdade como resposta, mas como efeito de um ato.

O fim da análise, para Lacan, não é um fechamento, mas um começo: o de uma posição nova no mundo, sem garantia, sem solução, mas com um desejo menos alienado, mais livre, mais inventivo. A destituição subjetiva e a invenção do sintoma são as bússolas dessa aventura. E depois? Resta viver com isso, falar de outro modo, amar sem acreditar nisso, gozar sem estar assujeitado, existir ali onde antes se repetia. Para Lacan, cujo ensino rearticula a psicanálise à estrutura da linguagem e do desejo, o final da análise não reside no desaparecimento dos sintomas, mas em uma transformação radical da posição do sujeito. "Nada mais é como antes" exprime essa ruptura. Não se trata de um alívio, mas de uma mudança de lugar. O sujeito que termina sua análise não é mais aquele que começou. O mundo é o mesmo, mas sua relação com o desejo, com o gozo e com o saber está irreversivelmente deslocada. Funciona como uma tela contra o real da falta, contra a lacuna do não-saber. O termo "des-ser" aparece no Seminário XX e se distingue do "não-ser": não se trata de uma inexistência, mas de uma separação ativa, de uma posição ética. O efeito de "des-ser" é o que se produz no final da análise quando não há mais ser para pendurar no sujeito.

Esse efeito ocorre quando o sujeito renuncia a sustentar as identificações imaginárias, as que o estruturaram desde a infância: ser um bom filho, um homem viril, uma mulher desejada, um sujeito sofrido, etc. Esse "des-ser" é igualmente a queda do sujeito suposto saber: o momento em que o analisante compreende que o analista não detém a verdade sobre seu ser. Não há Outro que possa garantir o sentido. Lacan fala em vários seminários sobre o efeito de "des-ser", uma noção central para pensar o fim da análise. Esse termo, forjado em contraponto à palavra "ser", evoca uma experiência radical: o desprendimento do imaginário do ser, uma renúncia de se fazer um no espelho da linguagem ou do olhar do Outro. O que o sujeito perde, no final da análise, é a ilusão de ser, de ter uma essência, uma completude. Mas essa perda é fecunda: ela autoriza uma relação inédita com o desejo, o gozo, a própria existência.

O "des-ser", portanto, não é um vazio niilista: é a aceitação do real, quer dizer, do que não cessa de não se escrever, do que resiste ao sentido. A leveza no final de uma análise não é uma promessa, menos ainda um objetivo. Ela é um efeito possível, um testemunho da transformação subjetiva realizada. Para Freud, ela parece ser uma diminuição do sofrimento neurótico. Para Lacan, ela é a consequência de uma relação renovada com o desejo e o sintoma. Em todo caso, ela marca uma saída: não da condição humana, mas da armadilha de uma identidade fixa. Uma abertura, em suma, para um "não sei o que" mais leve do que o peso dos contratempos passados.

A frase "nada é como antes" parece, à primeira vista, uma constatação banal sobre a mudança. Porém, ela abriga um profundo paradoxo: se nada é como antes, essa falta se torna ela mesma uma forma de uniformidade - uma nova norma do desigual¹⁷. Esse paradoxo, ligado à noção de fim - seja de um ciclo, de uma vida, ou de um estado psíquico - abre um campo de reflexão fértil em psicanálise. O que revela esse paradoxo sobre nossa relação com o real, a identidade, a repetição e a morte?

Filosoficamente, a frase "Nada é como antes" afirma uma descontinuidade generalizada. Ela nega a repetição, nega a identidade. Ora, se afirmamos que tudo é diferente, então essa diferença se torna a única constância, o que volta a instaurar uma nova forma de igualdade na

¹⁷ Nota da tradutora: em francês a expressão para "nada é como antes" é "*rien n'est pareil*", literalmente "nada é parecido". Porém, "nada é como antes" funciona para o paradoxo, já que diz da mudança e ao mesmo tempo de uma permanência do "nada".

diferença. Eis um paradoxo ontológico: querer escapar da repetição ou da identidade conduz a criar uma outra forma de uniformidade. Para Heráclito, a mudança é a única permanência: "Nunca nos banhamos duas vezes no mesmo rio". O enunciado "nada é como antes" parece retomar essa ideia, levando-a até a vertigem. Ela nega toda estabilidade, mesmo psíquica. Porém, para Deleuze, essa repetição da diferença - a diferença em si mesma - constitui um modo de pensamento: não é a identidade que funda o real, mas o movimento perpétuo de diferenciação.

Para a psicanálise, particularmente para Freud, a repetição desempenha um papel fundamental no processo psíquico. O indivíduo repete, muitas vezes inconscientemente, esquemas dolorosos, como se tentasse dominar um trauma infantil. Desse modo, a ideia de que "nada é como antes" pode ser a expressão de um desejo inconsciente de ruptura para com o mesmo, de sair do ciclo da repetição. Mas Lacan complica as coisas: o sujeito nunca é idêntico a si mesmo, ele é dividido, marcado pela linguagem e a falta. Nessa óptica, "nada é como antes" não seria uma ruptura, mas uma estrutura do próprio sujeito. Ele não pode ser idêntico a si mesmo, já que sua identidade é sempre outra. O que muda é a forma do mesmo: a diferença é a expressão do inconsciente.

O final, nesse contexto, seria a cessação dessa repetição, mas também a ameaça de uma dissolução do sujeito: quem sou eu, se não sou mais aquilo que eu repito? Portanto, o final se torna tanto uma libertação quanto uma angústia. O paradoxo da frase "nada é como antes" revela uma tensão entre o desejo de novidade e o medo da perda de sentido. Na psicanálise, ele manifesta o conflito entre a repetição e o desejo, enquanto na filosofia existe a dinâmica entre identidade e alteridade. Associada à noção de final, essa frase se torna uma meditação sobre o devir, a metamorfose, a ruptura. Assim, nada é como antes - talvez este seja o único ponto estável de uma existência humana: sua instabilidade.

Tradução: Beatriz Chnaiderman

OS EFEITOS DOS AFETOS NO PASSE

Teresa Trias
AME
Barcelona, Espanha

Que afetos favorecem transmitir o testemunho no passe e quais o dificultam ou, até mesmo, impedem?

Existem afetos de muitas modalidades. O sujeito está afetado por afetos que produzem efeitos em sua subjetividade. Afeto e efeito têm significado distinto em espanhol. Neste pequeno texto, vou me centrar no afeto do entusiasmo.

Na *Nota Italiana*, Lacan (2003/1973, p. 313) nos diz: “A partir daí [de ter circunscrito a causa de seu horror ao saber], ele sabe ser um rebotinho. Isso é o que o analista deve ao menos tê-lo feito sentir. Se ele não é levado ao entusiasmo, é bem possível que tenha havido análise, mas analista, nenhuma chance”¹. O afeto do entusiasmo é o afeto que deve advir para que haja desejo do analista. Nisso, Lacan é contundente.

O afeto entusiasmo, enlaço-o prioritariamente à transmissão; à transmissão seja no passe, em um Fórum ou em um colégio clínico. Quando alguém se expressa com entusiasmo, isso chega a quem escuta. A transmissão é potencializada pelo estilo de quem testemunha e tenta transmitir.

Ao falar de ensinantes ou membros de Fóruns ou Escola, vocês se perguntarão: que relação isso tem com o passe? Com o dispositivo, diretamente, não tem relação, mas com a transmissão, com o fazer passar mais além do que se diga tem uma relação direta. No mais além do que se diga, estão os dizeres, o que se infere dos ditos.

O dizer é o que se extrai dos ditos, do falar. Em uma análise os dizeres se extraem daquilo que o sujeito analisante diz, fala. Com a interpretação se chega a isso.

Como entendemos saber ser um rebotinho? Rebotinho ou resíduo da operação analítica. Rebotinho da “dita humanidade”². A humanidade não quer saber, recusa o saber. Nós, psicanalistas, vamos em direção ao saber em suas diferentes modalidades. No saber pode haver desejo se se cingiu o horror de saber que se é um objeto para o Outro. Se se cinge sem ficar no gozo da repetição é um passo para o desejo de analista.

É um paradoxo, mas funciona. Funciona no sentido de que não se fica no ser rebotinho, resíduo, e sim potencializa seu desejo.

Em minha experiência no cartel do passe, se na transmissão o entusiasmo está presente, algo se transmite. Se não está, a transmissão fica manca. De todo modo, devo assinalar, baseada nos 6 passes que escutei, que houve passador que transmitiu sem que o passante tenha sido nomeado. Portanto, transmissão, entusiasmo e desejo do analista não estão em correlação.

Nos passes mencionados, houve uma “declinação cortês”, já que não foram nomeados. Não houve encontro com os dizeres do sujeito passante.

¹ LACAN, J. (1973) Nota italiana. In: *Outros Escritos*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

² *Ibidem*, p. 313

O entusiasmo deve estar no passante, já que, se não há transmissão entusiasmada, alegre, convincente, passa o afeto da tristeza, ou um afeto desafetado, ou um afeto muito emocionado.

Um ponto importante é diferenciar o entusiasmo do estado maníaco, da euforia. Nada a ver com isso.

O entusiasmo desprende desejo, alegria, leveza. O desejo que advém é um desejo de saber correlativo ao desejo do analista. Um desejo que continua.

O passe é a hystorização por si mesma, a explicação do passante ao passador dos impasses de sua análise, das mudanças subjetivas, do deslizamento dos significantes.

Lacan se pergunta o que leva alguém a demandar o passe. Temos que levar em consideração que Lacan teve muitos problemas com o passe, já que houve deserções em sua Escola. E segue havendo Associações lacanianas sem passe. Em seus últimos textos, percebe-se a decepção de Lacan.

Efeitos e afetos

Se bem no começo de seu ensino tanto Freud quanto Lacan considerassem afetos e efeitos como se tivessem o mesmo significado – afeto e efeito da estrutura da linguagem – essa primeira tese se completa, não se anula “pelos efeitos do discurso e, ademais, fortemente flexionada por este elemento que chamamos de ético”³, nos diz Colette Soler.

No nível da ética, “o afeto já não é um mero efeito, mas um sinal [*signe*], uma manifestação de uma posição pessoal, de uma obscura opção do ser, que não é ela própria um elemento estrutural”⁴.

É a partir de *Mais, ainda* que Lacan muda os conceitos e o afeto adquire um valor de índice do real, do real do gozo. Já não é enganoso, pois o real do gozo nunca engana, está e permanece. A questão é o que fazer com esse real. Por isso, a ética.

O real do gozo, a substância gozante ganha relevância no ensino lacaniano. Passa-se do inconsciente linguagem ao inconsciente real com lalíngua e os uns como traços que ficam marcados no corpo. O conceito de inconsciente se amplia e o saber fica depositado nos uns de lalíngua. Já não é somente deciframento dos significantes. O saber depositado em lalíngua não se decifra, está e permanece. Lalíngua afeta o corpo, já que está composta dos primeiros sons que o bebê recebe, enodado aos cuidados corporais.

Em *Mais, ainda*, Lacan nos diz: “Este ser [o ser falante] dá a oportunidade de perceber até onde vão os efeitos da lalíngua, pelo seguinte, que ele apresenta toda sorte de afetos que restam enigmáticos. Esses afetos são o que resulta da presença de lalíngua no que, de saber, ela articula coisas que vão muito mais longe do que aquilo que o ser falante suporta de saber enunciado”⁵.

A modalidade de afetos se amplia com o inconsciente real.

“Falo com meu corpo”⁶, Lacan diz no mesmo seminário. No passe, fala-se com o corpo, e lalíngua tem sua incidência particular. Lalíngua sempre é particular e individual, de Um. Como

³ Soler, C. *Os afetos lacanianos*. São Paulo: Aller Editora, 2002, p.118.

⁴ *Ibidem*

⁵ LACAN, J. (1972-1973) *O Seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985, p. 190.

⁶ *Ibidem*, p. 161.

é possível então que aquilo falado possa chegar ao passador e, deste, ao cartel do passe? Esse é o desafio.

“Cabe a seus congêneres ‘saber’ encontrá-la”,⁷ pontua Lacan. Esse saber está entre aspas porque não implica o saber, e sim que os integrantes do cartel do passe saibam encontrar a marca, já que deveriam estar marcados pela experiência analítica tendo chegado a um determinado ponto.

Amores ao saber e desejo de saber

Ficar nos amores ao saber é ficar no gozo do saber e, mais especificamente, no saber acadêmico. Esse saber difere do desejo de saber enlaçado ao desejo do analista. Os amores respondem à demanda, não ao desejo. Amar é querer ser amado. Amar ao saber versus amar a verdade. Os afetos ligados à verdade na transferência, verdade que mente no fantasma.

O que não mente é o real que está despojado de falta. O real o é. O real é idêntico a si mesmo. “A falta da falta constitui o real”⁸.

A função que o passador tem é captar a presença do real do gozo. Captá-la, já que não se pode explicá-la. Pode-se transmitir? Penso que algo pode, sim, se transmitir na modalidade, no estilo.

“Só existe analista se esse desejo lhe advier, que já por isso ele seja rebotalho [*rebut*] da dita (humanidade)”⁹. A humanidade recusa o saber, ao contrário do analista que quer saber, apesar do desagradável que é tal saber. O saber em questão está incompleto, furado. Se estivesse completo seria impossível desejar.

É importante diferenciar entre negar o saber, recusar o saber como defesa ante os horrores da humanidade e saber que o saber está furado, que é incompleto, com a *douta ignorância* como atitude.

Para finalizar, dois apontamentos: satisfação ao final. Entusiasmo ao transmitir.

Tradução: Maria Claudia Formigoni

⁷ LACAN, J. (1973) Nota italiana. In: *Outros Escritos*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 313.

⁸ LACAN, J. (1976) Prefácio à edição inglesa do Seminário 11. In: *Outros Escritos*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 569.

⁹ LACAN, J. (1973) Nota italiana. In: *Outros Escritos*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 313.

SABER FAZER COM O SINTOMA, SABER FAZER COM LALANGUE¹

Clotilde Pascual
AME
Barcelona, Espanha

Em referência ao título que dei, este tem a ver com as observações do Cartel do Passe onde estive no período 2008-2010. Certos testemunhos davam conta de que o encontro do passante com *lalangue* produzia um limite ao deciframento do inconsciente. Além disso, esse saber fazer com *lalangue* permitia um saber fazer com o sintoma.

Alguns Uns de *lalangue* sem sentido, mas não sem gozo, vinham dar prova da aproximação ao inconsciente real do sujeito. No passe, no qual como cartel nos pronunciamos sobre uma nomeação de AE, constatava-se como esses Uns surgiam em forma de um significante fora da cadeia do deciframento. Escutar esses passes no testemunho dos passadores, sua elaboração no Cartel e a reflexão posterior no CIG me permitiu trabalhar sobre o final da análise, assim como neste final pode surgir o desejo do analista. Um tempo do final, como dizia Lacan em “O momento de concluir”, Seminário XXV, “O fim de análise é quando se dá duas voltas completas, ou seja, quando se reencontra aquilo de que se era prisioneiro²”.

Este saber fazer com *lalangue* tem, na análise, com a referência que tenho dos passes escutados no Cartel, assim como em outros testemunhos de AE, uma consequência que é o estalido e desprendimento de alguns equívocos que haviam acompanhado o sujeito até então, que constituíam uma parte da verdade mentirosa. Por outro lado, Lacan vai teorizar um final de análise como um saber fazer com o sintoma, onde o sujeito se identifica com um resto de gozo que está ligado ao núcleo de seu sintoma.

A primeira questão: saber fazer com *lalangue*. Nós a vemos desdobrada por Lacan no Seminário Mais, ainda, em 1972, quando diz: “A linguagem (...) é uma elucubração de saber sobre lalíngua. Mas o inconsciente é um saber, um saber-fazer com lalíngua³”.

A segunda questão, saber fazer com o sintoma, ele a trata no Seminário O não sabido, de 1976, quando diz que ao final da análise se trata de “*Saber fazer com seu sintoma*”. A esse respeito, coloca: “A que então identificar-se no final da análise? Saber se virar com seu sintoma, está aí o fim da análise. É preciso reconhecer que isso é sucinto.”⁴

Então, as questões que se colocam para mim são: como se evidenciam essas manifestações para se poder chegar a esse saber fazer com *lalangue*? Como situar os signos desse saber fazer?

Essas manifestações se mostram por um efeito de surpresa, em um dizer que emerge por entre os ditos e toca algo de real. Um dizer a modo de equívocos, fabricados pelo sujeito em uma idade precoce, diante da conversa do Outro, modulada pelo gozo. No Cartel do passe, é

¹ A autora manteve o termo *lalangue*, em francês, no original, ao longo de todo o texto (N. T.).

² Lacan, J. Seminário O momento de concluir, inédito, lição de 10 de janeiro de 1978 (tradução livre a partir do francês)

³ Lacan, J. O seminário, Mais, ainda, lição de 26 de junho de 73, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985, p.190

⁴ Lacan, J. Seminário L'insu que sait de l'une bévée s'aile à mourre, inédito, lição de 16 de novembro de 1976 (tradução livre a partir do francês).

quando o testemunho transmitido pelos passadores dá conta desse dizer que produz no passante um saber fazer com um resto de gozo do sintoma, a partir desse limite do real. É o que chamamos identificação ao sintoma, em suas distintas modalidades. Esse limite situa uma redistribuição de gozo diferente da que havia antes e pode permitir uma prática analítica orientada pelo desejo do analista. Temos um parágrafo em *O aturdido* que mostra como o sujeito está submetido ao equívoco através de *lalangue*. “Esse dizer provém apenas do fato de que o inconsciente, por ser ‘estruturado *como uma* linguagem’, isto é, como a *lalangue* que ele habita, está sujeito à equívocidade pela qual cada uma delas se distingue⁵”.

Colette Soler chama *epifanias* a esse dizer que surge, traduzindo com esse nome o que Lacan diz a respeito de que se está no Inconsciente *lalangue*, Real, quando essa palavra já não tem mais sentido. Diz, no Prefácio à edição inglesa do Seminário XI: “Quando o esp de um laps já não tem nenhum impacto de sentido (ou interpretação), só então temos certeza de estar no inconsciente. O que se sabe, consigo⁶”.

Outra questão é: como podem se manifestar os signos desse saber fazer com *lalangue*? Lacan nos diz, no Prefácio, que podem se manifestar por um afeto de satisfação de final de análise de reduzir o sintoma ao sem sentido do Inconsciente Real, e não somente do deciframento. Mas é preciso atravessar essa parte sem sentido, sem o Outro, e às vezes é difícil suportar.

No Cartel do passe em que participei, em um dos casos do Passe escutados, se pôde encontrar essa satisfação do final da análise. [*La première concernait le fantôme et son dépassement, avec le signifiant qui le représentait et qui s'était cristallisé par « surprise », auquel elle avait pu donner un sens à partir d'un malentendu qui l'avait frappée comme un sentiment mortel tout au long de sa vie*]. A primeira delas, em torno da fantasia e seu atravessamento, com o significante que a representava e que cristalizou por “surpresa”, ao qual pôde fazer uma virada a partir de um equívoco, que a havia golpeado como afeto mortífero durante toda sua vida.

A segunda em torno do horror de enfrentar a morte e não retroceder. Isso lhe permitiu aceder ao sentimento de satisfação de ponto limite de não ter mais que velar ou sustentar o Outro, o que produziu como resultado uma mudança em sua prática clínica como analista.

Nesse caso houve nomeação de AE. Veja-se Contribuição do cartel n. 2 (2008-2010) na Wunsch 8, assim como o texto de Patrícia Dahan, na Wunsch 10.

No texto do Prefácio, Lacan nos diz a respeito da satisfação do final de análise: “A miragem da verdade, da qual só se pode esperar a mentira não tem outro limite senão a satisfação que marca o final da análise⁷”. No entanto, todos os passantes dão sinais de satisfação ao largo de suas análises marcados por um efeito de separação, seja da fantasia, do objeto, do analista, do sintoma com o qual haviam procurado a análise. Então, essa satisfação do final, que traço diferencial poderia ter? Pode-se dizer que é uma satisfação marcada por uma relação com o gozo diferente da que havia antes da aproximação à *lalangue*. Isso produz uma mudança no gozo do sujeito, sem submissão à busca de uma verdade e ao Outro que o sujeito implicava nessa verdade, produzindo por sua vez saber fazer com seu sintoma.

Outras referências bibliográficas:

Wunsch n.º 8 Contribuição do cartel 2.

⁵ Lacan, J. (1972) *O aturdido*, In.: *Outros Escritos*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 492.

⁶ Lacan, J. (1976) *Prefácio à edição inglesa do Seminário 11*, In.: *Outros Escritos*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 567.

⁷ *Ibid.*, p.568.

Wunsch n.º 10 O sem sentido da interpretação, Patricia Dahan.

Wunsch n.º 23 Cartel 4 – Des-fossilizar a língua do passe? Colette Soler.

Wunsch n.º 23 Cartel 4 – Réplica a Des-fossilizar a língua do passe? Sidi Askofaré.

Tradução: Maria Laura Cury Silvestre

Revisão: Ida Freitas

A EXPERIÊNCIA QUE FAZ FALAR

Panos Seretis
AME
Atenas, Grécia

A psicanálise, apenas palavras?

O sintagma “experiência psicanalítica”, que Lacan opõe ao da técnica, implica a possibilidade do testemunho. A esse respeito, por que não evocar o fato de que Lacan não hesitou em comparar seus *Escritos* aos testemunhos dos místicos? *O que se pode ler de melhor*¹, diz ele. Com efeito, eles falam da mesma coisa, do significante do Outro barrado. Mas é, ainda assim, outra coisa gozar disso do que extraí-lo como ponto de estrutura, fazer disso uma teoria. É talvez uma indicação: dar um testemunho à altura de uma verificação possível implica ter adquirido um saber, adquirido porque previamente gozado. Lacan é firme quanto a isso².

A saída da realidade sexual do inconsciente, posta em ação na cura, implica um saber. Ele não se aproxima pela liquidação de um afeto, mas por um momento de concluir. Momento do silogismo. Além disso, deve-se notar que a satisfação, satisfação do fim, é um afeto conclusivo em si mesmo. Ele vai do princípio de prazer mais ordinário - que verifica o aspecto limitado, até mesmo limitativo do desejo, até o próprio ato analítico.

Esse aspecto conclusivo significa que a transmissão não é uma iniciação. Lacan fala de debilidade mental a propósito de toda iniciação³. A análise não levanta o véu de Ísis, mito obscurantista de uma natureza que gosta de se esconder. Os analisandos, estes, podem muito bem esperar revelações. Isso não impede que tudo o que obtêm como efeito de surpresa só se relacione à decifração que joga apenas com o cristal da linguagem. O dizer interpretativo não revela nem esconde, ele faz signo. Além disso, a ideia de uma natureza que esconde ou que revela implica a relação sexual — Lacan, a propósito da iniciação, refere-se ao rito nupcial⁴.

Nossa experiência nada tem de iniciática nem de misteriosa, mesmo que haja a opacidade e o inefável. Já Freud, em um texto sobre os sonhos⁵, nos advertia contra “o inconsciente misterioso”. Não se deve *superestimar seu valor*, diz ele, e ele observa que um sonho, mesmo que corretamente traduzido, *na maioria das vezes não é mais do que um pensamento como outro qualquer*. Um sonho pode nos enganar. Lacan generaliza: *o inconsciente pode se exercer no sentido do engano*⁶. Constatamos assim um gozo que é cifra pura, não dependendo da verdade do sintoma. Não há razão para nos deslumbrarmos com os mistérios do inconsciente.

¹ J. Lacan, *O Seminário, livro 20, Mais, ainda*. Rio de Janeiro, Zahar, 2008. p. 82.

² Ibid.p. 104

³ J. Lacan, *O Seminário, livro 23, O sintoma*. Rio de Janeiro, Zahar, 2005, p.164

⁴ J. Lacan, *Le Séminaire, livre 21, Les non-dupes errent*, inédit, leçons du 20 novembre 1973 et du 08 janvier 1974.

⁵ S. Freud, “*Observações sobre a teoria e prática da interpretação dos sonhos*” (1923 [1922]), *Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, O ego e o Id e outros trabalhos (1923~1925)*, Rio de Janeiro, Imago, 1969, p. 130.

⁶ J. Lacan, *O seminário, livro 11, Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro, Zahar, 2008, p.44.

Certamente, Lacan falou do real ao identificá-lo ao mistério do corpo falante, o mistério do inconsciente. Mas como ele o situa? Isso responde à questão colocada no início do seminário “*Encore*”: o que nos leva à cama? Ora, no reino animal, apenas o homem se reproduz, eu cito *graças a um mal-entendido de seu gozo*⁷, digamos o gozo fálico, o gozo do corpo do Outro sendo excluído. É aí que ele evoca pela primeira vez o “*corpo falante*”. O mistério é essa exceção no reino animal, mistério para a ciência da vida, mais do que para o analista. O parágrafo precedente estipula que “*só a matematização atinge um real*”.

Na época da publicação de seus *Escritos*, ele chega a dizer que “*a experiência do inconsciente, tomada no nível em que a instalo, não se distingue da experiência física. É igualmente externa ao sujeito ... no sentido tradicional... A linguagem é um meio tão real quanto o chamado mundo externo*”⁸. Com efeito, a estrutura da linguagem, aliás, não há outra, pode tornar a experiência transmissível e seus resultados verificáveis.

Entretanto, ele distingue⁹ o inconsciente freudiano da ordem simbólica articulada, por exemplo, por Lévi-Strauss em suas estruturas elementares. Uma ordem de determinações perfeitamente formalizável com a ajuda da teoria matemática dos grupos. O inconsciente freudiano situa a causa em outro lugar: na hiância, no evasivo, no que *manca*. A construção de Lacan, contudo, é tudo menos aberta: o corte inerente à estrutura da linguagem acompanha os cortes topológicos do corpo para situar a causa.

Ele retoma assim a tese já formulada no seminário sobre a angústia¹⁰: A ciência, com suas equações tomando valores sobre um conjunto contínuo ou ao menos exaustivo, chega a preencher o furo, o *gap* entre causa e efeito. Assim, ela abandona a categoria de causa que é então recuperada e restituída à sua verdadeira origem: não há causa senão do desejo. A causa afeta apenas os corpos falantes e não os corpos celestes! Eis nosso campo “objetivável”, por assim dizer. Além disso, o credo realista de Lacan estende-se até o nó: Real, Imaginário, Simbólico, Sintoma, bem como seus possíveis enlaçamentos são reais. Ele insiste.

Essa objetivação permitiria localizar o fantasma de maneira bastante articulada nos testemunhos.

No entanto, a singularidade absoluta do momento do *passé* é um fato assegurado. Se Lacan postula *uma* lógica do fantasma e fala apenas *do* desejo do analista, é porque ele aposta no transmissível dentro de uma experiência particular.

Isso não ocorre sem um trabalho de redução. Uma espécie de navalha de Occam é necessária, que limita precisamente o alcance da historização em benefício da articulação lógica. Narrar não é mostrar, nem demonstrar. Borges, em sua *História universal da infâmia*, para traçar seus retratos fictícios, utiliza o procedimento de *reduzir toda a vida de um homem* a duas ou três cenas. E por que não idealmente a uma só, que resumiria a neurose infantil?

Resta o sintoma além do momento do *passé*. Aí também seria preciso voltar-se para a semântica lacaniana: “*A linguagem, diz ele em 71*¹¹, *em sua função de existente, denota em última*

⁷ J. Lacan, *O Seminário livro 20, op.cit.* Rio de Janeiro, Zahar, 2008, p.129

⁸ J. Lacan, “*Pequeno discurso no ORTF*”, em *Outros Escritos*. Rio de Janeiro, Zahar, 2003, p.228.

⁹ J. Lacan, *O Seminário, livro 11, op.cit.* p. 29 e adiante.

¹⁰ J. Lacan, *O Seminário, livro 10, A angústia*. Rio de Janeiro, Zahar. 2005, p. 310

¹¹ J. Lacan, *O seminário, Livro 18, De um discurso que não fosse semblante*. Rio de Janeiro, Zahar, p.139

análise apenas a impossibilidade de simbolizar a relação sexual...”, o impossível de escrever. Para além dos efeitos de sentido que situam o objeto preso no fantasma, a linguagem remete apenas ao único significado fálico. O gozo obtido no lugar daquele esperado faz com que todo sintoma, do mais transitório ao mais fixado, seja metáfora. Ao menos em sua função, se não no nível de seu sentido. O que dizer dessa metáfora irredutível?

Freud já constatava uma resistência do sentido: as exigências do isso, o termostato desregulado do supereu, o masoquismo primário, os tipos de caráter “incorrigíveis”, o demoníaco na repetição.

Há um hiato entre inconsciente e sintoma.

Nossa experiência não é uma pesquisa. Em toda pesquisa há algo de religioso. Lacan adota o adágio de Picasso: *Eu não procuro, eu encontro*. A descoberta no dizer interpretativo não levanta tanto o véu, ela é antes criacionista. O justo prevalece sobre o verdadeiro. Freud traz a justeza ao efeito obtido: “*se físgou a carpa da verdade justamente com a isca da mentira*”¹². Um acréscimo que não se destina a restituir a continuidade do relato. Pode acontecer que um acontecimento rememorado seja, por sua vez, interpretativo. Um sonho sozinho, ou mal interpretado. Há sobretudo momentos “relâmpago”: “*Eu jamais pensei (ou: teria pensado) isso (nisso)*”¹³ Esses momentos de descontinuidade, de fulguração poética, no sentido mais prosaico, são talvez o auge do testemunho sobre o efeito terapêutico.

Tradução: Carolina Moreirão.

¹² S. Freud, *Construções na análise (1937)*. Em *Obras Incompletas de Sigmund Freud. Fundamentos da Clínica Psicanalítica*. Belo Horizonte, Autêntica, 2017, p. 371.

¹³ *Ibid.* p.373

TESTEMUNHO, EXPERIÊNCIA, ESQUECIMENTO

Elisabete Thamer
AME
Paris, France

Gostaria de abordar a questão do testemunho e da experiência no passe a partir do que parece se opor a ela: o esquecimento. Pois no campo em que se inscrevem passe, testemunho e experiência, paira sempre no horizonte esse véu possível, senão inelutável, do esquecimento. Trata-se, é claro, do esquecimento do ato – notadamente o da passagem de analisante a analista.

Lacan destacou por diversas vezes essa possibilidade, sempre presente, do esquecimento, talvez até com um certo tom de reprovação, de advertência. O dispositivo do passe que ele instaurou visaria, precisamente, opor-se a esse esquecimento do ato, pois isso pode acarretar uma degradação na produção dos analistas, mesmo “entre os melhores¹”, dizia ele.

Poderíamos então perguntar, como fazem as crianças, se “esquecer é ruim”. Lacan havia constatado, ao criar o passe, que os analistas das sociedades existentes pagavam seu status “com o esquecimento do ato que o funda²”. Ele quis, assim, verificar esse ato que leva alguém a se autorizar como analista, pois isso não é evidente. Essa passagem não somente não é evidente, como tende ao esquecimento.

Nesse mesmo texto, seu “Discurso na EFP”, Lacan afirmava querer recolher o testemunho do não-praticante, antes que ele se precipitasse na experiência, onde experimentaria, cito, “*ao que parece em regra geral*, como que uma amnésia de seu ato³.” Ora, o que chamou minha atenção foi justamente esse trecho da frase: “ao que parece em regra geral”. Esse “em regra geral” indica, a meu ver, algo generalizável, senão estrutural.

Não me deterei aqui a discorrer sobre as nuances semânticas entre amnésia e esquecimento⁴; me limitarei a uma breve distinção: amnésia designa “um enfraquecimento ou uma perda de memória”; enquanto esquecimento, derivado do verbo latino *oblivisci*, significa “deixar de pensar em algo, perder de vista⁵”.

Acredito que se possa facilmente conceber que o ato – pela sua própria estrutura, no sentido de que o sujeito não está presente nele – possa deslizar para o esquecimento, por falta de representação possível. Porém – pois há um “porém” –, um ato se mede por suas consequências, que, estas sim, são detectáveis, daí o testemunho. Aliás, Lacan destacava que

¹ J. LACAN, “Ato de fundação”, *Outros escritos*, Rio de Janeiro, Zahar, 2003, p. 242.

² J. LACAN, “Discurso na Escola Freudiana de Paris”, *Outros escritos, ibid.*, p. 277.

³ *Ibid.*, p. 276. Sou eu quem sublinho.

⁴ Sobre esse tema, recomendo a leitura de duas contribuições de Sol APARICIO: “O passe contra o esquecimento”, *Wunsch* n° 14, dezembro 2014, p. 16-20; e “Questões sobre uma experiência efêmera”, *Wunsch* n° 20, maio 2020, p. 5-8.

⁵ É um termo da mesma família que *oblínere*, “cobrir com um revestimento, daí rasurar, apagar”. A. RAY (dir.), *Dictionnaire Historique de la langue française*, Paris, Le Robert, 2010.

não se deveria esperar muito para recolhê-lo. Ora, o que é um testemunho senão ditos que dão conta de um antes e de um depois, permitindo, talvez, inferir que um ato aconteceu?

Então, se esse tipo de amnésia parece existir, em regra geral, o que se esquece quando se esquece? Esquece-se o corte marcado pelo ato? Esquece-se suas consequências? Ou será que se esquece o relato que dava conta dele?

Vê-se claramente como Lacan, em sua “Proposição”, apostava em testemunhos “frescos” para impedir essa tendência escorregadia ao esquecimento. A *historização* da análise no passe constitui, então, um esforço de transmissão que tenta conter esse deslizamento, fixando – ainda que por um tempo –, a lógica subjacente à experiência que levou a esse ato. Mas o fato de haver *historizado* essa experiência no passe constitui um remédio efetivo, definitivo contra a amnésia? E, se sim, para quem? Para o passante? Para aqueles que recolhem o testemunho? Para a Escola?

Ora, cada testemunho é tecido por significantes que – pelo próprio efeito da análise – já perderam em grande parte sua marca de gozo, se assim posso dizer, e sem dúvidas continuarão a perdê-la... O sujeito analisado tende a desinvestir o próprio relato; isso vai se apagando.

Podemos nos perguntar: será que o fato de testemunhar no dispositivo contribui para esse apagamento? Ou, ao contrário, o passe participaria, de certo modo, de uma reificação, ou até mesmo de uma fetichização do relato e de seus achados, justamente onde o esquecimento talvez fosse mais desejável? Deixo a questão em aberto, enquanto penso nas virtudes do esquecimento, tão caras a Nietzsche⁶.

A relação de cada um com a memória é singular, e não pode ser diferente. Porém, aquilo contra o qual Lacan parece ter erigido o passe é o esquecimento do ato que, coletivamente, conduziria à “cessação do trabalho”⁷ dos analistas, uma vez confortavelmente instalados. Há, dizia ele em sua “Proposição”, “um real em jogo na própria formação do psicanalista⁸”, ao que acrescentou: “Assim, é preciso interrogar esse real para saber como ele leva a seu próprio desconhecimento, ou produz sua negação sistemática⁹”.

Com o passe e os testemunhos que o alimentam, conseguimos, enquanto Escola, combater o esquecimento desse ato e manter aberto o furo no saber que implica o real em jogo? Em 1978, durante as Jornadas da Escola Freudiana de Paris em Deauville, dedicadas à “Experiência do passe”, Lacan concluía que o passe era “um completo fracasso”; que ele havia querido “obter testemunhos” e, acrescentava, “naturalmente não tive nenhum, [nenhum] testemunho de como isso se produzia¹⁰”.

Ainda hoje, podemos nos perguntar qual é a natureza desse fracasso dos testemunhos ao qual Lacan se referia. Isso não poderia ser explicado unicamente por nossa suposta inaptidão para a transmissão, nem pela ideia de que nenhum passante saberia algo sobre o fragmento de saber extraído de sua experiência.

⁶ Cf. F. NIETZSCHE, *Segunda consideração intempestiva*, “Da utilidade e desvantagem da história para a vida”, trad. Marco Antônio Casanova, Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2003. Paris.

⁷ J. LACAN, “Ato de fundação”, *Outros escritos*, *op. cit.*, p. 242.

⁸ J. LACAN, “Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola”, *ibid.*, p. 249.

⁹ J. LACAN, “Primeira versão da ‘Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola’”, *ibid.*, p. 573.

¹⁰ J. LACAN, Assises de l'École freudienne de Paris: “L'expérience de la passe”, Deauville, *Lettres de l'École*, nº 23, 1978, p. 181. Tradução própria.

Esse “*naturalmente* nenhum” ao qual Lacan faz referência talvez se vincule ao “que fica esquecido¹¹” de um dizer ex-sistencial – o da análise – que o passe tenta cingir. Tentar... e fracassar, talvez aí resida sua única e verdadeira função. Sem isso, erigiríamos *uma* experiência ou *um* testemunho como modelo, e esse, sim, seria o esquecimento mais perigoso: aquele que fecharia o furo da ausência de garantia no qual repousa a função do analista.

Tradução da autora

¹¹ Cf. J. LACAN, “O aturdido”, *Outros escritos*, *op. cit.*, p. 448 *sq.*

ESTAR NA BRECHA

Ana Maeso
AE 2024-2027
Espanha

*Nada é o mesmo
Haverá palavras novas para a nova história
E é preciso encontrá-las antes que seja tarde*
Palavra sobre palavra – Angel Gonzales

Somos convocados a trabalhar a respeito da posição de AE como aquele a quem se imputa “(...) estar na tarefa, ou ao menos na brecha (...)”¹, a respeito dos pontos cruciais, vivos de sua análise, estando estes em relação com a psicanálise. Enodamento entre uma análise, singular e única, e os problemas cruciais da psicanálise. Enodamento necessário, mas complexo. Porque a transmissão de uma experiência não deixa de ser algo vago.

A pergunta de uma passadora: como você pensa que sua experiência de análise pode contribuir para o progresso da Escola? Nessa travessia, surge um impulso, com certa urgência, em querer demonstrar, em compartilhar a certeza do que significou para mim, essa experiência analítica. Este querer demonstrar, surge de um significante do Outro: Vaga. Atravessar a imprecisão, o vago de sentido, foi um desejo. Demonstrar a transformação como sujeito, dar indícios da passagem de analisante a analista, de forma a querer ser suporte do discurso analítico. Lugar incômodo, mas o único para fazer possível a transmissão. Então, a demonstração dessa performance (prelúdio Radu Turcanu)², como criação e invenção junto a outros ainda que com caráter efêmero captada naquilo que passa aos passadores e ao cartel do passe?

A expressão *estar na brecha* tem várias acepções: estar comprometido especialmente em um assunto, lutando por ele, mas também é estar em uma fresta, em uma hiância. Em um não saber. Uma brecha no corpo, por exemplo, remete a um corte que necessita uma sutura. Estar na brecha então, remete a estar em um compromisso e estar em uma fresta, uma falha. Se a psicanálise se ocupa de algo é precisamente do que não anda, do que falha.

Definitivamente, aproximar-se da fresta, do vazio, e tratar de encontrar o que aparece aí: luz que entra, ar que circula...

Lacan aponta no Seminário XXIII, O Sinthoma, que uma análise se trata de emendas e suturas, não há Outro do Outro, se trata, por tanto, de depurar que não há o gozo do Outro. De fazer uma sutura entre o imaginário e o simbólico, entre o imaginário e o saber inconsciente para poder obter um sentido. E aponta: “*Com essa emenda fazemos ao mesmo tempo outro: entre o simbólico e o real. Quer dizer, de alguma maneira ensinamos ao analisante a fazer uma emenda entre seu sinthoma e o parasitário do gozo*”³. Escutamos um sentido, gozo sentido (“jouis sens”),

¹ Lacan, J. Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola, In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003, p.249

² Turcanu, R., *A transmissão em questão no passe*. Réplica 1, In: IV Convenção Europeia, Veneza (2025). [Documentos online]. Veneza/Paris: IF-EPFCL, 2025. Disponível em: <[URL direta do PDF no site da IF](#)>.

³ Lacan, J., *Seminário, livro XXIII, O sinthoma*, 2006, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., p. 70-71

que nos conduz a saber a respeito desse nó e a bem enodá-lo graças a um artifício. Se algo pode caracterizar a operação analítica é que ela torna esse gozo possível, escutar um sentido.

Artifício que supõe encontrar um fio de saber nesse orifício de impossíveis com os quais um analisante se depara numa análise. Por sua vez, esse fio de saber tem um efeito vivificante, acelera, alivia... O encontro com os enganos, verdades mentirosas e a impossibilidade frente ao gozo, o sintoma, a relação com o outro sexo, o gozo Outro..., tudo isso produziu em mim um ganho que gostaria de acentuar. A satisfação e a leveza, produtos desse passo da tragédia à comédia.

Minhas pequenas ou grandes tragédias, as emendas e as suturas que encontrei na minha análise me permitiram encontrar essa leveza. Uma das brechas ocorridas na minha biografia, produziu uma fenda importante. Um buraco que foi necessário ser esvaziado de tanta dor, do sentimento de perda... Um processo difícil. Encontro com o real da vida, perda inominável que me levou a buscar outros analistas (foram três seguidos, um anterior a este acontecimento) para poder abordar este Real ao qual nos deparamos numa análise, real diferente já que é produto deste e com efeitos muito diferentes. Surpresa! Minha fantasia transcorria por outros lugares no que se refere à possível obtenção da experiência analítica.

Um sonho cristaliza isso: *Estou em meu quarto, e por algum motivo ele está cheio de escombros, paredes caídas, e somente uma em pé, ficam as camas e as mesinhas de cabeceira. A priori penso que tenho que concertar, que poderei. Em um momento me pego dizendo: isso é impossível! Satisfação e leveza pelo bom humor que isso produz!*

Onde encontrei o ganho? No momento, portanto, não sem a dimensão temporal, onde pude enodar a impossibilidade com a contingência. Algo aí se cristalizou, produzindo esse efeito de transformação. O passo do que *não cessa de não se escrever* ao que *cessa de não se escrever* provocou uma detenção pela busca da verdade com efeitos de satisfação e a emergência de um novo desejo. Lacan assinala que é a contingência, neste singular da experiência em que “*pode se fazer o que não se concebe em nossa ideia de real mais do que em termos de uma sorte de cristalização*” (...) *É aí onde se podem produzir os pontos de enodamento (...) de precipitação que farão com que o discurso analítico dê finalmente seus frutos*”⁴.

Com um efeito de buraco, desta vez me lança para despertar, despertar para o Real, de outro modo. Um dos feitos impressionantes que ocorreram, foi a recuperação de memórias de eventos passados, insignificantes, em alguns casos, eu haveria ficado detida diante do traumático.

A contingência, o que pode não ser, há aí um ponto de fuga do discurso que testemunha do Real. Essa cristalização, fio do saber me permite não seguir atrás dos impossíveis, cessa o que não cessa de não se escrever. Um sonho: *estou na cama, vejo minhas pernas com os joelhos para baixo e eles estão arroxeados, como efeito de um traumatismo, a visão é horrorosa, mas digo para mim mesma: já não doem, posso caminhar...*

Esses fios de saber ante o Real, uma que vez que não se alcança o inconsciente, restos da minha cartografia, da minha arqueologia, da língua própria, se convertem naquilo que permite não seguir percorrendo a verdade. No final da minha análise, diante de um sonho surge a pergunta: e isso, quando vai acabar? Não acaba, é a gente que põe um fim.

Um significante em junção com o gozo: *amátrida*, que escrevo como *a-mátrida*, situa minha posição de objeto diante do Outro primordial e ao mesmo tempo marca meu gozo: a que não

⁴ Lacan, J., *Lettres de L'École Freudienne*, n°15, 1975, Paris, pág 80

encontra lugar próprio, nem pátria nem mátria⁵ já que estava destinada a cuidar desse Outro. Marca da minha posição e de meu gozo.

Esse S1 se transforma em significante que reconheço como significante mestre de gozo, regula o gozo do meu sintoma. Significante encarnado de outros significantes vindos do discurso do Outro, dos ideais, do fálico recorrente.

Isso abre as portas para poder trabalhar a partir da minha condição de mulher, outro dos furos que me conduzem à última análise, dar um lugar na minha vida à feminilidade, aí pude concluir que para mim se trata de uma identidade sem identidade fixada. Em um sonho vejo meu passaporte, entregue a mim por meu pai em outro sonho para poder voar, onde em cada página havia uma foto de diferentes mulheres, atraentes e desconhecidas...

Algo que me permite situar a importância da voz na minha vida é a aproximação-descoberta do que considero constituir *lalangue* no meu caso: *Bocera*. *Vocera*, diz o analista. Significante que eu dizia em movimento, ainda pequena, fazendo alusão a um som com o qual eu tratava de alertar algo a minha mãe. Sem dúvida um encontro, enquanto descubro que a voz está dançando.

Voz que constitui um verdadeiro deleite quando uma voz me emociona emergindo no meu continuado e persistente comparecimento à opera, a partir da morte de meu filho. Voz que também esteve presente na eleição de meus dois últimos analistas, em alguns dos poemas que pude escrever em certas ocasiões. Sujeito que está aí em dança, reduzido a um ser de dito, um simples *parlêtre*. A linguagem como o passo da língua privada à língua com os outros. E o pulsional da voz, puro objeto furado.

A voz deixará um resto, significante e gozo, resto que tomará o caminho para formar a matéria prima do inconsciente. E, por outro lado, ligada à dimensão temporal, a voz não é o dizer e este não é a voz. “*Já que pode ser a escansão*” ..., assinala Lacan no seminário XXI, *Les non-dupe errent*. A voz como incorporação da alteridade. O Outro é um vazio e aí ressoa. Como objeto, é outra coisa que a ressonância, uma voz se incorpora, não se a-ssimila⁷. *

Presença de uma brecha.

Tradução: Sara Fernandez

Revisão: Ida Freitas

⁵ Mátria: palavra que pode fazer referência a ter um lugar próprio, segundo Julia Kristeva

⁶ Lacan, J. seminário *Les non-dupe errent*. Inédito, Lição 9 de abril de 199

⁷ Lacan, J. livro X, *A angústia* (1962-1963), Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed.,2005, p.301

* Semanticamente, a-simil: em direção ao semelhante.

O AE COMO TESTEMUNHA DOS PROBLEMAS CRUCIAIS DA PSICANÁLISE

Elynes Lima
AE 2022-2025
Fortaleza, Brasil

Agradeço aos colegas do CIG anterior o convite para estar nessa mesa e pela oportunidade de participar via Zoom.

Estive na última Convenção Europeia; eu tinha sido recém-nomeada AE e naquela ocasião testemunhei dos momentos de passagem na minha análise até a dis-solução final. Hoje, transcorrido um tempo de transmissão e próximo ao término dessa função, tenho a oportunidade de refletir um pouco acerca do que é testemunhar e do que testemunha o AE.

O que significa "testemunhar"? Testemunhar é declarar ter visto, ouvido e/ou vivenciado algo. O testemunho está intimamente ligado ao saber adquirido pela experiência; é uma prova. O testemunho também é a comprovação de uma verdade, subjetiva, é claro.

Contudo, esse conceito esteve muito ligado às questões do direito ou da religião. Jean-Philippe Pierron¹, propõe um desvio pela etimologia da palavra “testemunho” para aprofundar um trabalho de interpretação sobre o mesmo e se afastar um pouco da significação fornecida por esses dois campos.

A etimologia da palavra testemunho tem sua raiz tanto no grego como no latim.

Em grego, ela remonta a *martys*, que significa mártir, que por sua vez, provém de *mrty*, radical de onde deriva *mermera*, que significa angústia, cuidado, preocupação; *mermerizô*, estar ocupado, suspeitar; e *merimnaô*: pensar, meditar, suspeitar.

Seguindo essa linha de desenvolvimento, podemos dizer que, em primeiro lugar, a testemunha seria um mártir; não no sentido religioso, mas no sentido de encarnar, de uma forma mais radical, a experiência e a transmissão selando com o próprio corpo/sangue o testemunho, isto é, o testemunho é a própria testemunha.

Em segundo lugar, Pierron salienta que a etimologia grega acentua a dimensão ética do testemunho, promovendo um deslocamento da objetividade de um terceiro para subjetividade daquele que testemunha.

Se tomarmos a etimologia em latim, *testis* (testemunho), *terstis*, nos deparamos justamente com essa ideia de “terceiro” - que é a ideia corrente no direito -, da testemunha como um terceiro imparcial que pode fornecer uma informação digna de fé. Porém, segundo Pierron, uma outra dimensão pode se revelar a partir dessa ideia e que vai para além do acontecimento: “*Se o testemunho possui o estatuto de mediação, é porque ele sobrevive ao acontecimento (...) o testemunho intervém como mediação e remédio para separação vivida em relação ao princípio*”².

Seguindo essa linha de pensarmos o testemunho como separação e ato de um terceiro, Agamben³ acrescenta ainda que o testemunho é um ato de um autor, um autor-testemunha que, pela sua capacidade de iniciativa, e eu diria, pela sua distinção, é capaz de transmitir algo.

Em sua “Proposição de 9 de outubro”, Lacan aborda a questão do testemunho e da transmissão, dizendo que os passadores colherão o testemunho do passante a partir do que eles mesmos viveram em sua própria análise. É nessa ressonância do vivo do testemunho no vivido dos passadores que se decide a nomeação, segundo Lacan, e que, portanto, esse júri,

¹ Pierron, Jean-Philippe. Transmissão: uma filosofia do testemunho. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

² *Ibid*,

³ *Ibid*, p. 31.

que escuta os passadores, não se constitui como juízes, mas sim, e também, como testemunhas⁴.

De que o AE testemunha?

De modo geral, os AEs testemunham dos pontos de passagem em sua análise: da separação do Outro e de sua destituição subjetiva.

É ele, o AE, quem “*pode dar testemunho dos problemas cruciais, dos pontos nodais concernentes à análise*”⁵

Poderíamos nos perguntar que pontos nodais seriam esses e, acrescento: o quê, da minha experiência, é possível transmitir que possa fazer frente aos problemas cruciais?

No que concerne ao meu percurso, um dos pontos nodais foi a passagem d’A verdade para o saber, com a queda da crença na versão verdadeira do Outro para as versões e, conseqüentemente, para a elaboração de um saber que tivesse valor de verdade, subjetiva é claro, *meio-dita*.

Esse ponto nodal de minha análise, isto é, acreditar que a versão do Outro era a única e verdadeira, reforçava as identificações imaginárias. Era necessário desfazê-lo, para que outro nó pudesse *satisfazer*.

As identificações imaginárias são um problema para as sociedades e escolas de psicanálise. Se não estivermos advertidos, corremos o risco de nos tornarmos uma comunidade ao invés de uma escola; uma comunidade no sentido de que poderíamos ter tudo em comum. Em uma escola de psicanálise, é diferente; não temos quase nada em comum e precisamos estar advertidos disso! - Lacan disse no final de seu Seminário 19: “... Ou pior”, se temos algo em comum, se somos irmãos, é porque somos filhos do discurso⁶.

Lacan também nos alertou que essas identificações imaginárias podem levar a processos de segregação. E é exatamente por isso que o dispositivo do passe, assim como o do cartel, são necessários ao funcionamento da Escola porque são eles que garantem a existência dos dispersos sem par e a experiência de Escola. Por isso Lacan, ao dissolver sua Escola, diz que a dissolve, mas mantém a experiência reafirmando a prática dos cartéis.⁷

A nomeação de um AE com a marca dessa diferença, isto é, com a sua invenção singular para a falha original⁸, demonstrando o “*Y a d’Un*” - *Há do um* -, constitui-se num testemunho vivo de separação e distinção, furo na estrutura⁹.

Esse testemunho traz as duas vertentes etimológicas que eu citei aqui no início (grega e latina), isto é, ele é, tanto aquilo que concerne ao mais singular do sujeito, que é sua relação com a angústia - seu martírio e solução até a separação! – como também é a demonstração viva dessa separação.

Portanto, para além do que se tenta transmitir no testemunho, há uma outra dimensão, a da testemunha que se mostra como produto da deformação produzida pela experiência; como

⁴ Lacan, Jacques. Proposição de 9 de outubro sobre o psicanalista da Escola. In: Outros Escritos, Rio de Janeiro: Zahar, 2023, p. 261.

⁵ *Ibid*, p. 249.

⁶ Lacan, Jacques. O Seminário, livro 19, ...ou pior. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2012, p. 226. Aula de 21 de junho de 1972.

⁷ Lacan, Jacques. D’e[s]colagem. In: Nos confins do seminário. Rio de Janeiro: Zahar, 2022, p. 65.

⁸ Lacan, Jacques. O Seminário, livro 23, O sinthoma. Rio de Janeiro: Zahar, 2007, p.144. Aula de 11 de maio de 1976.

⁹ Lacan, Jacques. O Seminário, livro 19, ...ou pior. Rio de Janeiro: Zahar, 2012. Aula de 19 de abril de 1972.

diz Lacan, há um relato, um testemunho que pode se produzir “sem nenhum recurso ao conteúdo”¹⁰

Para finalizar essas considerações, gostaria ainda de ressaltar que o AE também testemunha que as análises têm um fim: um ponto final e uma finalidade. Um ponto final, na medida em que há uma lógica em jogo no percurso de uma análise; há algo que se repete e que é possível sacar dessa repetição da série que tende ao infinito; o que se saca, se extrai, dessa repetição é o que pode pôr limite à série. Quanto à finalidade, ele pode “*tornar-se responsável pelo progresso da Escola, tornar-se psicanalista da própria experiência*”¹¹.

¹⁰ Lacan, Jacques. O Seminário, livro 18, de um discurso que não fosse do semblante. Rio de Janeiro: Zahar, p. 107. Aula de 12 de maio de 1971.

¹¹ Lacan, Jacques. Proposição de 9 de outubro sobre o psicanalista da escola. In: Outros Escritos. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 248.

POÉTICA DO SOPRO

Christelle Suc
AE 2022-2025
França

Estar na brecha, não significa estar confortavelmente instalado, a brecha é a “abertura”, diz o dicionário, e “a fenda de onde se destacou o clarão”. O cl(a)rão que envolve o pequeno *a*.

Não mais sustentada pelo fantasma, já não há cantos hipnóticos das sereias. Com o cristal da língua, difração do sentido, corte sonoro. “Brinco com o cristal da língua, diz Lacan, para refratar do significante aquilo que divide o sujeito”¹. Com a escansão, pontuação que dá a chance de diluir, de desprender o sentido, de fazer ouvir o novo, o não esperado, não convidado, mas que se convida: irrupção do Real. Com o equívoco, esfarelamento da crença cega na minha fantasia; o discurso já não está mais mortificado, fixado pelo fantasma, nem mais petrificado pela significação. Do serviço² do fantasma ao fora de serviço, ele não desaparece, mas já não me serve mais. Ruptura no automático sistematizado. A fenda dá passagem. Na brecha, é então a partir de um lugar, de sua borda que a gente não pode cartografar, que o AE se mantém, é topo-lógico (lógica do lugar). Divisão do sujeito. Portanto, é se manter na brecha, ali onde o saber falha “que não é em vão se manter”³, posição ética. A brecha poderia ser a barra entre o significante e o significado, brecha e não relação. Não há S2 para o S1, nós repetimos isso canonicamente “não há relação sexual”.

É, portanto, com e porque existe o impossível, que há uma chance para a invenção, *l'un vention*, invenção do Um, singularidade irreduzível. O limite atua como alavanca, uma chance para o saber “se renovar”⁴. Não se trata de decoreba, de produzir um saber esclerosado, desgastado pela repetição fixa e teoricamente vazia, mas de um saber que não bloqueia, que abre e cria hiato. A brecha. Não é algo que adormece, mas sim que desperta, não se trata de verdadeiro ou falso – o saber é furado – mas de algo que movimenta. Desejo de saber. Um saber que não pode se conhecer, mas que talvez, a partir da borda, possa ser delineado, no sentido de contornar, na periferia. Talvez uma tentativa de saber a partir de uma descoberta. Um ensaio de saber, tomo emprestado de Paulhan seu “ensaio de entusiasmo”. Ensaio de saber é o inverso do discurso do mestre; é uma proposta para colocar a obra no tear, analistas, trabalhadores-artesãos da psicanálise.

O que constitui uma descoberta para mim é sempre o surgimento de um novo arranjo da língua. Um arranjo que move, que leva para outro lugar. Reflexão do cristal da língua à qual minha análise me tornou muito sensível. Em física, a reflexão é uma mudança brusca de direção, seja do movimento, ocasião do novo. Não temos senão a palavra como ferramenta, isto é, aquilo que permite e impede ao mesmo tempo, oxímoro. A descoberta (*trou-vaillie*),

¹ J. Lacan, (1970), Radiofonia In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003., p. 425

² (N. da T.) A autora usou o termo *sert-vice*, jogo de palavras com *sert* (servir, ser útil) e *vice* (defeito, falha)

³ J. Lacan, [1967-1968], *O seminário, O ato psicanalítico*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2025, p. 32

⁴ J. Lacan, *Ornicar 17/18, Transfert à St Denis, Lacan pour Vincennes*, 1978 p.278

aquela que carrega o furo, pode fazer o enlace entre intenção e extensão? O nó só é possível com a fissura. Com a descoberta (*trou-vaill*), o ressoar, eco do vazio.

Ressonância (*réson*), porque nós a experimentamos ali onde as razões (*raisons*) não são suficientes. “O sentido, isso tampona”, “isso não vai muito longe”⁵ diz Lacan. É o analisante que empurra sua rocha, Sísifo do sentido, infinito anunciado. O absurdo do mundo e de nossa condição faz falar, mas o porquê, em perfeito duo com o porque, é metonímico, deslizamento perpétuo. Os ditos são impotentes. O Real não tem nenhum sentido: o mais íntimo e o mais estranho, essa ‘exclusão interna’⁶.

Com a análise, somos advertidos, advertidos de que há algo de inapreensível e de irreduzível, núcleo do sujeito; o silêncio está inscrito no coração do sujeito. Há o que é, por definição, informulável, e que o sujeito, por meio do fantasma, tece como uma fórmula mágica para tentar fazer existir a relação, busca de sentido, mendicância ao Outro. Mas o sentido não reabsorve o Real, as palavras carregam o fantasma, o Outro não responde. Com o corte, o insabido (*insu*)⁷ automático passa ao um-saber (*un-su*) do gozo. Um-saber, e não o saber do Outro. Inversão. Fim do infinito! título do meu primeiro testemunho de passe.

Então, a partir do impossível, do indizível, o que é que pode passar? Pode-se escutar aquilo que não se diz? Escuta-se na sua ausência? Há um alcance do ab-senso, essa hiância onde o sentido se desfaz, ali onde a linguagem fracassa, de fato, em dizer?

O dito não vai sem o dizer. “Não há enunciado sem enunciação”. Se o enunciado pertence à diz-menção (*dit-mention*), então, pode-se propor que a enunciação, ela, pertença à di(zer)menção (*dire-mention*). A di(zer)menção, isto é, a menção do dizer no dito, ou melhor, para além ou aquém dele, e que não pertence ao que se decifra. A menção, em sua definição, é aquilo que designa, não aquilo que diz, questão de corpo e não de palavra. A palavra de-signa (*dé-signé*), em francês, encerra o signo. A di(zer)menção, seguindo a definição, é aquilo que faz signo, faz signo do que se mantém fora, do que ex-siste, seguindo Lacan. Intervalo da língua que porta o que não se sabe, marca irreduzível da estrutura, mas que ressoa. Um outro alcance, um outro relevo das palavras que não o do sentido: a fala soa no corpo a partir do novo saber que marcou o corpo, do qual resta apenas a sonoridade, vibrações de gozo, excluídas do sentido, inarticuláveis.

Já testemunhei isso em outras ocasiões: o signi-ficante (*signe-fiante*), neologismo que é a contração entre significante e signo, uma palavra que faz signo e que não faz cadeia; assim, o significante que surge e faz conclusão, toca o corpo, acontecimento de corpo. Uma palavra que faz signo, não há equívoco nesse ponto, uma palavra que, com um efeito de sentido coloca fora de jogo o sentido⁸. Nesse momento, há a invasão de uma grande alegria, acompanhada da sensação de um leve sopro fresco no peito. Gozo do vivo. “O eco no corpo do fato de que há um dizer.” Parafraçando Lacan, proponho: o AE é sua enunciação.

É essa questão que me interessa: a da enunciação, o que os ditos carregam e levam consigo. Lugar e avesso moebiano? O que pode passar? O que tem chance de portar, ou seja, de fazer corte? O AE portador de um dito furado? Densidade vazada de um dizer que acerta na mosca? Efeito no próprio dizer? Um certo uso de alíngua?

⁵ J. Lacan, *O Séminário, L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre*, inédito, lição de 19 de abril de 1977

⁶ J. Lacan. “A ciência e a verdade”, In: *Escritos*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed.,1998 p. 875

⁷ (N. da T.) *insu* (insabido) faz equívoco com *un-su* (um saber)

⁸ (N. da T.) Em francês essa frase se apresenta como: *avec un effet de sens met hors-jeu/je le sens*. *Esse je le sens* (eu o sinto) se perde na tradução ao português.

As palavras ditas para me dirigir a você, eu as escolho, calibre, faço meu mercado de palavras, mas o dizer, a enunciação, isso me ultrapassa. É sem mim e, ao mesmo tempo, é o mais eu; poderíamos dizer, ao mesmo tempo, com um jogo de palavras da língua francesa, dentro e fora: o mais ín-timo (*in-time*) e o mais êx-timo (*ex-time*).

A enunciação é um efeito, efeito de sopro, ressonância do vazio, relançamento do vivo. Falar implica o sopro, a alternância entre voz e silêncio, logo escansão. A emergência do silêncio quando o sentido se cala, quando o grito da demanda ao outro se silenciou, quando a busca de um saber narcísico se torna caduca. O silêncio não tem palavra, ele habita um corpo. Ele não se diz, mas produz o intervalo, o interstício, que permite ao sopro de retornar.

Cito Celan, ele fala poesia; eu poderia substituir por análise: “a poesia percorre todo esse caminho (...) apenas para chegar a tal virada do sopro”. O sopro novo muda o uso da palavra, da significação à direção, a palavra tomada pelo corpo. E isso muda a maneira de habitá-la. Cada um é poema — único — tecido, traçado, estampado de palavras e de sua matéria sonora, um poema com linhas quebradas, riscadas. Algo pode ser soprado através do meio-dito, mas não tudo, é o uso do poema.

Então, com aquilo que não pode ser dito, no limite da linguagem, emerge o bem-dizer. Bem dizer e não dizer bem; não se trata de fazer o belo, o belo pode ofuscar, retorno da tela, nem impressionar a plateia com o poder da retórica, mas de dizer com precisão. Precisão não significa verdade; a verdade cobre o Real. Não há mais brecha onde se apoiar! O bem dizer, nem sensato, nem sensacional. O bem dizer não acrescenta sentido, ele o nivela. É dizer o mais próximo, o mais próximo d’acoisa.

O bem dizer que encontramos na poesia que “é efeito de sentido, mas também efeito de vazio”. A poesia: a palavra tomada à letra, a letra tomada pela palavra. Diz-menção e di(zer)menção. Há sentido na poesia, mas ela também abriga o estrangeiro sem nomeá-lo, o inominável. Ela carrega e faz ressoar o intraduzível, o ausente, não saturando de sentido, mas abrindo sulcos. E Lacan indica: “toda linguagem analítica deve ser poética”.

Retomo a definição do dicionário: “a fenda de onde se destacou o clarão”, o clarão destacado passa ao estatuto de causa do desejo. Po-ética do sopro. Estar no lugar de causa e não do sentido, um “estilo justo” que é uma aposta para a transmissão.

Do compreender ao ganhar corpo⁹, corpo tomado, manter-se na brecha, po-ética (peau-éthique) do sopro. Mas não sem a ressonância da alíngua

Tradução de Daniela Batista

⁹ (N. da T.) No francês essa passagem carrega um jogo de linguagem que faz as duas palavras terem uma sonoridade similar – *de comprendre à corps prendre*.

DES-FAZER

Constanza Lobos
AE 2023-2026
Tucumán, Argentina

O AE, “*ao qual se imputa estar (...) na brecha*”¹ de resolver “os problemas cruciais nos pontos vivos nos quais se encontram para uma análise” não somente para si mesmo, mas também para a psicanálise².

Me detenho na primeira parte. O AE ao qual se imputa estar na brecha. *Imputa* tem uma força que merece que nos detenhamos. Em espanhol significa: *atribuir a alguém a responsabilidade de um feito reprovável*. Qual responsabilidade e qual feito reprovável?

A questão do escândalo mostra a falha vislumbrada do sujeito suposto saber. O reprovável aponta para essa separação das normas do Outro. Nem transgressão nem desobediência, mas que através de sua análise levada ao seu ponto final, comprovou a inexistência do Outro. O analista se autoriza por si mesmo, não o faz pela via do outro. Não obstante, isso não implica uma autodeclaração, mas que toma corpo a responsabilidade e a seriedade que o vinculam a uma Escola.

A tarefa é a psicanálise. A colocação em jogo de um desejo que empurra o outro. Se coloca em primeiro plano que há uma brecha entre analisante e analista. Não há continuidade. É desse momento de fratura, dessa curva com os quais o dispositivo tenta se balizar. Isso nos traz a relação com a causa analítica, o que funda. A brecha não é o ato. Deste, a sua lógica é a das consequências, desde as primeiras a se produzirem. Somente *aposteriori*, por seus efeitos, será possível sabê-lo. Não há preparação para o ato analítico. Não é da ordem do sujeito. Emerge um ponto crucial. Por um lado, o ato analítico é aquilo pelo qual o psicanalista se compromete a responder por ele. Por outro, a psicanálise depende do ato psicanalítico.

Brecha. Convoca a enunciar o real em jogo. Se na negação deste Real, encontramos a causa da detenção da psicanálise, em seu reconhecimento se joga a sustentação e o futuro da psicanálise. É colocar no centro, o porvir da psicanálise que depende da experiência do Real.

Trazê-lo como Escola, é destacar a importância de que isso se manifeste, uma e outra vez. A *imputar*, podemos vincular a palavra *prova*. Ter provas, dar provas? Desse ponto de finitude, do impossível? Porque não há definição de analista, uma vez que não é da ordem do evidente. Lacan enuncia sua proposição³ para tentar iluminar essa virada. Um captar antes. Aí um

¹N.T. Embora na versão em português, no Outros Escritos do texto "Proposição de 9 de outubro de 1967" a expressão "*estar en la brecha*" tenha sido traduzida por "*estar entre*", a tradutora manteve a expressão no intuito de sustentar a escolha da autora uma vez que essa mesma palavra compõe outros fragmentos importantes no texto.

²J. Lacan, “Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola”, In: Outros Escritos, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2003, p. 249.

³J. Lacan, “Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola”, In: Outros Escritos, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2003, p. 249.

passante, não um analista. Sua Proposição, também, se coloca na diagonal⁴, inclina o caminho para acentuar que o ato instituinte do analista não pode se separar do ato analítico. Vai se vislumbrando, assim, um paradoxo do dispositivo: a aposta através das palavras de dar provas do que as palavras não alcançam, dar conta do que na conta não entra.

Do anterior se depreende que não há necessidade de reconhecer o que não tem reconhecimento. O que permite esclarecer, que garantia não é reconhecimento. Neste último caso, estaríamos na ilusão de se tratar de um curso que uma vez acabado nos certificaria de estarmos prontos. O psicanalista não é um esperto nem um especialista. O único reconhecimento possível é que é ele próprio quem reconhece sua responsabilidade na sustentação da psicanálise. Assim quem tenha dado esse salto decisivo, pode dirigir-se à Escola e querer se tornar responsável pelo seu progresso. A Escola aparece como testemunha. Não há analista sem Escola; o ermitão que se tranca em seu consultório, é somente caranguejo⁵. As letras AE enunciam um enlace entre analista e Escola.

Compartilho um questionamento: podemos pensar o dispositivo do passe como uma oportunidade? Uma oportunidade para que? Oportunidade para dirigir-nos ao trabalho de uma Escola de psicanálise, uma trama construída de Outro modo já que introduz o ato. Oportunidade-porto⁶, não para chegar, mas para recordar que há sempre que tornar a sair, recomeçar.

Dois tempos: *Aí* e *aposteriori*. Por um lado, um trabalho de forma num dispositivo. *Se arma*, retira o sujeito, acentuando que é sem cálculo. Cada um dos envolvidos se encontra em uma posição de trabalho para a psicanálise, a qual está enodada a sua experiência própria de análise, desse Real em jogo. Pode proporcionar grãos de luz que estão em jogo nesse momento de passe e causar a comunidade analítica em direção ao saber em elaboração.

Aposteriori, como um efeito expansivo? Sim, se o tomamos como um trabalho em relação a psicanálise que poderia se estender aos membros de nossa Escola. Efeito expansivo introduz a dimensão temporal em relação ao trabalho do coletivo psicanalítico. Efeitos não calculáveis. Efeito expansivo que convoca a pensar a psicanálise. Um pensar diferente que tem na mira, o ato e que aí se encontra o vital da psicanálise.

Me dirijo à saída e surpreendida me encontro com a entrada transformada, permitindo outra declinação. *Imputar* tem como sinônimo *tachar*. O que me leva a outra palavra *desfazer*. *Tachar* e *Desfazer* são dois verbos que podem se conjugar, o que mostra que estamos em um lugar diferente do ato. A este trabalho posterior eu o expressei como *Des-fazer*. Um fazer que se desfaz no mesmo movimento, na mesma produção de Escola. Presentifica a brecha, a ruptura e o que relança a tarefa. Com *Des-fazer* destaco uma função e a aposta a seguir tecendo este tecido que acentuo, não se fecha em um conjunto e que é necessário velar por manter sua trama, a da experiência do Real. *Des-fazer* dá corpo à dimensão de um trabalho que sempre deve continuar. Estar advertido de romper com qualquer hábito, rotina, predicativos para nos dirigirmos a uma produção que reaviva. Uma responsabilidade que enlaça à Escola.

Por outro lado, também, aponta que cada um tenha presente esse momento na cura, em que tudo de desfaz abrindo caminhos a uma possibilidade; um vazio que possibilita um ato. Tomar

⁴ J. Lacan, “Discurso à Escola Freudiana de Paris”, In: Outros escritos, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2003, p. 273.

⁵ Ibid. p. 267.

⁶ Etimologicamente a palavra oportunidade provém do latim *opportunitas*: composto pelo sufixo ob-op refere à “em frente de” e portus (porto) que designa uma abertura para o transporte.

em conta a hiância, o Real da experiência analítica na Escola. Ter presente essa passagem à analista, o ato que funda.

Tradução: Sara Fernandez

Revisão: Ida Freitas

DE PASSANTE A ANALISTA DA ESCOLA, UMA FALHA FECUNDA

*Pastora Rivera
AE 2024-2027
Espanña*

Em torno do dispositivo do Passe e da nomeação, a pergunta acerca do que é um analista, assim como o que diz respeito à relação com a Escola e ao problema da transmissão, continuam sendo plenamente atuais, na medida em que a singularidade de cada testemunho volta a pôr em jogo o real da experiência analítica, um por um.

Na minha experiência do final da análise, o ponto de fechamento não se alcançou com uma interpretação última nem com a revelação de uma verdade reprimida. O esgotamento da combinatória do inconsciente e seu deciframento inaugurou a possibilidade de um novo estatuto do saber.

A travessia fantasmática supõe uma queda da significação que pode dar lugar à abertura a uma lógica diferente. Trata-se de uma virada na economia do gozo, uma transformação na relação do sujeito com o saber, em relação ao que insiste fora de sentido.

Para além do sentido, abre-se uma via que, desde a significação absoluta do fantasma até o vazio de significação do fim da análise, constitui uma experiência subjetiva radical. Esse esvaziamento, que é falta de saber que faz marca, lança um resto, um objeto que se destaca como aquilo que não entra na cadeia significante, que não se traduz, mas opera.

No final da análise, esse objeto não desaparece: o analisando se separa dele como suporte fantasmático, o que comporta uma modificação do gozo, mas o reconhece como elemento estrutural do seu modo de gozar.

Ao contrário do fantasma, que pode ser atravessado, o objeto a não se interpreta: isola-se. E seu isolamento permite ao sujeito inventar um modo singular de habitar seu gozo, sem ficar capturado em sua vertente mortífera.

Nesse ponto se revela a inconsistência estrutural do Outro, constatando que não existia senão como efeito da suposição do sujeito, preso no aparelho da linguagem.

A partir daí os acontecimentos se precipitam, dando lugar a uma mutação subjetiva, pois o objeto a, como operador lógico, permite uma mudança de posição que destitui o sujeito em relação à sua experiência na cura, da qual já não há retorno. Esse momento marca um limite e abre uma hiância: um antes e um depois, uma relação diferente com o saber que muda de registro, de perspectiva, e onde a causa do mal-estar, dos sintomas, se re-situa, destituindo o sujeito.

A inexistência do Outro também implica a queda do fantasma, como moldura do sentido e como suplência da impossível relação.

A experiência do final da análise, longe de fechar essa hiância encontrada, a reconhece como estrutural: não há Outro do saber, não há garantia de desejo, não há complementaridade entre o Um e o Outro. No entanto, a partir dessa não-relação, algo se pode fazer e dizer.

Não existe escrita que garanta uma proporção entre os sexos, não há complementaridade instintiva nem harmonia predeterminada. O que se trata de fazer passar no Passe não é o que

une, o que faz relação entre S1 e S2. É o que os separa, produzindo um corte com o sentido, com o fantasma, com a demanda, com o ideal do Outro.

A sexualidade humana se apresenta marcada por essa impossibilidade estrutural. O gozo não encontra sua lei no Outro, nem na gramática do inconsciente. Inconsistência inscrita já na lalíngua esquecida, que introduz uma lógica distinta.

Uma lógica furada que já não permite refugiar-se no espelhismo narcísico do amor. Não se trata apenas de que não haja relação sexual que possa ser escrita, tampouco se pode dizer o real. Só é possível bordejá-lo.

O inconsciente mesmo se manifesta por equívocos, lapsos ou mentiras. A verdade não pode ser dita toda e, como nos lembra Lacan, “além disso mente”. O real, em contrapartida, “não fala”, “é idêntico a si mesmo” e “sempre retorna ao mesmo lugar”, ali nada falta.

Quando o real se impõe, já não é possível aspirar a um ponto de fechamento definitivo, nem à completude do saber, nem à garantia do ato. Há, em contrapartida, uma invenção possível a partir do que falta, que não pode ser normativizada, mas que pode fazer-se passar como testemunho de uma experiência.

Não se trata de saber tudo, é impossível, mas de inventar uma resposta singular frente ao que não pode ser dito por completo. Como consequência, o saber produzido em uma análise só pode aplicar-se em um saber-fazer, um saber se arranjar com isso. Armar uma nova ordenação com as marcas resgatadas da lalíngua enlaçada ao gozo.

A lalíngua, que afeta e deixa efeitos de gozo no corpo e também no sintoma. Ali se torna audível o que a linguagem não consegue dizer... sem-sentido. O ato analítico, nessa vertente, não buscará restaurar o sentido perdido, mas fazer ressoar o equívoco, produzindo ruptura e corte da unidade da linguagem. Ali começa outro possível enodamento, onde o gozo já não está velado pela significação e o saber se ordena ao redor de um vazio.

A análise ao final produz um saber, mas não é qualquer saber: é um saber incompleto, apenas um fiapo de saber. Nesse sentido, no Passe não se garante uma verdade universal.

O que está em jogo ali é uma enunciação que responde a uma verdade subjetiva, onde se articula a relação do sujeito com o saber, com o gozo, com o desejo, com o que ficou como resto uma vez atravessada a experiência.

Nessa relação com o indizível, apostar em manter aberta a distância entre o que se pode dizer e o que sempre escapa. Esse lugar onde o saber fracassou, mas o desejo se sustentou em relação à causa analítica.

O testemunho aponta a fazer passar algo desse dizer a um espaço comum, que se constitui como um lugar para a elaboração e transmissão da lógica do inconsciente.

Outra modalidade de acolher e sustentar o saber analítico, via uma transferência de trabalho: pelo interesse compartilhado no saber do inconsciente. Um ato político porque funda um laço distinto, não imaginário, entre os membros da Escola, sustentado na possibilidade de transmissão de um saber não-todo.

Do Um-só da análise ao um por um da Escola, onde se pode inscrever algo que, longe de apontar à identificação, tende a provocar a interrogação, a descompletar a crença em um saber constituído.

Somente o discurso analítico oferece a possibilidade de acolher o irreduzível dessa hiância estrutural entre os sexos. Uma falha fecunda, que desvela um traço de humanidade, uma nova forma de laço social, de relação com o real da vida, que sem excluir a ex-sistência de sua finitude, inclui a satisfação.

Tradução da autora

Bibliografia:

Lacan, J. - "Proposição de 9 de outubro de 1967 para o psicanalista da Escola"

Lacan, J. - Seminário 19 "...Ou pior" (1971-72)

Lacan, J. - Seminário 20 "Mais, ainda" (1972-73)

Lacan, J. - Seminário 21 "Os não incautos se enganam" (1973-74)

Lacan, J. - O fenômeno lacaniano (1974)

Lacan, J. - L'Étourdî, 1974

Gallano, C. (2009). Não sem passar pelo real. Stylus n° 19.

Soler, C. - "O inconsciente reinventado". Cia. De Freud Editora. 2012.

ABERRAÇÃO

Dimitra Kolonia
AE 2022-2025
França

Eu poderia ter dado como título “A psicanálise apesar das leis da física” para falar daquilo que ela tem de subversivo, uma análise. A gravidade, por exemplo, não funciona, nós podemos passar por cima do buraco sem cair dentro; engraçado, esse negócio.

Assim, um sujeito começa a análise banalmente com um “não é isso”; como ele acaba falando de física, de buraco, de desejo, de real, e de quedas que não doem? Aberração!

A palavra aberração vem do latim *ab-errare*. O verbo errar¹ significa desviar-se da verdade, enganar-se, sair à aventura. A aberração então é um desvio em relação à norma esperada, um afastamento em relação ao bom senso ou a hábitos de pensamento ou de sentimento, tomados como norma.

Tomarei como ponto de partida uma citação de Lacan: “Um psicanalista sabe que o pensamento é aberrante por natureza, o que não o impede de ser responsável por um discurso que solda o analisando [...] ao par analisando-analista².”

O pensamento é aberrante por natureza e um analista o sabe. Que um analista o saiba, designa que se trata de um saber; e mais particularmente, de um saber próprio ao analista, obtido na análise, graças a ela. O que é esse saber?

Sendo um saber, ele não é suposto. Falar do pensamento é falar da associação livre, da palavra analisante que busca o sentido. Saber que o pensamento é aberrante, é ter experimentado na análise que o pensamento, a associação livre, não conclui. Impasse.

Apesar de toda expectativa, e ela é longa em uma análise, o reconhecimento da fantasia é uma revelação que não nos livra de nenhum sentido. Ele não desvela nenhuma verdade do lado do sentido, senão o gozo-sentido. “Penso, logo *goza-se* ³. Se ele sempre foi jogado por seu inconsciente, o sujeito, pelo reconhecimento da fantasia, o sabe. Saber adquirido. Ele não está lá onde o inconsciente o joga. “O inconsciente se apresenta como um pensamento que não é Eu⁴”. Divisão. O sujeito dividido não está lá onde pensa estar. O inconsciente introduz uma alternativa que está em ruptura com o cogito de Descartes. Ou *eu não penso ou eu não sou*⁵.

¹ Ele mesmo vindo do grego ἐρρω.

² J. Lacan, A terceira, novembro 1974, no site de Patrick Valas, www.valas.fr.

³ *Ibid.*

⁴ J. Lacan, (1966-1967) O Seminário, livro XIV, A lógica do fantasma, Paris, Seuil, 2023, p.131.

⁵ Ou “lá onde eu sou **eu não penso**”, ou “lá onde eu penso **eu não sou**”.

O fantasma desmascara uma verdade que mente no lugar de dizer a verdade. “A verdade, não é o saber⁶”; mas isto é um saber e mesmo uma reviravolta em relação ao que o bom senso espera. Que o fantasma não tenha mais alcance de sentido tem como consequência que o analisando, que é convidado a associar, a dizer seus pensamentos livremente, termine por chegar a um impasse. Isso produz efeitos no espaço da transferência com a queda do sujeito suposto saber e uma queda de gozo tomada ao sentido.

O pensamento é aberrante por natureza, mas esse saber produzido na análise não tem nada de natural. Aberração?

É graças a uma análise que se abre a possibilidade para um sujeito de recusar ser ofuscado pelo amor da verdade e do fantasma que mascara o real. O pensamento erra e não permite a conclusão. A queda do sujeito suposto saber abre uma nova perspectiva de errância para o sujeito que não é desorientação. Ao contrário. Pode conduzir a um novo sentido, “o sentido do sintoma” tal como Lacan o define em A terceira, a saber, o real. Isso abre para um saber que diz respeito ao gozo do sujeito, saber sem sujeito. Isso abre a possibilidade do passe à analista. Esse momento é, a meus olhos, aquele do abandono do porquê (que é busca e expectativa de sentido) em favor do como; o passante testemunha essa passagem no dispositivo, tentando demonstrar o como e não o porquê.

“Não é necessário saber-se apaixonado pelo seu inconsciente para não errar, há que se deixar levar, ser seu tolo. Pela primeira vez na história, lbes é possível, a vocês, errar, ou seja, se recusar a amar o vosso inconsciente, pois enfim sabeis o que ele é: um saber, um saber fastidioso. Mas é talvez nessa errância, e, dois r, e, [...] que podemos apostar para reencontrar o Real um pouco depois, percebermos que o inconsciente é talvez sem dúvida desarmônico, mas que talvez ele nos conduza a um pouco mais desse real além dessa muito pouca realidade que é a nossa, aquela do fantasma, que ele nos conduza além: ao puro Real⁷”.

Assim, Lacan nos propõe errar para encontrar uma orientação, aquela que sai do senso comum, que escrevo sentido “*comoUm*” já que o discurso do mestre quer que ele seja como *Um* para todos, enquanto só pode ser *Um* para *cadaUm*. Nenhuma harmonia.

Ser o tolo do seu inconsciente, mas não do discurso do mestre. Esse momento, eletivo, da passagem à analista, que se abre com a queda do sujeito suposto saber é aquele onde supomos o ato.

Se o ato não se produz sob transferência, é ele que permite sua instituição. Ele autoriza a tarefa analisante, em outras palavras, a entrada na associação livre, onde o sujeito é convidado a errar em seu pensamento, antes que ele acabe por constatar ele mesmo sua aberração. A tarefa já implica que o sujeito suposto saber está destinado a cair.

Assim, se o analista aceita que o analisando o institua como sujeito suposto saber, é com conhecimento de causa. Semblante. Ele se serve do sujeito suposto saber e do pensamento (ab)errante, pois é a única via que ele tem para soldar o analisando ao par analisando-analista. É a única via que permite ao sujeito entrar em análise, perder o fio ao errar, tendo assim chance de que uma passagem se abra orientada para o real. No entanto, que o analista se sirva da associação livre e da transferência, isso não diz nada sobre o que o leva a fazê-lo. É uma questão sobre a causa.

⁶ J. Lacan, Seminário O saber do psicanalista, inédito, lição de 4 de novembro de 1971.

⁷ J. Lacan, Seminário Os não-tolos erram, inédito, lição de 11 de junho de 1974.

“O ato é condicionado pela queda do sujeito suposto saber. É uma condição necessária, mas não suficiente. É preciso um desejo que permita suportar o ato, apesar do insustentável, apesar do horror. O ato analítico está à mercê do desejo do psicanalista. Os dois, ato e desejo, são indissociáveis⁸”.

Se a entrada na associação livre já implica seu impasse, se o sujeito suposto saber está destinado a cair, chegar a saber que o pensamento é aberrante, parece ser um desfecho lógico da análise. Por outro lado, o desejo do analista não é uma consequência automática, normal, do processo. Ele é contingente. Lacan propõe a passagem para esse efeito, ou seja, para *confiar ao AE o esclarecimento do passo que ele deu ao tomar o lugar do analista*⁹.

“Essa experiência do passe é simplesmente o que proponho àqueles que são devotados para se exporem, com a única finalidade de informação sobre um ponto muito delicado e que consiste no que se afirma da forma mais segura, que é que é algo totalmente a-normal - objeto a normal - que alguém que faz uma psicanálise queira ser psicanalista. É preciso verdadeiramente uma espécie de aberração que vale, que valia a pena ser oferecida a tudo quanto pudéssemos recolher de testemunho. É bem nisso que instituí provisoriamente essa tentativa de esboço de artigos para saber por que alguém, que sabe o que é a psicanálise, por sua didática, pode ainda querer ser analista¹⁰”.

O desejo do analista é uma resposta imprevisível do sujeito diante do saber que é a revelação do seu fantasma e de uma verdade que não diz a verdade. A queda do sujeito suposto saber, a desvalorização do sentido, o horror do saber ultrapassado, conduzem o sujeito a uma subtração, uma constatação: *tudo isso por isso*. De que cor é esse *tudo isso por isso* para um analisando? Disso dependerá se ele levantará, ou não, a opção da análise, se desejará, ou não, que outros se beneficiem dessa experiência que valeu a pena para ele.

Segundo minha experiência, estes são elementos, traços, próprios ao sujeito que o prendem a esse desejo. Traços que estavam lá, fora mesmo da análise, e que se encontram com ela. Coalescência? Achados dele, particulares, eles estão em vínculo com sua história, seus significantes, o que o anima. Algo do cru do sujeito faz eco com o processo. Direi que o sujeito, diante dessa revelação do fantasma e suas consequências, diante do reconhecimento do seu próprio 'eu não quero saber nada disso' uma vez ultrapassado, aí encontra um gosto que o prende.

Contudo, que um elemento do sujeito esteja nesse encontro não faz dele uma resposta previsível, ou transparente no só-depois. Isso não explica o porquê desse encontro. Decisão obscura. O sujeito não o localiza necessariamente, ou não completamente. A sombra espessa permanece e a experiência da passagem responde a essa necessidade.

“O passe pode efetivamente colocar em relevo para aquele que se oferece a ele, como um relâmpago, através de uma iluminação totalmente diferente, uma certa parte das sombras de sua análise? É uma coisa que concerne ao passante¹¹”. Por experiência, diria que sim.

Para concluir e seguindo o fio escolhido hoje, a experiência do passe é aquela de um passante que tenta demonstrar a passagem de um pensamento que se mostra aberrante a uma

⁸ C. Soler, A política do ato, Curso 1999-2000, Collège Clinique de Paris, p. 152.

⁹ J. Lacan, “Discurso na Escola Freudiana de Paris”, em Outros Escritos, Paris, Seuil, 2001, p. 276.

¹⁰ J. Lacan, Seminário O saber do psicanalista, op.cit., lição de 1º de junho de 1972.

¹¹ J. Lacan, “A experiência da passagem”, em Ornicar? boletim periódico do campo freudiano n° 12-13, Paris, p.121.

aberração, que é o desejo do analista. Um AE tenta esclarecer o passo em direção a essa aberração. Ele nunca conseguirá suficientemente. E o passe permanecerá como uma questão e colocação à prova de uma **Aberração Esclarecida (AE - Aberração Esclarecida)**.

Tradução: Elynes Barros Lima

PAPÉIS DE RECÉM-CHEGADA: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA

Agustina Cedolini
AE 2025-2028
Argentine

“Escrito em uma aldeia onde o, (recienvenidez) recémchegadez não se tira dele nunca de uma vez só, (..) porém temos que tirar rápido a recienvenidez recémchegadez tardia, todo a primeira-vez-chegado (...) se apressa a dar uma instruídissima conferência (...) três dias depois de desembarcado. Isto dá resultado: compreende-se que conferência tão repentina e com tal tema não é a colossal factuidade e entrometimento ignorante que só suspeitasse, senão da ansiedade por abandonar quanto antes a pátina da recienvenidez” da recémchegadez.

Perante a proposta de dar testemunho de haver atravessado a experiência do passe, minha resposta foi “sim”, torpe, apressada, porém animada por um estranho entusiasmo. Sem dúvida, senti a necessidade de abrigar-me sobre o qualificativo de recém-chegada que apareceu diante de mim como por arte de magia ou arte de associação livre, que nada tem de magia. Porque a necessidade de abrigo? É possível sentir um pouco algo parecido ao frio quando se trata de dizer coisas que importam, em terras longínguas, diante de outros desconhecidos e quando se acaba de desembarcar. Normalmente não se está em uma posição confortável quando se sente frio ou ao menos assim eu acredito. Me adverti mal e tarde, porém sem arrependimentos; que o pouco tempo -quase dois meses- que se passaram desde que o cartel do passe se pronunciara, não me livrei do empuxo que sinto, sem dúvida, a testemunhar do vivido, do vívido, vivaz, vigoroso que foi para mim atravessar o dispositivo do passe .

Desde que solicitei minha admissão ao dispositivo, até o momento, aconteceu algo extremamente singular que me permitiu refletir sobre alguns matizes da chamada experiência. Tive durante todo o percurso, o processo (*Erfahrung*), a clara impressão de que há algo da ordem da experiência (*Erlebnis*) que tomou um curso próprio, independente, que avançou muito mais rápido que minhas possibilidades de elaboração teórica ou de compreensão da mesma. Fez-se presente, com mais clareza do que nunca, uma outra dimensão, que anda só, independentemente do eu, independente do sujeito. Serei precisa: essa experiência deixou algo a descoberto com inédita clareza, uma dimensão outra, que parece deslizar pelas palavras porém que não é em si mesma nenhuma delas, que toca os corpos -não somente o do passante-do modo mais concreto e real, que gera efeitos surpreendentes e paradoxais quando aparecem, que gera uma espécie de efeito dominó de afetos variados: angústia, entusiasmo, esperança, desesperança. Suponham se vocês quiserem, um nome, uma palavra para isso, acredito que não dará muito trabalho; de minha parte vou dar voltas sem dizê-lo.

Há perguntas que considero, não seriam em vão fazê-las. Uma análise, termina? Como sabê-lo? que relação tem com isso a possibilidade de ocupar para outros o lugar de analista? Para que o passe?

Que as análises têm um final possível, já foi dito por Freud e Lacan, ainda que com diferenças substanciais entre ambos. Não entrarei em detalhes, a ideia aqui não é a transmissão da teoria. Que uma análise termina é algo que posso testemunhar, sem sombra de dúvidas. Chega-se a um ponto em que se diz basta, fui até aqui no percurso de uma análise. É uma sensação estranha. Em geral é um lugar onde fomos por muitos anos – não importa se há intervalos

pelo meio, troca de analistas ou outros vai e vens. E ademais para mim é um espaço onde as pessoas vão inteirar-se de algumas coisas. Essas coisas das quais alguém se inteira modificam de modo profundo aspectos diferentes da vida: a relação com o próprio corpo, com o trabalho, com o amor, o modo de habitar os laços, o modo de fazer com o mal-estar, o padecimento e inclusive a angústia. Alguém pode inteirar-se de coisas como essas: a angústia é um afeto que não podemos evitar ou suprimir da vida, porém sim, podemos experimentá-la dos modos mais diversos, e mais ainda é como um sinalizador das páginas de um livro: se está ali, é porque indica algo importante, que teremos que ler.

Nos inteiramos de mais coisas na análise. Há um ponto de irremediável solidão, em que se está completamente só, e isso não se deve a alguma ineficiência própria ou a uma insolvência dos outros para nos acompanhar. Simplesmente é impossível. A palavra, seus jogos, enigmas, acertivas, essas que nos mantiveram ali tanto tempo falando, e nos aparece essa ideia: poderia seguir aqui falando, durante anos, porém para quê? Não responde a uma falta de criatividade o não poder encontrar o para quê? Uma finalidade para seguir falando; mas se experimenta a tradução de um texto de um sonho: *enough is enough*. Assim em outro idioma, em uma língua que acreditava conhecer, porém que é estrangeira; assim sem mais sentido, suficiente é suficiente, o significante que morde o próprio rabo. É tão claro isso, como a desilusão que provoca: e alguém que havia escolhido trabalhar com a palavra, que se havia consagrado a ela, que se fascinou tanto tempo como quem idolatra a um deus que agora se sabe tão pagão como impostor! Os altares caem vazios, decepção que alivia.

Mas coisas ainda acontecem na análise. Coisas se encontram, e coisas se perdem, e aparecem outras ou não. Parece que havia uma novela, um mito, um espectro ou fantasma que estruturava a vida toda e se dizia com essas palavras: “a menina que fazia bem os deveres”. Acontece que essa menina, decide deixar a infância, se despede dela em sonhos de forma irreversível. “Fazer bem os deveres” supõe que há alguém que os determina, que vigia e que julga com rigor tirânico os deveres feitos, que resultarão sempre insuficientes, deixando na insuficiência também o autor dos mesmos. Olhar que pesa mais que chumbo. As palavras valerão o que valem, porém, a vantagem é que permitem equivocar, fundamentalmente quando se as escreve. O nome próprio já não representa, não diz muito. Dizem mais os poemas que escrevo, nos quais cada um lerá o que deseja. De repente um relâmpago ilumina: sou como meus poemas uma referência equívoca. Se perde a menina dos deveres, se encontra o equívoco, que mais do que olhar se escuta, se diz. O olhar pesa um pouco menos, um pouco que é muito.

Coisas como essa se encontram na análise e coisas se perdem. Aparece uma valentia que não se conhecia até então. Toma-se impulso, coragem e com uma solidão, com uma certeza louca, com pena, sem glória, diz assim: acabou-se. Do outro lado, o ouvinte- que acompanhou toda a travessia, que a sustentou e a tornou possível, - no mais absoluto silêncio. Dói, a alma se sente que dói, porém de uma maneira mais amável. Sente-se algo que deve ser parecido com a liberdade. Termina, uma análise, sim termina.

Agora fica pendente um assunto, não menor: se produziu um profundo desencanto com as palavras por ter se comprovado que são insuficientes para algumas coisas, que por muitas voltas que fazemos chegam a um limite infranqueável. Mas como já disse trabalha-se com palavras, escutando a outros que o que dizem em geral são palavras. Então começa um movimento pendular, se sobe em uma rede que em um extremo faz roçar com as pontas dos dedos do pé a desilusão mais profunda pela linguagem, e por outro extremo toca novamente a clara percepção de que serve para algo. Enquanto se vai e vem entre a decepção e o consolo suspeita-se que o destino que lhe espera é o mesmo com o qual se encontrou seu próprio analista: ser deixado, assim, sem mais. A pergunta então é inevitável: porque eu quereria ocupar esse lugar para outros sabendo já do que se trata? Eu não tenho dúvidas, mas não

posso sequer balbuciar os motivos. Como pode-se estar tão convencido de algo que nem sequer se sabe? Indeterminação que se mantém por vários meses com seus respectivos dias.

Até que - deve sempre haver um “até que...” e para que avance a história - encontra-se a resposta, uma saída possível. E onde? Precisamente no nível da experiência em seu encontro com uma contingência. Acontece que em um belo dia, atendo pela primeira vez a uma paciente; ela senta-se sem apresentações e protocolos e fala. Só fala de coisas que aos outros poderiam parecer loucas, muito loucas: clones, sequestros, identidades familiares substituídas e ela ali sentada na cadeira abraçando sua certeza. |Em um momento dessa entrevista, se faz presente, sem pedir licença e se instala em mim uma angústia enorme, que me deixa a beira de me converter em pedra. Isso fala, eu, angústia. Ao terminar a entrevista a pergunta retorna com insistência e maior força: porque faço isso? O que me move a ocupar esse lugar que muitas vezes não tem nada de cômodo? Penso que não quero mais atender pacientes, penso que sim quero. Novamente a rede, vou e venho. Terei que voltar à análise para fazer algo com a angústia? Silêncio, profundo, radical; silêncio de pensamentos e de afetos. Nesse instante decido pedir o passe e escrevo para solicitar a admissão no dispositivo, com uma segurança surpreendente por algo que não é precisamente que tenha algum sentido para mim, só sei, sei que quero fazê-lo. A análise não é mais um lugar para voltar, pois não esperaria do analista nenhum saber, foi construído nessa experiência um saber-fazer com a angústia, que agora não paralisa, mas serve para por algo em movimento.

O dispositivo em si é uma experiência a mais singular, é única. Tem indicações mínimas para seu funcionamento, mas uma grande parte do que acontece ali, não só esta sujeito a numerosas contingências, mas deixa nas mãos dos que compõem o dispositivo determinar o como se faz. É uma experiência que lança algo com muita clareza: o saber não se encontra em nenhum dos envolvidos, todos estão atravessados por um não-saber. Não sabem os passadores que podem ocupar essa função, será por sorteio de nomes de uma lista na qual nem sabem que estão. O passante não sabe quem serão seus passadores, nem sabe o que dirá- o dispositivo se baseia na ocorrência. O cartel não sabe o quê, nem de quem escutarão o testemunho... enfim, não se sabe, e apesar disso se aposta em operar com o que não se sabe. Esta não é uma ignorância plena pois se sabe: o que se construiu em cada um como experiência de seu próprio inconsciente, e é com isso que se sabe operar .

Já com o dispositivo em andamento, algo acontece: em uma entrevista com uma das passadoras, esta pergunta algo- não recordo exatamente o quê- sobre a nomeação de AE (Analista da Escola). A única coisa que aparece com o som dessas letras é outra coisa: um lapso de escritura que aparece na infância e que jamais levei para a análise, porque não era algo que incomodava demais. O lapso consiste em que, ao escrever – a mão, em computador- troco indistintamente o A pelo E e vice e versa. E se dá ali uma interpretação inédita, construída já sem a interpretação de um analista – porque o lugar de um passador não é idêntico ao do analista. O A é a primeira das vogais, o E é a segunda, quer dizer implicam um lugar em uma série, uma ordem. O A é a inicial do nome próprio e a inicial do nome de um irmão, o mais velho falecido quando eu tinha pouco mais de um ano. Sempre disse que era a mais velha dos irmãos, sem contar o irmão que já não está. Eu que sou a segunda ocupo o lugar do primeiro como no lapso da escritura, se trocam os lugares. Por sua vez há algo de uma identificação com esse irmão morto que tive por toda a vida. Nesse lapso de escritura que havia insistido durante tanto tempo, me recordava aquilo que eu desejava omitir: uma morte marcou minha vida e a identificação a um lugar algo sinistro. Por sua vez encontrava nele uma saída, uma troca de posição possível, que implicava menos padecer. O lapso continha em si mesmo uma resposta libertadora, uma margem de eleição possível: equivocar era o correto. Passei da morta (que em espanhol termina com A) palavra que me implica toda, uma espécie de toda-morta; à morte, que termina com E em espanhol. A morte em troca é uma parte do que está no horizonte, para mim, como para todos os seres humanos. Pude encontrar-me não-toda morta, apenas com a morte como fatalidade irremediável, porém que deixa aberto o espaço da vida.

Passo de mort-a a mort-e. “A” que se perde, que perde, que faz perder, que cai. A construção dessa interpretação no passe foi para mim profundamente comovedora.

Pude então diante dessa experiência, esboçar uma resposta. Para isso o passe. De minha parte, há uma coisa que sei fazer: equivocar letras, equivocar a escritura. Uma das coisas que faço bem é equivocar, e encontrei um ofício no qual isso é valioso. A função do analista é também equivocar a ortografia, a escritura; ao fazê-lo abre possibilidades perante destinos que pareciam cerrados, escritos com tinta indelével. Uma parte de nosso destino será assim, “inmodificável”; porém outra pode se equivocar um pouco. Por sua vez o lugar do analista implica poder ocupar o lugar de morta, porém para isso há que estar muito viva!

Para finalizar, assinalarei outro aspecto curioso, ser nomeada como AE, tem também para mim eco da referência equívoca, do lapso. Junto a nomeação tenho a sensação de que há nisso algo de fraude. Existem outros que demandam que eu compartia um saber que supõem que eu tenha mas, eu não acredito tê-lo. Sou uma fraudadora? O sujeito suposto saber é uma fraude, uma fraude fundamental, fraude no ponto em que não pode sustentar sua promessa para sempre, a promessa irá decepcionar. O que posso contar eu a todos os analistas que parecem ter grande interesse por escutar, não tenho ideia do quê? Como verão vocês a neurose não se cura. Porém passado um tempo de tonturas e confusões me aparece a seguinte ideia: voltar a certeza louca, estranha que me levou a pedir admissão ao dispositivo. Algo sei não todo. Porém nesse saber que pude construir na análise, no passe – há um enorme desafio: já não se trata somente da teoria da psicanálise de articular citações de Freud, Lacan, ou de quem seja; não se trata do tempo acumulado de trabalho na clínica; trata-se de autorizar-me a partir de um saber construído em uma experiência, o que faz que essa experiência adquira um enorme valor.

Desse desejo que me causa, motiva a ocupar o lugar de analista, eu poderia ficar com a sensação que se produziu ao final da análise que é “não tenho provas, porém tampouco dúvidas”. Sem objeções acredito que a questão é pôr-se a produzir essas provas, e algo disso pode acontecer no passe: “não tenho dúvidas, me colocarei a trabalhar para gerar essas provas” não apenas para mim, mas também para outros, para a Escola. Isto porque compartilhamos, talvez, o interesse de que a psicanálise não seja reduzida só a um montão de coisas que se dizem, mas demonstrar que essa experiência tem consequências, consequências a nível de como pode que alguém seja ou não recém-chegado, queira se tornar analista.

Tradução: Elisabeth Da Rocha Miranda

CONCLUSÕES

Diego Mautino
 AME
 Roma, Itália

Junto com Rosa Guitart-Pont, faremos um ponto sob o tema que o CIG propôs para esta Jornada da Escola: «O passe: experiência e testemunhos». Tema no qual ressoa também, seja a ‘passagem do testemunho’ na série bienal que continua com este IV Encontro Europeu da IF-EPFCL em Veneza, como a perspectiva do XIII *Rendez-vous* internacional da IF-EPFCL: «A ética da psicanálise e as outras», de 23 a 26 de julho de 2026, em São Paulo, Brasil. Enquanto isso, estamos convocados para as *Journées Nationales de l’EPFCL-France*: «A aventura psicanalítica e a sua lógica», em Paris, de 29 a 30 de novembro de 2025. A experiência do passe... testemunha de uma aventura?

Do impossível testemunhar, *um desejante novo?*¹

Desde as *Répliques* preliminares e do início desta Jornada da Escola, foi colocada a questão do testemunho de uma experiência que, para o psicanalista, consiste no atestar de uma verdade impossível de dizer — porque, precisamente por esse impossível, a verdade concerne ao real². O ato psicanalítico, nunca detectado antes, é o que supomos no momento eletivo no qual o analisante passa a psicanalista — qualquer outra condição permanece contingente. A transmissão da experiência particular se depara assim com a aporia do resumo, porque nem o desejo nem o ato podem funcionar como predicado. De acordo com a “estruturação analítica da experiência”, sob o impossível testemunhar, Lacan funda o dispositivo do passe ao desejo e ao ato do analista.

Apesar das lembradas ‘virtudes do esquecimento’³, Lacan construiu o *passe contra o esquecimento*⁴, com um dispositivo que se opõe a isso, para contrastá-lo. O dispositivo do passe é capaz de abrir o campo fechado da análise à coletividade, estabelecendo um ponto de junção entre a intensão e a extensão. Para evitar a extinção da psicanálise, Freud assumiu o risco, sempre atual, de uma certa estagnação, promovendo as “sociedades analíticas”. Para contrapor-se à inércia dos grupos⁵, Lacan avança com o dispositivo do passe na Escola: apostando ao contrário, no dizer singular dos passantes e na elaboração coletiva que pode seguir a isso.

¹ C. Soler, *Un désirant nouveau ?* Éditions *Nouvelles* du Champ lacanien, Paris 2023, pp. 79-81.

² Cf. D. Castanet, «Verdade, testemunho e ato», Jornada da Escola: «O passe: experiência e testemunhos», IV Convenção europeia da IF-EPFCL, Veneza, 12 julho 2025.

³ Cf. E. Thamer, «Experiência, testemunho, esquecimento» e também D. Kolonia, «Aberração», Jornada da Escola, *cit.*

⁴ S. Aparicio, «O passe contra o esquecimento», em *Wunsch* n° 14, p. 16.

⁵ Cf. Armando Cote, «Nada é igual», Jornada da Escola, *cit.*

Com o passe e os testemunhos que o nutrem, conseguimos, enquanto Escola, contrastar o esquecimento deste ato, a ‘ficar na brecha’⁶ e a manter aberto o furo no saber que implica o real em jogo?⁷ Embora a série das contribuições que temos escutado prova que a experiência do passe perdura há mais de cinquenta anos! A função analítica sustentada no dispositivo *a vários – à plusieurs*: passante, passadores, secretariado, cartéis, AE – tem um efeito de ‘empurro à associação’. Lacan desenvolveu o fundamento real desse ‘empurro à associação’ do psicanalista, que se encontra em uma posição insustentável, com aqueles que compartilham com ele um saber do qual não podem conversar⁸.

«É necessário tomar a medida do paradoxal saber do analista, que não é bem entendido o saber do inconsciente. É o saber atinente ao ato analítico, que condiciona também o ato.»⁹ O ato analítico não identifica, permite ao sujeito de se historicizar, mas o ato não se historiciza. Que não se historicize significa que não há memória do ato analítico no sentido em que a memória é uma inscrição. O ato opera, produz efeitos, há traços dos efeitos, mas esses traços e esses efeitos estão do lado do analisante. Do lado daquele que suporta o ato, não há traço, não há memória. O saber do psicanalista, enquanto saber sobre o ato, é, portanto, um saber sem texto.

Onde há do saber que se elabora, na psicanálise como na ciência, o saber e a ignorância vão juntos, quanto mais um cresce, mais o outro se estende. A elaboração do saber inconsciente parte da ingenuidade daquele que não sabe ainda que as suas esperanças se depararão contra um real. Será necessária uma análise, didática, para ter alguma chance de progredir em ignorância, de passar da ignorância crassa à douta à medida que aprenderá da sua própria análise. Se o resultado fosse apenas esse, seria tão apreciável? A psicanálise continuaria a ter sucesso no mercado?¹⁰ Pode-se dizer que sim, seguramente, porque a diferença em relação a todos os outros é que o saber do inconsciente, mesmo que seja uma elucubração de saber furada, é próprio de cada um, não universal, é singular, e que cada um está, portanto, envolvido no mais íntimo, diferentemente do saber da ciência.

No entanto, Lacan assinalou que a fascinação pelo não saber, mesmo o mais douto, tem um sentido: evitar o real em jogo na psicanálise. Agora bem, este real, não se reduz a aquele da linguagem que a lógica permite abordar, mas sim aos efeitos do real da linguagem sobre o próprio corpo de gozo. Na psicanálise, as palavras para dizer esse real são: desejo, pulsões e sintoma. É o registro que Freud chamava econômico, e é nesse nível que há passagem ao ato do analista, se o desejo do analista faz *um desejante novo*¹¹.

Retomo uma questão levantada por Colette Soler em Madri que, “deveria nos interpelar, vindo como vem daquele que inventou o passe, assim como Freud inventou o inconsciente. Essa diz qual é o não saber que conta no final — e não é o do inconsciente. [...] na passagem à analista

⁶ Cf. Ana Maeso, «Estar na brecha»; Cristelle Suc, «Po-ética [*Poétique*] do sopro», Jornada da Escola, *cit.*

⁷ Cf. E. Thamer, «Experiência, testemunho, esquecimento», Jornada da Escola, *cit.*

⁸ Cf. J. Lacan, «Os psicanalistas são sábios de um saber que não podem [conversar].» Em «Da psicanálise em suas relações com a realidade» [1967], em *Outros escritos*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro 2003 p. 358, § 7. [*Trad. ns.*]

⁹ C. Soler, *La politique de l'acte*, Cours CCP-Paris 1999-2000, p. 143.

¹⁰ J. Lacan, «[...] que a análise continue a dar dividendos no mercado», em «Nota italiana» [1973], *Outros escritos*, *op. cit.*, p. 314.

¹¹ Cf. Nota 1.

o sujeito muda de lugar «para operar nele como quem o ocupa», seu analista portanto — até aqui tudo bem, a frase é meramente descritiva — mas ele acrescenta, cito, «embora, dessa operação, não saiba coisa alguma»¹². E eis talvez a ignorância ou a nova ingenuidade de final que conta: não é o não saber do inconsciente, mas o não saber da ‘operação’ para quem vem a assumir o ato analítico.”¹³

O não saber da “operação” para quem vem a assumir o ato analítico leva a *efeitos* — que são *aeifeitos* — do real da linguagem sobre o próprio corpo de gozo. Lacan indica o entusiasmo¹⁴ e a satisfação¹⁵ que marca o fim da análise¹⁶. Através do próprio modo, inverossímil, de «*ferrer, 99le lalangue*», o que equivoca com fazer-real *alíngua*¹⁷, esses *aeifeitos* põem limite ao “fazer verdadeiro” da análise, ao sonho da verdade com sua promessa de infinitude. Lacan escreve que dar a satisfação que marca o fim da análise é a urgência à qual a análise preside, e acrescenta, «uma urgência que não se tem certeza de satisfazer, exceto depois de havê-la pesado»¹⁸. Havê-la pesado quando... se não nos preliminares? Em vez que de uma iniciação aos mistérios do não saber, trata-se, portanto, de «Concluir os preliminares»¹⁹.

A experiência do passe... testemunho de uma aventura? Cada vez, uma aventura de... recém-chegada!²⁰

Tradução do autor

Revisão: Ida Freitas

¹² J. Lacan, «Discurso na Escola Freudiana de Paris», em *Outros escritos*, *op. cit.*, p. 282, § 2.

¹³ C. Soler, «Ponto de vista», em *Wunsch* n° 25, p. 85.

¹⁴ J. Lacan, em «Nota italiana» [1973], *Outros escritos*, *op. cit.*, p. 313.

¹⁵ Cf. P. Seretis, «A experiência que faz falar», Jornada da Escola, *cit.*

¹⁶ J. Lacan, «Prefácio à edição inglesa do Seminário 11», em *Outros escritos*, *op. cit.*, pp. 569-9.

¹⁷ J. Lacan, «*ferrer, elle, lalangue, ce qui équivoque avec faire-réal*», em *L'insu que sait de l'une bévue...*, Lição do 19 abril 1977.

¹⁸ J. Lacan, «Prefácio à edição inglesa do Seminário 11», *op. cit.*, pp. 569, § 2.

¹⁹ C. Soler, «Concludere i preliminari», in *Come iniziano le analisi*, Atti del Campo Freudiano, Scuola Europea di Psicoanalisi, 1995, pp. 70-7. <https://www.praxislacaniana.it/shared-files/17271/?Concludere-i-preliminari-Colette-Soler-1.pdf>

²⁰ Cf. A. Cedolini, «Papéis de uma recém-chegada: testemunho de uma experiência», Jornada da Escola, *cit.*

PONTUAÇÃO

*Rosa Guitart-Pont
AME,
Secretária do CIG 2025-2026 para Europa
Paris, França*

À guisa de pontuação desta Jornada de Escola, farei alguns breves comentários sobre o que foi evocado, começando pelas modificações de que dão testemunho os passantes e que fazem com que, depois de uma análise, “nada seja igual”, como foi destacado. Essas modificações, Lacan as teorizou colocando o acento ora em uma, ora em outra, conforme os momentos de seu ensino. Digamos, para abreviar, que elas resultam da assunção da castração simbólica, da travessia da fantasia, da destituição subjetiva e da identificação ao sintoma.

Se essas modificações fazem parte da teoria analítica, é porque são comuns aos sujeitos que se submeteram à experiência do divã, ao menos àqueles que a levaram até o fim. E, se são comuns, é porque resultam da assunção de uma falta universal própria à estrutura da linguagem. Mas, como essas modificações se expressam de maneira singular em cada analisante, podemos dizer que aquilo que o passante pode testemunhar é a sua maneira singular de assumir a falta estrutural que, por sua vez, é universal.

No entanto, essas modificações não dão conta do desejo que impulsiona um analisante a ocupar o lugar de analista, o que, no fundo, é o que levou Lacan a inventar o dispositivo do passe. Observemos que, no tempo de Freud, a questão do desejo do analista já se encontrava subjacente na noção de contratransferência. Mas, não se trata do mesmo desejo que Lacan interroga. Freud advertia contra os perigos da contratransferência, na medida em que, mobilizando o inconsciente do analista, poderia colocar entraves à análise do seu paciente. Em contrapartida, o desejo que Lacan interroga não é aquele que faz entrave à análise, mas, ao contrário, é aquele que a torna possível. O que ele interroga é, portanto, um desejo inédito, que só emerge ao final da análise e que não se sustenta na fantasia do analista.

O problema é que esse desejo não é predicável. Esse desejo apenas se infere do ato analítico, que, por sua vez, só se infere de seus efeitos. Pode-se dizer que, assim que, em um testemunho, se interroga essa virada onde se perfila o desejo de analista, nos confrontamos com uma aporia, pelo fato de que esse desejo só é verificável a posteriori. Essa aporia foi evocada essa manhã, em associação às reflexões de Giorgio Agamben sobre a aporia de Auschwitz, à qual se confrontavam aqueles que testemunhavam sua experiência nos campos de extermínio. Se essas duas aporias podem ser aproximadas é porque, como sublinha Agamben, a questão do testemunho colide com uma concepção irrepresentável da verdade. O que equivale a dizer que A verdade com A maiúsculo é barrada. Isso se articula muito bem com o oxímoro lacaniano da “verdade mentirosa”, que é, no fim das contas, aquilo de que se testemunha no passe.

É a identificação ao sintoma que põe fim à verdade mentirosa, produzindo uma virada na economia de gozo. Essa virada, que implica a queda do sujeito suposto saber, ocorre quando o analisante percebe que só o seu sintoma sabe o que ele é. Pode-se dizer que essa identificação de fim de análise é antinômica a qualquer axiologia. Por isso Lacan propõe que a experiência analítica seja “sem valor”. Os valores vêm, com efeito, do Outro e pertencem ao simbólico, enquanto a identificação ao sintoma concerne àquilo que o sujeito tem de mais real e que nada

deve ao Outro. Mas como pode o passante testemunhar tal identificação, uma vez que por definição, o real não é feito para ser sabido nem transmitido? Estamos diante de uma outra aporia. Assim, a única coisa que pode provar que essa identificação ocorreu é a satisfação no final da análise. Não é, portanto, um enunciado que prova, mas um afeto. Isso foi lembrado hoje, especificando que à satisfação de fim de análise pode se acrescentar o entusiasmo que está na origem do desejo de analista. Ora, se de fato é importante levar esses afetos em consideração, é porque eles testemunham que não apenas o sujeito se reconheceu naquilo que tem de mais singular, a saber, seu modo de gozo, mas que ele sabe-fazer com isso... o suficiente para se satis-fazer.

Esse “saber fazer”, longe de significar que se domina o real, fora sentido, significa apenas que se vira com isso. E é justamente esse se virar que Lacan sugere, a meu ver, quando diz que, se tivesse feito o passe, poderia ter dito ali: eu sou poema e não poeta, mas eu assino. Poderíamos então dizer que um dos desafios do cartel do passe é escutar o poemático para além do aporético, e verificar se o passante assinou o poema que ele é, o que implica uma certa ética. Ora, como também foi sublinhado esta tarde, ao manter-se na fenda é que se pode escutar a “poética do sopro”.

Manter-se na fenda é estar à espreita do que se passa do outro lado. E o que permite estar à espreita do “po-ético” no outro é ter previamente escutado e assinado o poema que se é. Este pré-requisito é, com efeito, necessário para suportar o ato de que o analista tem horror, como Lacan sublinhou, na medida em que ele é condicionado pela queda do sujeito suposto saber. Mas, isso ainda não nos diz por que o fato de ter experimentado, em sua própria análise, a virada que daí decorre induz o desejo de experimentá-la no outro.

Em “O saber do psicanalista” (lição de 1º de junho de 1972), Lacan diz: “É completamente anormal — objeto a normal — que alguém que faz uma psicanálise queira ser psicanalista. É preciso realmente uma espécie de aberração [...]”. E é precisamente um esclarecimento sobre essa aberração que Lacan esperava dos testemunhos do passe. Ou seja, era sobre a expectativa de um saber *in progress* que repousava sua aposta no passe.

O que foi sublinhado, enfim, esta tarde, é que o pensamento é aberrante por natureza. Sabendo que aberração vem de *errare*, podemos dizer que o pensamento erra porque ele não permite a conclusão. É a queda do sujeito suposto saber que interrompe essa errância, ao se abrir para um saber sem sujeito que porta o gozo. E é isso que abre a possibilidade do passe à analista. Ora, o que se testemunha desse passe é, mais ainda, um afeto, ou seja, o entusiasmo que implica que o horror ao saber foi ultrapassado. Por isso Lacan fez desse afeto o signo do analista. É preciso sublinhar que tal afeto não surge automaticamente. Ele depende, também, de uma posição ética do sujeito diante daquilo que descobriu e que o transcende. Podemos dizer que o entusiasmo que está na origem do desejo de analista depende do que Lacan chama de a obscura decisão do ser.

Para concluir, faço eco à questão levantada pelo CIG anterior e que não pode deixar de nos interrogar: “Como é possível que haja tão poucas nomeações?”. Não tenho, evidentemente, a resposta, mas terei essa pergunta em mente para interrogar o que orienta os cartéis do passe a nomearem, ou não, um AE (Analista de Escola).

Enquanto isso, creio que o que podemos esperar de melhor, para além das nomeações, é que a experiência do passe não cesse de nos ensinar sobre o desejo e o ato analítico, para que o saber teorizado não se torne uma língua morta. E aquilo a que deveríamos velar é que essa experiência, na qual o passante testemunha o “autorizar-se”, não se torne um “auto(ritual)izar-se”. Já era contra esse risco que Lacan alertava, implicitamente, na “Nota italiana”.

Essa ritualização, que sempre pode se produzir, tanto do lado dos passantes/passadores quanto do lado do cartel do passe, é evidentemente o contrário da invenção. Ela colocaria fim à esperança de um saber *in progress*, em benefício de um refrão comum, no sentido de todos “*como-Um*”. Apostemos, então, no entusiasmo de uns e de outros para evitar esse obstáculo e para zelar pelo que mantém viva a experiência analítica, cuja especificidade é acolher a diferença absoluta para além da lei estrutural à qual todos estamos universalmente submetidos.

Tradução: Pollyana Almeida

PRÓXIMOS EVENTOS

« A ética da psicanálise e as outras »

XIII° Encontro da IF-EPFCL

**« Passe a analista: aporias do
testemunho »**

IX° Encontro Internacional da Escola

23-26 julho 2026 - São Paulo, Brasil



IXº ENCONTRO DE ESCOLA – EPFCL, 23 DE JULHO DE 2026

Passa a analista: aporias do testemunho

Argumento

Rosa Guitart-Pont

“O que pode surgir na mente de alguém para se autorizar a ser analista?”¹

O desejo do analista é um desejo inédito que, como precisa Lacan, só surge no final da análise. O que torna, portanto, a novidade desse desejo é que ele não se sustenta no fantasma, já que o final da análise implica sua travessia. Resta então saber em que se baseia esse desejo. E essa é precisamente a pergunta que Lacan fazia aos passantes dispostos a participarem da experiência, cujo procedimento ele inventou em 1967.

Apesar do interesse dessa experiência, é preciso reconhecer que os depoimentos dos passantes se deparam com diversas aporias. Uma delas resulta do fato de que, no ato analítico, o analista não opera como sujeito. Em vez disso, ele assume “esse risco louco de se tornar o que é esse objeto a²”. Mas isso requer que ele tenha identificado a causa de seu horror de saber. “A partir daí, ele sabe ser um resíduo”, diz Lacan em 1973, na *Nota italiana*, e acrescenta: “Se ele não é levado ao entusiasmo, é bem possível que tenha havido análise, mas analista, nenhuma chance³”.

Lacan considera, portanto, que o entusiasmo é uma premissa necessária do desejo do analista e o associa ao fato de saber ser um resíduo, ou seja, aquele resíduo rejeitado que é o objeto a⁴. Se esse objeto é rejeitado, é devido ao horror que provoca, pelo fato de destituir o sujeito. Ao contrário do sujeito — que é o efeito do significante —, esse objeto se refere ao que o sujeito tem de mais real, ao que está fora do simbólico e, portanto, fora do sentido. Poderíamos então dizer que a passagem do horror do saber ao entusiasmo ocorre quando o analisante acaba percebendo que somente esse objeto rejeitado (no inconsciente) sabe o que ele é como “ser de gozo”. O reconhecimento desse saber no real, que é acompanhado pela queda transferencial do sujeito suposto saber, é o que permite ao analisante se autorizar em sua “diferença absoluta” e se satisfazer em saber fazer com ela.

O entusiasmo expressa, no entanto, algo mais do que “a satisfação que marca o fim da análise⁵”, da qual Lacan fala em 1976. Em sua origem, a palavra entusiasmo, derivada do grego “entheos”, designava um êxtase devido a uma revelação divina que transcendia o sujeito. Baseando-nos nesse significado etimológico, poderíamos dizer que o entusiasmo, que está na origem do desejo do analista, é o resultado de uma revelação devida, não à palavra do divino, mas ao dizer do divã. Esse entusiasmo gera, em alguns, o desejo inédito de transmitir essa

¹ Lacan J. (1978) Intervenção conclusiva em Deauville, sobre: A experiência do passe, em “*Lettres de l'École*”, 1978. Nº 23

² Lacan J. (1977) A propósito da experiência do passe e da sua transmissão. *Ornicar?* Nº12/13, p. 120

³ Lacan J. (1973) *Nota italiana*, Outros escritos, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.,2003, p.313

⁴ Lacan J. (1974) *Os não-tolos erram*, Seminário XXI, inédito, lição de 9 de abril

⁵ Lacan J. (1976) *Prefácio a edição inglesa do Seminário 11*, Outros escritos, op. cit. p. 568

revelação que transcende o sujeito. Esse desejo de transmissão diz respeito, por um lado, à elaboração teórica do saber extraído da experiência analítica e que permite fazer Escola. Mas esse desejo diz respeito, em primeiro lugar, a colocação em prática das condições necessárias para que a revelação possa ocorrer individualmente, no divã, caso a caso.

O que o cartel do passe deve então questionar é o que no passante dá testemunho desse desejo, o que implica que ele levou em conta o saber sem sujeito, que reside no real. O problema é que o real não foi feito para ser conhecido e transmitido. Daí a aporia que evoquei. A transmissão é, de fato, o ato de um sujeito que pensa. Mas, assim que se pensa, já não se está no inconsciente real.

A única coisa que se pode testemunhar é sobre a “verdade mentirosa”. Esse oxímoro, introduzido tardiamente por Lacan, reflete o desenvolvimento de seu ensino. Assim, no início, ele fala do inconsciente como da verdade do sujeito. Ele até especifica que o inconsciente diz a verdade sobre a verdade⁶. Por outro lado, seus últimos desenvolvimentos revelam que a verdade não alcança o real ao qual aspira. Outro resultado desse “work in progress” lacaniano é a constatação de que são os afetos (entusiasmo, satisfação) que testemunham sobre o levar em consideração o saber no real.

Ao propor o passe, Lacan não estava apostando em um «work in progress» coletivo?

Essa experiência, - que recolhe os testemunhos singulares do passo a analista, não deveria, de fato, contribuir para que o saber depositado na doxa não se tornasse a litania de um saber *comUm?*

A Jornada da Escola de 23 de julho de 2026, em São Paulo, nos oferecerá a oportunidade de questionar a pertinência da aposta do passe, levando em conta suas aporias.

⁶ Lacan J. (1966) *A ciência e a verdade*, Escritos, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998, p.882

Agradecimentos

A WUNSCH 26 foi editada pelo CIG (2025-2025).

Agradecemos especialmente a todos os tradutores : Pollyana Almeida, Dyhalma N.Ávila-López, Daniela Batista, Elynes Barros Lima, Beatriz Chnaiderman, Sara Fernandez, Maria Cláudia Formigoni, Ida Freitas, Sérgio Garrido, Luciana Guarreschi, Matías Laje, Lucília Maria Abrahão e Sousa, Diego Mautino, Carolina Moreirão., Elisabeth da Rocha Miranda, Cláudia Rios, Lia Silveira, Matias Laje, Elizabete Thamer.

INDICE

<i>Editorial, Dyhalma Ávila-López</i>	3
JORNADA INTERAMERICANO DE ESCOLA REINVENTAR A PSICANÁLISE: UMA ESCOLA PARA ATIVAR, ATRAVÉS DA REPETIÇÃO, O NOVO	
ABERTURA, DYHALMA ÁVILA-LÓPEZ	6
MESA 1: TEMPOS DO AE: DEPOIS DE TESTEMUNHAR, O QUÉ?	9
A CONTINGÊNCIA CONTA, <i>ADRIANA GROSMAN</i>	9
MITO-LÓGICA, <i>CHRISTELLE SUC</i>	12
TRABALHO D'ES-COLA, <i>CONSTANZA LOBOS</i>	18
DE UMA À OUTRA, <i>DIMITRA KOLONIA</i>	22
MESA 2. DO QUE FALAMOS QUANDO FALAMOS DE DESTITUIÇÃO SUBJETIVA ?	28
O ATO DE DESTITUIR-SE SUBJETIVAMENTE, <i>IDA FREITAS</i>	28
DO QUE FALAMOS QUANDO FALAMOS DE DESTITUIÇÃO SUBJETIVA?, <i>MATIAS LAJE</i>	34
MESA 3. A REPETIÇÃO, O NOVO	37
NÃO PROCURO, ENCONTRO, <i>SILVIA MIGDALEK</i>	37
A EXPERIÊNCIA E A REPETIÇÃO, <i>SONIA ALBERTI</i>	41
DE REPETIÇÃO À REPETIÇÃO: DO AUTOMATON À THYKÉ, <i>CLARA CECILIA MESA</i>	44
JORNADA DE ESCOLA DA IV CONVENÇÃO EUROPEIA DA EPFCL O PASSE: EXPERIÊNCIA E TESTEMUNHOS	
ARGUMENTO	50
VERDADE, TESTEMUNHO, ATO, <i>DIDIER CASTANET</i>	52
NADA É COMO ANTES, <i>ARMANDO COTE</i>	56
OS EFEITOS DOS AFETOS NO PASSE, <i>TERESA TRIAS</i>	62
SABER FAZER COM O SINTOMA, SABER FAZER COM LALANGUE, <i>CLOTILDE PASCUAL</i>	65
A EXPERIÊNCIA QUE FAZ FALAR, <i>PANOS SERETIS</i>	68
TESTEMUNHO, EXPERIÊNCIA, ESQUECIMENTO, <i>ELISABETE THAMER</i>	71
ESTAR NA BRECHA, <i>ANA MASEO</i>	74
O AE COMO TESTEMUNHA DOS PROBLEMAS CRUCIAIS DA PSICANÁLISE, <i>ELYNES LIMA</i>	77
POÉTICA DO SOPRO, <i>CHRISTELLE SUC</i>	80
DES-FAZER, <i>CONSTANZA LOBOS</i>	83
DE PASSANTE A ANALISTA DA ESCOLA, UMA FALHA FECUNDA, <i>PASTORA RIVERA</i>	86
ABERRAÇÃO, <i>DIMITRA KOLONIA</i>	89
PAPÉIS DE RECÉM-CHEGADA: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA, <i>AGUSTINA CEDOLINI</i>	93
CONCLUSÕES, <i>DIEGO MAUTINO</i>	97
PONTUAÇÃO, <i>ROSA GUITART-PONT</i>	100
PRÓXIMOS EVENTOS	103
IXº ENCONTRO DE ESCOLA - ARGUMENTO	104
AGRADECIMENTOS	106